

BIBLIOTECAS CONTEMPORÂNEAS EM PORTUGAL

Edifícios Reabilitados e Construídos de Raiz: 4 casos de estudo

MARIA RITA CARVALHAS DE SERRA E SILVA
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA
Sob a orientação do Professor Doutor José Fernando Gonçalves

Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra
DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA
Coimbra, Julho de 2012



AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Doutor José Fernando Gonçalves, pelas conversas e disponibilidade durante este percurso, como orientador desta dissertação.

À Prof. Doutora Maria da Graça Simões pela simpatia e interesse que desde sempre mostrou pelo tema desenvolvido, bem como partilha de experiência, motivação e ajuda.

Ao Prof. Doutor Carlos Fiolhais, pelo entusiasmo para que este trabalho chegasse ao fim, pela leitura atenta, comentários pertinentes e livros emprestados.

Ao Prof. Doutor Rui Lobo, pela disponibilidade na cedência de material.

Aos meus Pais, pela educação e formação, pela família e por sermos juntos o que somos...
... por estarem sempre por perto em momentos mais incertos e tempestuosos!

Ao Gonçalo e à Teresa, pela preocupação disfarçada de indiferença, bem como todo o apoio que me deram nos últimos tempos.

À restante (GRANDE) família, por estar sempre perto...
... mesmo quando mais distantes!

Ao Tio Pedro e à Tia Ana, pela hospitalidade.

À Maggie, pela motivação e exemplo.

À Tia Paula, um carinhoso obrigada pela leitura cuidada e correcções pontuais.

Aos amigos e colegas do d'ARQ, por todo este percurso, pelas noitadas de projecto, pelos tão bons momentos destes últimos anos e por toda a vida académica.

À Madalena, Chica e Pipa, por se terem tornado os meus raios de sol em dias mais cinzentos, pelos nossos momentos, risos, partilha e apoio incondicional.

À Nocas pela companhia ao longo desta maratona!

Às "Five (& IVA)" pelas nossas festas...

À Inês, pelas conversas infindáveis... "se é que me entendes?!"

À Maria João, pelos conselhos e ajuda na pesquisa de bibliografia.

A todos os que, directa ou indirectamente, possibilitaram a concretização deste trabalho, pelo apoio e cuidado sempre demonstrados.

SUMÁRIO

Resumo	3
Abstract	5
Lista de Siglas e Acrónimos	7
Introdução	9
Parte I – Bibliotecas: Contextualização Teórica	19
Capítulo 1: A Biblioteca, o Livro e o Leitor	21
1.1 Breve Percurso Histórico	23
1.2 O Programa da Biblioteca: Os Diferentes Espaços	49
1.2.1 A Sala de Leitura: O encontro entre o Livro e o Leitor	59
1.2.1.1 Silêncio e Luz: O Cenário do Espaço e o Criador de Ambientes	65
Capítulo 2: Especificidades da Biblioteca	73
2.1 Tipologias das Bibliotecas	75
2.1.1 Bibliotecas Especializadas	79
2.1.2 Bibliotecas Gerais	85
2.2 A Biblioteca Pública	91
2.2.1 A Biblioteca Pública em Portugal	101
2.2.1.1 A Rede Nacional de Bibliotecas Públicas	105
Parte II – Bibliotecas Públicas: Estudo de Casos	113
Capítulo 3: O Desenho e o Espaço	115
3.1 Edifícios Reabilitados Transformados em Bibliotecas	117
3.1.1 Biblioteca Municipal Álvaro de Campos, Tavira	123
3.1.2 Biblioteca Municipal de Ílhavo	137
3.2 Bibliotecas Projectadas de Raiz	151
3.2.1 Biblioteca Municipal de Viana de Castelo	155
3.2.2 Biblioteca Municipal Ferreira de Castro, Oliveira de Azeméis	169
Conclusões	183
Bibliografia	197
Fontes das Imagens	213
Anexos	223

RESUMO

O papel que as bibliotecas desempenharam na divulgação do conhecimento, ao longo do tempo, é indiscutível. Elas constituíram-se como motores de divulgação e acesso à informação, ajudando, devido a esta circunstância a construir novo conhecimento que, em parte, veio proporcionar o esbatimento das assimetrias sociais e contribuir para o desenvolvimento “sustentável” do ser humano. Neste sentido, e de acordo com as mutações sociais e tecnológicas, foram-se paulatinamente transformando e adaptando às novas realidades e paradigmas emergentes, quer no que concerne aos serviços prestados, quer no que se refere à sua própria arquitectura. Pretende-se, com este estudo, entender de que modo a arquitectura é responsável pelo desenho e organização dos espaços no quadro de desenvolvimento do programa da biblioteca pública. Para dar cumprimento a tal propósito, realizou-se um estudo exploratório baseado numa revisão bibliográfica, que facultou um conjunto de referenciais teóricos que não só ajudou a contextualizar o objecto de estudo, como também sustentou os estudos de caso. Das conclusões a que se chega, verifica-se que a arquitectura tem capacidade para conceber edifícios que vão ao encontro dos objectivos destes equipamentos culturais e, neste sentido, responde ao programa da biblioteca pública a qual apresenta as especificidades próprias destes serviços.

Palavras-chave: Arquitectura; Bibliotecas Públicas; Programa da Biblioteca Pública; Reabilitação de Edifícios.

ABSTRACT

The role of libraries in the creation and dissemination of information through the ages is unquestionable. They have always been involved in the building of a new knowledge, paving the way to reduce social inequalities and promoting a sustainable development of the human being.

Social development and digital technology are dramatically changing the intellectual and service missions of libraries and library architecture follows the same path.

The aim of this paper is to provide a better understanding of the responsibility of architecture in the conception and organization of space in order to fulfill the program for public libraries while facing new global challenges.

The methodology included bibliographical research and case study analysis – building rehabilitation and new construction. Four examples are presented and discussed in this project, showing how architecture is fully capable of conceiving buildings that meet all the requirements for these cultural edifications, thus fulfilling the objectives of the public libraries program.

Keywords: Architecture; Public Libraries; Public Library Program; Building Rehabilitation.

LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS

- > CCDR – Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve
- > DGLB – Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas
- > ECCS – European Convention for Constructional Steelwork
- > FEDER – Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional
- > IFLA – International Federation of Library Association
- > IPLB – Instituto Português do Livro e das Bibliotecas
- > PROAlgarve – Programa Operacional do Algarve
- > RCBP – Rede de Conhecimento das Bibliotecas Públicas
- > RNBP – Rede Nacional de Bibliotecas Públicas
- > UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

INTRODUÇÃO

Durante anos, mais do que procurar um arquivo e serviço de informação, os letrados buscavam aprofundar os seus conhecimentos num sítio onde a cultura fosse infindável. Numa biblioteca, podemos, ainda hoje, recorrer às estantes, onde cada volume acrescenta mais um pouco ao saber, sem nunca o esgotar. Mas há que ter em conta que os serviços bibliotecários não foram sempre tão acessíveis como hoje e que, para terem surgido, alguém sentiu a necessidade da sua criação.

Desde sempre, o papel da arquitectura tem sido o de criar e dar forma a edifícios, caracterizando o seu espaço e atribuindo-lhe determinados valor e função. Construindo edifícios que albergam diferentes serviços para a comunidade, a arquitectura é reconhecida como a disciplina capaz de produzir obras que respondem às necessidades humanas. De entre os serviços prestados à população, no contexto ligado à cultura e aprendizagem, surgem as bibliotecas como pólos dinamizadores de informação e conhecimento.

O interesse pelo estudo deste tema surgiu da constatação de que as bibliotecas são edifícios cada vez mais procurados por inúmeras pessoas e, no caso de cidades universitárias, por estudantes em épocas de estudo e preparação para os exames. Para estes jovens, a possibilidade de migrar para uma biblioteca faz com que procurem lugares com os quais se identifiquem, onde se sintam cómodos e consigam concentrar-se na leitura.

O facto de as bibliotecas serem serviços que disponibilizam grandes salas de leitura, bem iluminadas, com ambientes e recantos para estudo, suscitou o interesse pela análise das bibliotecas públicas e dos serviços que estas disponibilizam à

comunidade. A capacidade de análise e sensibilidade, no âmbito da arquitectura, permitiu então questionar as necessidades e exigências destes edifícios culturais, numa tentativa de procurar preocupações e cuidados no desenvolvimento deste género de projectos. Deste modo, tornou-se pertinente a proposta e o desenvolvimento deste tema, numa tentativa de ir ao encontro de directrizes, opiniões e vontades que constituem a organização do programa da biblioteca pública.

O objectivo geral que se pretende atingir com este trabalho é entender de que forma a arquitectura é responsável pelo desenho e organização dos espaços no desenvolvimento do programa da biblioteca pública, atribuindo-lhes diferentes funções. De modo a alcançar este propósito, traçaram-se objectivos específicos para investigação da temática. Um deles, prende-se com a compreensão das diferentes necessidades a que as bibliotecas têm dado resposta ao longo da história e quais têm sido as respostas a essas exigências, no delinear de novos edifícios. Por outro lado, pretende-se saber como é que o desenvolvimento das políticas de fomentação de instrução e cultura proporcionou à arquitectura a capacidade de criar edifícios com condições tão específicas e como é que os projectos e construção das bibliotecas públicas portuguesas dão resposta às necessidades humanas.

À arquitectura importa perceber quais as funções necessárias aos serviços que a biblioteca deve oferecer, bem como entender a forma de provocar, no cidadão comum, a vontade de entrar e permanecer num espaço que alberga um equipamento deste género. Este será também um objectivo implícito no decorrer da investigação: saber de que modo a biblioteca se insere na cidade e como é que o trabalho do arquitecto pode potenciar relações com a população.

Para dar cumprimento aos objectivos enunciados, seguimos a seguinte metodologia: o primeiro passo para concretização desta dissertação consistiu na elaboração de um plano para a estrutura do trabalho. Tendo o tema eleito para desenvolvimento da investigação, o segundo passo foi o da recolha de informação e de bibliografia que auxiliasse todo o processo. O estudo exploratório foi fundamental para a fundamentação da primeira parte do trabalho, que consta de um conjunto de referenciais teóricos que, por um lado, vão contextualizar o objecto de estudo e, por outro, vão sustentar os estudos de caso. Os vários livros, artigos e outros documentos

encontrados permitiram uma leitura não só no âmbito da arquitectura, como também da biblioteconomia (no que diz respeito ao programa da biblioteca).

Para dar cumprimento aos objectivos da segunda parte do trabalho, para a qual recorreremos a quatro bibliotecas, como estudo de caso, procedeu-se, também, através de revisão bibliográfica, à descrição e interpretação dos projectos objecto de estudo neste trabalho, consolidando a informação retida na primeira parte.

Durante o processo de investigação foram surgindo algumas dificuldades, nomeadamente a escassez de bibliografia sobre este tema e, por consequência, de elementos que, claramente, expusessem e explicassem os projectos escolhidos. Devido a esta limitação, grande parte da descrição das obras foi desenvolvida através da recolha de imagens e sua análise que, quando possível, foram cruzadas com a informação conseguida.

A recolha bibliográfica sobre arquitectura de bibliotecas e o programa das bibliotecas públicas foi complexa. De facto, a nível nacional, poucos documentos foram publicados sobre estes temas, pelo que a dificuldade de obtenção de informação foi considerável para o desenvolvimento do estudo de casos, bem como a recolha de informação sobre a história das bibliotecas públicas em Portugal. Deste modo, foi fundamental complementar esta pesquisa com revisão bibliográfica estrangeira, principalmente produzida em Espanha. Seguir-se-á uma breve descrição das obras mais relevantes para a elaboração deste trabalho.

O uso da biblioteca tem mudado, sendo hoje bem diferente do que foi. Aliás, para além do aparecimento de diferentes tipologias, também o desenho da biblioteca se tem vindo a modificar. É isto que Alfonso Muñoz Cosme nos apresenta, ao descrever diferentes bibliotecas de todo o mundo, construídas ao longo dos séculos. Estudou diferentes tipologias e organizações de bibliotecas, em diferentes períodos, deixando uma colectânea da história da arquitectura das bibliotecas. Essa colectânea será o ponto de partida para desenvolvimento deste trabalho, no que diz respeito à contextualização histórica, referindo bibliotecas que se distinguem como exemplos significativos de períodos da História.

Raymond Jane, por sua vez, dedica o seu estudo a um intervalo de dez anos, entre 1981 e 1991, falando de bibliotecas públicas da época moderna, associadas ao desenvolvimento tecnológico. Consegue abordar vários assuntos dentro do tema,

desde o funcionamento da biblioteca às suas características construtivas, falando também dos diferentes sectores. Este autor francês dá especial relevância à luminosidade, já que a biblioteca pode também ser compreendida como um sítio onde a luz invade o espaço, criando uma relação estreita entre o leitor e o livro. Sendo a luz um elemento fundamental da arquitectura, Jane procura exemplos de edifícios onde a luz natural preenche o espaço de um modo especial. Será referida a importância da luz na concepção de espaços e ambientes da biblioteca, procurando a forma como o desenho do arquitecto pode controlar a presença da luz no interior dos edifícios.

No seu livro *La Arquitectura de la Biblioteca*, Santi Romero desenvolve um trabalho extenso e minucioso acerca do desenvolvimento das bibliotecas, atendendo às suas formas e características. Ensaia uma abordagem histórica e tipológica, referindo as funções dos espaços criados. Romero aprofunda o estudo das diversas formas, organizações e áreas necessárias ao bom funcionamento dos serviços, estudando casos de bibliotecas espanholas analisadas de acordo com as tipologias descritas. Com os exemplos que aborda, consegue demonstrar a capacidade de resposta da arquitectura às exigências funcionais das bibliotecas.

Neste trabalho, o desenvolvimento e a exposição do tema da arquitectura de bibliotecas basearam-se sobretudo nestas obras, embora outras publicações tivessem sido levadas em consideração, a fim de melhor sustentar a interpretação dos edifícios escolhidos na segunda parte deste estudo.

A estrutura desta dissertação é bastante clara, estando dividida em duas partes. A primeira, contém a contextualização teórica, abordando a história da arquitectura da biblioteca, os elementos-chave para o bom desenvolvimento do projecto de arquitectura, um breve esclarecimento acerca das tipologias das bibliotecas e os critérios a atender na organização do respectivo programa. A segunda parte debruça-se sobre quatro bibliotecas escolhidas para estudo, procurando conhecer as intenções dos seus arquitectos, as suas preocupações principais e saber como respeitaram as normas e imposições que lhes foram feitas.

Na primeira parte, o primeiro capítulo do trabalho partirá da história da arquitectura das bibliotecas, num olhar necessariamente retrospectivo, dando exemplos de bibliotecas de referência nos vários períodos. Para melhor entender a importância da arquitectura na concepção dos espaços da biblioteca, resumir-se-á o

programa geral da biblioteca e relacionar-se-á o traço do arquitecto com a distinção entre as áreas, bem como os elementos que auxiliam o bom desempenho do trabalho do arquitecto, aquando da projecção dos espaços. Depois deste enquadramento do tema, seguir-se-á um capítulo dedicado às especificidades da biblioteca, procurando diferenciar tipologias e entender quais são as características e serviços da biblioteca pública. Ainda neste capítulo, procurar-se-á entender a criação da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas (RNBP) e suas exigências na arquitectura.

O cerne da presente investigação decorrerá na segunda parte com a análise de bibliotecas portuguesas, inseridas na RNBP. Partindo de questões levantadas anteriormente e procurando ir ao encontro dos objectivos deste trabalho, procurar-se-ão respostas através do estudo aprofundado dos projectos, recorrendo a desenhos técnicos, fotografias e pesquisa bibliográfica ou opiniões e reflexões sobre os edifícios em causa.

Finalmente, concluindo este trabalho, uma reflexão sobre os casos apresentados procurará entender de que modo o arquitecto pode, através do desenho, orientar a vivência dos espaços. Deste modo, a investigação e a análise aqui expostas, contribuirão para demonstrar as qualidades sociais e culturais das bibliotecas como equipamentos na cidade, para a comunidade. Tratando-se de edifícios colectivos, o trabalho contribuirá, ainda, para sublinhar a capacidade que a arquitectura tem para conceber edifícios públicos, onde a comodidade e a acessibilidade nunca deixaram de ser suas componentes.

Parte I – Bibliotecas: Contextualização Teórica

Capítulo 1
A BIBLIOTECA, O LIVRO E O LEITOR



Fig. 1 - Tábua de argila



Fig. 2 - Papiro



Fig. 3 - Rolo de pergaminho

1.1 BREVE PERCURSO HISTÓRICO

As bibliotecas, no entanto, a par desta sua relação com o tempo, recortam-se no imaginário das civilizações também como espaços, construções mais ou menos grandiosas, onde a procura de uma figuração sensível do saber e dos livros, com todo o seu peso mitológico e a sua variação por épocas e estilos, muitas vezes, sobrealça a imediata funcionalidade¹.

Desde que surgiram, há mais de seis mil anos, as bibliotecas adquiriram um estatuto único como locais de salvaguarda de documentos para memória futura². As mais antigas, encontradas na Mesopotâmia, China, Índia e Egipto, guardavam nos tempos longínquos as tábuas de argila, rolos de papiro e pergaminho. Estes primeiros edifícios, onde se guardava sabedoria, surgiram para dar resposta a uma necessidade social: as colecções exigiam espaços onde pudessem ser convenientemente armazenadas, preservadas e consultadas.

Para alguns autores, a biblioteca constituiu-se, desde início, um local de magia ou santuário que tem vindo a sofrer muitas transformações ao longo da história, sobretudo no que diz respeito à sua organização³. É neste sentido que Solimine a considera como:

[...] un sistema di raccolta, organizzazione, trattamento, mediazione ed utilizzo delle informazioni e dei documenti, costituito da varie componenti. Interagenti tra loro e complessivamente dirette allo scopo del sistema stesso; tale sistema è espressione di un contesto, di un ambiente culturale, di un sistema di circolazione delle conoscenze⁴.

¹ AURÉLIO, Diogo Pires - Os Lugares que o saber ocupa. *Arquitectura Ibérica: Bibliotecas*. 1 (2004). p. 5

² PRIETO GUTIÉRREZ, Juan José - El Espacio bibliotecario, de custodia a consulta. *Revista Interamericana de Bibliotecología*. 31:2 (2008). p. 144

³ FERREIRA, Jorge - A Biblioteca: Construção de Babel. *Arquitectura Ibérica: Bibliotecas*. 17 (2006). p. 5

⁴ SOLIMINE, Giovanni - *Introduzione allo studio della biblioteconomia. Riflessioni e documenti*. Manziana: Vecchiarelli, 1995. p. 208 por SOLIMINE, Giovanni - Spazio e Funzioni nell'Evoluzione della Biblioteca: Una Prospettiva Storica. In *Biblioteca tra Spazio e Progetto: V Conferenza Nazionale per i Beni Library*. 1998. p. 25



Fig. 4 - Monge copista

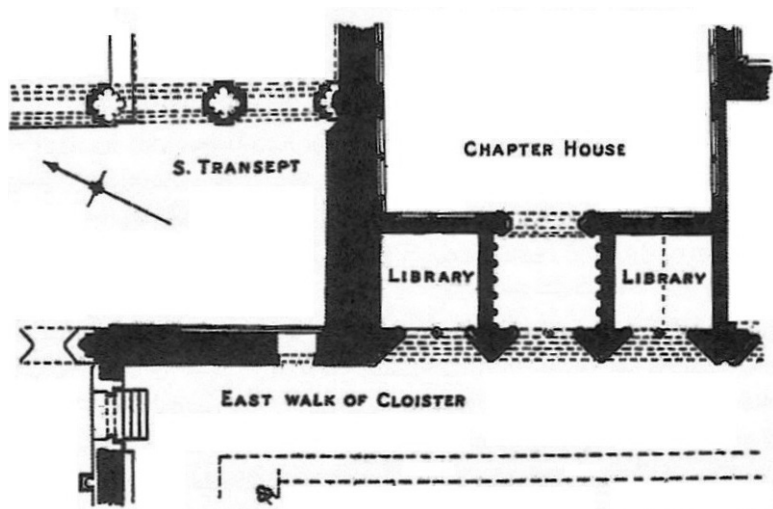


Fig. 5 - Planta parcial da Abadia de Furness (exemplo de biblioteca junta à sacristia)



Fig. 6 - Biblioteca do Palácio de Medici



Fig. 7 - Biblioteca Malatestiana

As primeiras bibliotecas possuíam apenas exemplares manuscritos. Os melhores exemplos de bibliotecas de livros escritos e copiados à mão são, talvez, as bibliotecas medievais, em geral localizadas perto das sacristias, nos mosteiros cistercienses e nas abadias beneditinas. Ali, os monges copistas permaneciam sentados a uma escrivaninha, copiando e escrevendo volumes que se somavam aos já existentes nas suas prateleiras. Uma vez que os seus exemplares eram únicos, cabia aos monges, pessoas muito instruídas, o trabalho de copiar os documentos existentes nos seus mosteiros, que deveriam partilhar, seguindo nalguns casos para outras instituições. Eram bibliotecas tão pequenas que, segundo Sturgis: [...] *una sola habitación, o mais frecuentemente, una parte del claustro, albergaba todos los libros así como a los lectores*⁵.

Com a expansão da cultura para o exterior dos mosteiros, no século XII, dá-se a primeira grande mudança no mundo das bibliotecas, o que levou as famílias reais e a nobreza a interessarem-se pela formação de bibliotecas privadas⁶. Deste modo, a biblioteca passou a ser um local de acesso reservado, cujo carácter monumental era cuidadosamente preparado, marcando a sua imponência perante a sociedade. Exemplo da ostentação de riqueza associada à posse de uma biblioteca é a afirmação de Vittorio Gregotti quando se refere à Biblioteca de Medicea, de Michelozzo: [...] *era stata custodita nel palazzo di famiglia, come uno dei più begli ornamenti per una corte profana*⁷. A maioria dos edifícios das bibliotecas senhoriais do século XV eram construídos para mostrar a riqueza da colecção de uma classe ou de uma família.

Também em Itália, na mesma época, a Biblioteca Malatestiana de Cesena, inserida no Convento de S. Francisco, é exemplo de um espaço de planta basilical. Em contraste com as bibliotecas conventuais, que até aí se apresentavam escuras, esta passou a constituir um modelo iluminado, seguido na concepção de espaços de leitura. O comprido corredor, que permite o acesso aos pontos de estudo, é um espaço marcado com janelas ritmadas que permitem a entrada dos raios solares, terminando

⁵ STURGIS, Russel - Dictionary of Architecture and Building por KOHANE, Peter - La búsqueda de la 'forma' de Louis I. Kahn: ámbitos públicos y privados en las bibliotecas de la Washington University y la Phillips Exeter Academy. In GOLLER, Bea (Coord.) - *Bibliotecas*. 1989. p. 89

⁶ ROMERO, Santi - *La Arquitectura de la Biblioteca: Recomendaciones para un Proyecto Integral*. 2003. p. 24

⁷ GREGOTTI, Vittorio - Lo Spazio della Biblioteca fra Tradizione e Modernità. In *Biblioteca tra Spazio e Progetto: V Conferenza Nazionale per i Beni Library*. 1998. p. 20

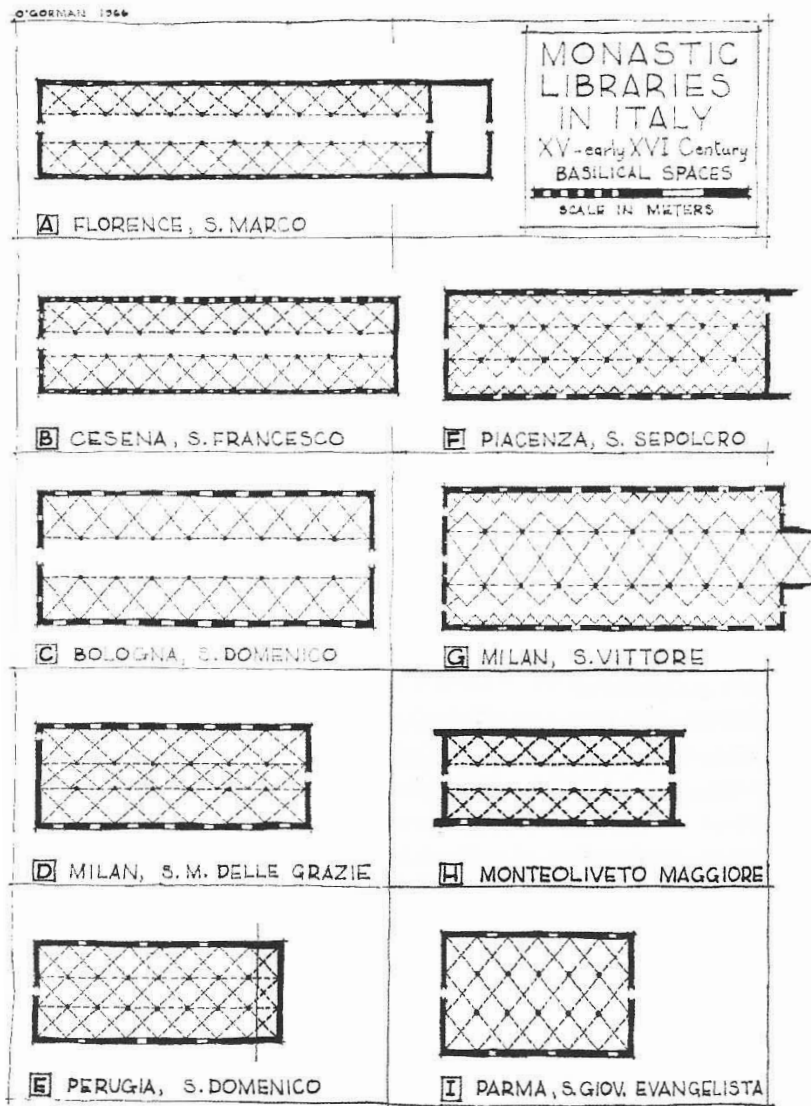


Fig. 8 - Bibliotecas de planta basilical

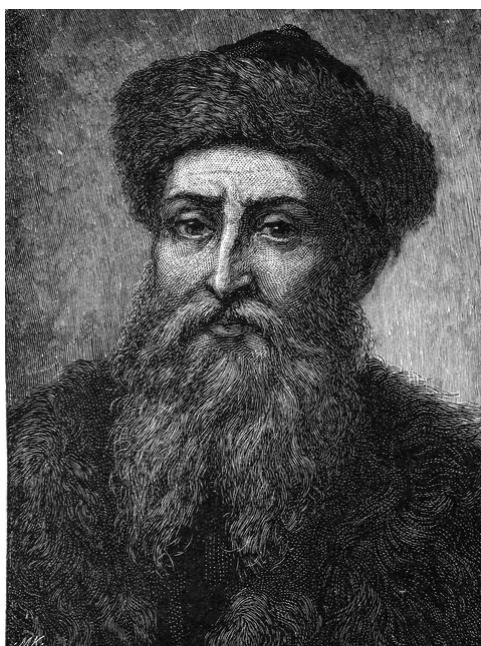


Fig. 9 - Johannes Gutenberg



Fig. 10 - Imprensa

numa parede rasgada por um óculo, a Poente, que ilumina a nave central da biblioteca.

Por volta de 1439, ocorreu uma revolução: Johannes Gutenberg⁸ inventou a imprensa. A sua descoberta veio acelerar o processo de produção bibliográfica em massa, tendo para isso contribuído o uso de tipos móveis e de tinta à base de óleo. Uma vez que a edição de um livro passou a ser feita em tiragens de elevado número de exemplares, a relação entre o leitor e o livro passou a ser mais estreita e mais fácil. Deste modo, o livro deixou de ser considerado uma preciosidade:

Uma mudança que ocorreu nos meados do século XV na Europa não só reduziu o número de horas de trabalho necessárias para produzir um livro, mas também aumentou drasticamente a produção, alterando para sempre a relação do leitor com o que deixou de ser um objecto único realizado pelas mãos de um escriba. A mudança verificada foi, efectivamente, a invenção da imprensa⁹.

Com a invenção da imprensa observou-se, de facto, um ponto de viragem na história da biblioteca: o público que frequentava a biblioteca aumentou em número e em diversidade¹⁰. A biblioteca deixou de ser única e exclusivamente um espaço para os grandes estudiosos das Ciências e/ou das Letras. Começaram a surgir livros impressos que rapidamente encheram estantes em bibliotecas, facilitando a divulgação da informação e do conhecimento e contribuindo para o desenvolvimento da cultura. O avanço da tecnologia concorreu para alterações significativas na biblioteca, entre elas a configuração do espaço. Houve necessidade de uma nova forma. Desta ideia nos dá conta Cosme:

La nueva arquitectura del Renacimiento debe al libro haberse liberado de una carga semántica didácticamente literal para acoger otros significados más abstractos e

⁸ A partir de que Gutenberg realizara entre 1450 y 1455 el primer libro impreso con tipos móviles y reutilizables, se produjo una gran revolución que llega hasta nosotros. Ver: MUÑOZ COSME, Alfonso - *Los Espacios del Saber: Historia de la Arquitectura de las Bibliotecas*. 2004. p. 81

⁹ MANGUEL, Alberto - *História da Leitura*. 1999. pp. 142-143

¹⁰ *Las bibliotecas adquirieron importancia social*. Ver: ROMERO, Santi - *La Arquitectura de la Biblioteca: Recomendaciones para un Proyecto Integral*. 2003. p. 25

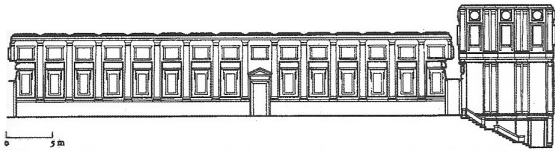


Fig. 11 - Corte da Biblioteca Medicea Laurenziana



Fig. 12 - Planta da Biblioteca Medicea Laurenziana

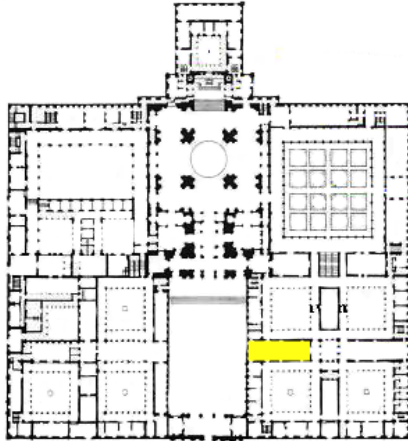


Fig. 13 - Planta d'El Escorial

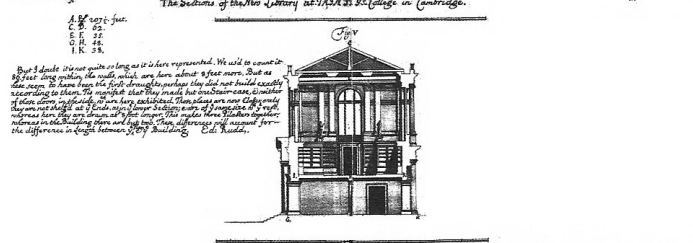
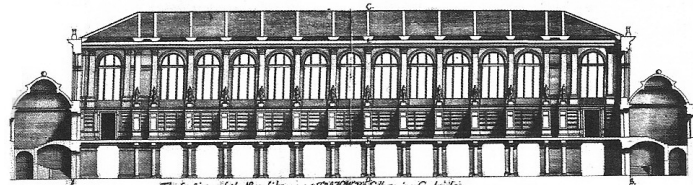


Fig. 14 - Cortes do projecto escolhido para a Biblioteca do Trinity College



Fig. 15 - Biblioteca do Mosteiro El Escorial



Fig. 16 - Biblioteca do Trinity College



Fig. 17 - Biblioteca Vallicelliana, de Francesco Borromini

*introvertidos, en una obsesiva referencia a los órdenes clásicos. La arquitectura deja de hablar del universo para hablar de sí misma*¹¹.

De acordo com esta concepção, surgiram bibliotecas como as conhecidas Biblioteca Medicea Laurenziana, em Florença, e a do Mosteiro de El Escorial¹², nos arredores de Madrid. Só mais tarde, em Roma, surgiram as famosas obras arquitectónicas de Francesco Borromini¹³, realizadas no século XVII. Estas são exemplos de bibliotecas-salão, caracterizadas por edifícios de traça clássica contendo elementos como colunas ou pilastras, coroadas com trabalhados capitéis em pedra, que sustentam os pisos mais elevados onde se desenvolvem galerias. Como se pode ler na obra de Swartzburg: *Renaissance libraries reaffirmed the Greco-Roman tradition of the library as monument to its patron*¹⁴. As amplas salas são iluminadas naturalmente por janelas e forradas com estantes em todo o seu perímetro.

Ao longo das diferentes épocas, foram-se expressando novas influências na arquitectura mostrando uma clara diferença não só na forma, mas também no espaço interior. As bibliotecas de grandes naves foram dando lugar a bibliotecas de planta central ou cruciforme. Nos finais do século XVII, no Norte da Europa, surgiram as alternativas propostas pela tendência barroca. Em Inglaterra, em 1675, o projecto para a Biblioteca do Trinity College de Cambridge¹⁵ obedeceu a este mesmo modelo, num

¹¹ MUÑOZ COSME, Alfonso - *Los Espacios del Saber: Historia de la Arquitectura de las Bibliotecas*. 2004. p. 81

¹² De Juan Herrera, esta biblioteca é uma grande sala coberta com abóbada de canhão, com estantes ao longo de todos os panos de parede. Esta distribuição das estantes permite uma melhor organização temática e é o esquema utilizado até inícios do século XIX.

La tipología iniciada en El Escorial se convierte en el paradigma del tipo arquitectónico prevaleciente en el siglo XVII y buena parte del XVIII. Ver: ROMERO, Santi - *La Arquitectura de la Biblioteca: Recomendaciones para un Proyecto Integral*. 2003. p. 25

¹³ De Borromini, a conhecida Biblioteca de Vallicelliana foi construída a partir de 1637. Devido ao abandono do acompanhamento da obra por parte do arquitecto, a biblioteca acabou por perder a sua simetria, apesar de se ter conseguido respeitar o desenho original do autor. Ver: MUÑOZ COSME, Alfonso - *Los Espacios del Saber: Historia de la Arquitectura de las Bibliotecas*. 2004. pp. 106-108

¹⁴ SWARTZBURG, Susan Garretson - *Libraries and Archives: Design with a Preservation Perspective*. 1998. p. 10

¹⁵ Wren desenvolveu dois projectos para esta biblioteca. Se num optou pela já habitual biblioteca salão, noutro (não se sabe se desenvolvido simultaneamente) experimentou a planta central onde tentava responder às exigências do director do Trinity College, que queria um edifício clássico que sobressaísse em relação às últimas bibliotecas góticas construídas em Cambridge. A opção seleccionada foi mesmo a de *un edificio porticado [...] en planta baja, con un orden dórico al que se sobrepone uno jónico en el piso alto [...] de forma parecida a [...] la biblioteca de El Escorial y las bibliotecas universitarias españolas*. O espaço interior consegue um equilíbrio entre *la disposición tradicional británica de pupitres y estanterías perpendiculares a los muros y la tradición manierista de la biblioteca salón*. Ver: MUÑOZ COSME, Alfonso - *Los Espacios del Saber: Historia de la Arquitectura de las Bibliotecas*. 2004. pp. 110-114



Fig. 18 - Biblioteca do Convento de Mafra



Fig. 19 - Biblioteca Joanina

traço de Christopher Wren, caracterizando-se por uma planta centralizada de forma circular¹⁶.

Em Portugal, na mesma época, o Barroco surge bem representado nas tão conhecidas Biblioteca do Convento de Mafra e Biblioteca da Universidade de Coimbra - a Biblioteca Joanina. A Biblioteca do Convento de Mafra, construída entre 1717 e 1735, é exemplo de uma biblioteca desenvolvida em forma de cruz, sendo o braço longitudinal muito mais comprido que o transversal. No ponto onde os dois braços se cruzam, o remate é feito por uma cúpula e o interior é iluminado por cinquenta janelas que rompem as paredes forradas a estantes¹⁷. Tal como esta, e características do Barroco tardio e do Rococó, encontramos exemplos de bibliotecas organizadas em salas sequenciadas, onde as imponentes e esculpidas estantes adoptam, por vezes, movimentos ondulantes. A Biblioteca Joanina, construída entre 1717 e 1728¹⁸, é exemplo deste tipo de divisão: três salas decoradas com estantes em dois pisos, onde a galeria do segundo é protegida por uma balaustrada. Os espaços estão organizados por temas, mudando a cor das salas. Assim, à primeira sala correspondia a secção de história e literatura, à segunda, a das publicações de leis e ciências naturais e a última sala albergava os documentos de teologia e direito canónico¹⁹. Os trabalhos artísticos, no que respeita ao talhar das estantes e à pintura dos tectos, foram completados durante os últimos anos da construção do edifício da biblioteca²⁰.

A incapacidade das bibliotecas para albergar as colecções inteiras num único espaço, obrigou a pensar em outro tipo de modelos que permitissem a organização dos livros em diferentes áreas: procuraram-se novas formas e explorou-se melhor o espaço. Já no final do século XVIII, a forma por que Étienne-Louis Boullée optou para a Biblioteca Real de Paris, em 1785, partiu da proposta de ampliação da biblioteca existente, cobrindo o espaço do pátio, que seria transformado

¹⁶ Ibidem, pp. 109-114

¹⁷ O rei D. João V pediu a três arquitectos (Antonio Canevari, Felipe Juarra e João Frederico Ludovice) que elaborassem projectos para o mosteiro em Mafra, que durante algum tempo foi o seu palácio. O eleito foi o Ludovice. A biblioteca situa-se [...] *en la parte central del ala oriental o trasera del palácio, y fue construida por el arquitecto Manoel Caetano de Souza*. Ver: Ibidem, p. 134

¹⁸ FERRÃO, Pedro - A Construção da Casa da Livraria da Universidade de Coimbra. In DIAS, Pedro (coord.) - *Actas do Colóquio: A Universidade e a Arte.1290-1990*. 1993. pp. 85-127

¹⁹ Actualmente não é esta a organização que encontramos na biblioteca.

²⁰ MUÑOZ COSME, Alfonso - *Los Espacios del Saber: Historia de la Arquitectura de las Bibliotecas*. 2004. pp. 139-142

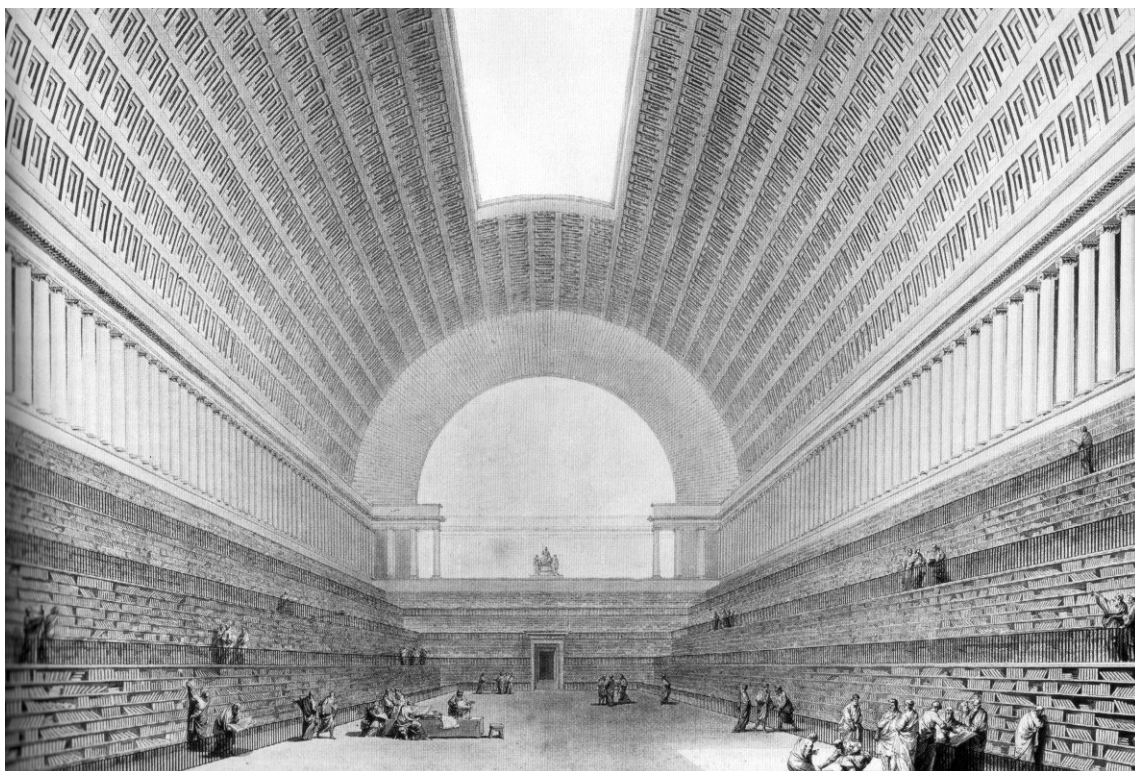


Fig. 20 - Projecto para a Biblioteca Real de Paris

numa basílica iluminada a partir de rasgos numa grande abóbada. Este projecto, apesar de nunca ter avançado por ter sido considerado um plano utópico, foi o responsável pela evolução do planeamento dos espaços das bibliotecas na época que se lhe seguiu²¹, tal como podemos ler numa obra de Muñoz Cosme:

[...] *Algunos de los modelos desarrollados en el siglo XVIII serán utilizados [...] con una nueva orientación. Así la biblioteca de Boullée será siempre un referente para muchas bibliotecas. [...] A partir de la revolución industrial funcionarán de forma distinta a como lo habían hecho hasta este momento, no renunciarán a la tradición espacial y simbólica de las arquitecturas bibliotecarias del Renacimiento y Barroco, sino que reutilizarán frecuentemente el resultado de sus experimentos espaciales*²².

A Revolução Industrial, que começou por se manifestar ainda no século XVIII, no Reino Unido, trouxe a possibilidade de novas experiências ao mundo da arquitectura, concretamente no que respeita à arquitectura de bibliotecas. Aberta ao público, a biblioteca passou a ser vista como muito mais do que uma arca do tesouro: passou a ser considerada um serviço multicultural, onde o conhecimento era partilhado, podendo o espaço ser visitado por qualquer cidadão. Infelizmente, no caso de Portugal, não se conseguiu acompanhar este avanço na Europa, uma vez que as bibliotecas públicas quase não existiam no século XVIII. De qualquer modo, foi uma época em que: *Las bibliotecas dejaron de ser un privilegio de la nobleza o un tesoro de las instituciones religiosas para convertirse en una institución pública, organizada y financiada por el Estado para el servicio de los ciudadanos*²³.

Em 1820, a história surpreendeu-nos com mais um ponto de viragem: a Revolução Liberal. Este marco político-cultural da História portuguesa revelou-se de grande importância, trazendo um novo fôlego ao desenvolvimento das bibliotecas públicas, sobretudo no que diz respeito ao acesso ao livro. Relacionado com este novo quadro mental, surgiu a figura de Leonardo Della Santa²⁴, que propôs um modelo

²¹ Ibidem, pp. 152-153

²² Ibidem, p. 156

²³ Ibidem, p. 157

²⁴ Leonardo Della Santa dedicou-se ao trabalho intelectual de projectar uma biblioteca pública. O tratado *Della costruzione e del regolamento di una pubblica universale biblioteca* foi a sua única obra publicada em 1816. A proposta, alternativa às bibliotecas existentes, baseia-se num rectângulo subdividido, para os livros, enquanto a sala de leitura livre (central) é ornamentada com esculturas. É de notar o seu funcionalismo, no trabalho de detalhe dos espaços e da atribuição de uma função, embora insuficiente numa visão arquitectónica. Ver: Ibidem, pp. 160-164

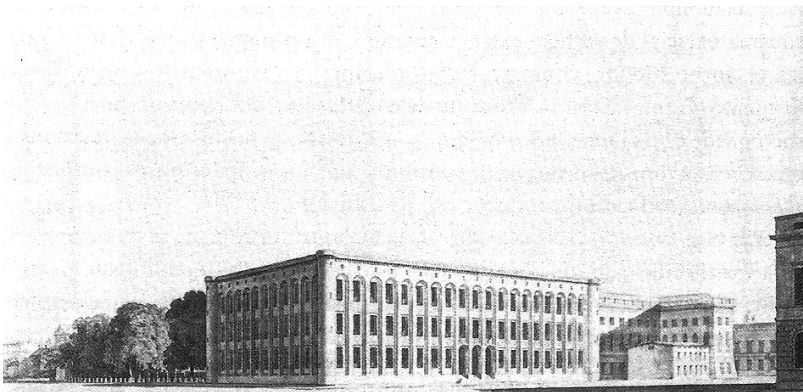


Fig. 21 - Projecto para a Biblioteca de Berlim, de Shinkel



Fig. 22 - Biblioteca Pública do Porto

inovador de biblioteca: o depósito de livros aparece separado da sala de leitura, criando espaços de trabalho internos que são hoje gabinetes associados ao trabalho técnico e administrativo de uma biblioteca. Das primeiras bibliotecas projectadas no período neoclássico, destaca-se a de Berlim, obra de Karl Friedrich Schinkel, em 1833. Foi um projecto para um edifício de três pisos, que exemplifica a arquitectura alemã da época, no que diz respeito aos aspectos construtivos: utilização do tijolo à vista, ausência de ornamentos e clareza na composição volumétrica. Apesar da distribuição dos espaços interiores, da coabitação entre livro e leitor e da organização dos fundos por temáticas, a sua divisão funcional não ia ao encontro da proposta de Della Santa²⁵. Como Schinkel escreveu: *nada de arquitectura pomposa, ni salas impresionantes por su altura, ni peristilos, ni profusión de lugares inútiles, sino sólo lugares apropiados a su fin, donde será fácil encontrar los libros sin utilizar grandes escaleras.*²⁶

Tal como se observou no resto da Europa, no nosso país o Liberalismo permitiu um certo investimento na instrução, investimento que se traduziu, entre outros aspectos, no grande desenvolvimento das bibliotecas. No quadro deste movimento, surgiu no Porto, em 1833, o que pode ser considerado como a primeira biblioteca portuguesa verdadeiramente pública. Para o aparecimento deste tipo de bibliotecas, muito contribuiu a extinção das ordens religiosas em Portugal, uma vez que os livros dos conventos extintos tinham de ser realojados e reorganizados em novas bibliotecas. Deste modo, as políticas que pareciam ser uma mais-valia para o desenvolvimento social e cultural, com a criação de novas bibliotecas, acabaram por se revelar contraproducentes, por um lado, porque o Estado não sentia necessidade de investir em novos livros e por outro, porque os livros das colecções existentes estavam desactualizados uma vez que versavam, naturalmente, quase só temas religiosos e afins²⁷.

²⁵ Ibidem, pp. 169-171

²⁶ SCHINKEL, Karl Friedrich - Carta reproducida en el Tratado de Laborde, gracias a lo cual há llegado hasta nosotros. In Léon de Laborde - *De l'organisation des Bibliothèques dans Paris*. Paris: A. Frank, 1845. p. 37. Por MUÑOZ COSME, Alfonso - *Los Espacios del Saber: Historia de la Arquitectura de las Bibliotecas*. 2004. p. 171

²⁷ REBELO, Carlos Alberto - *A Difusão da Leitura Pública: As Bibliotecas Populares (1870-1910)*. 2002. pp. 86-87

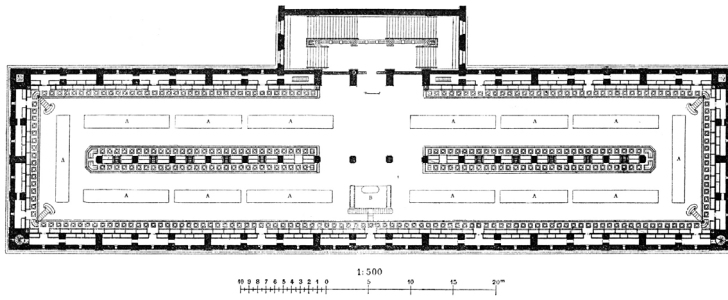


Fig. 23 - Planta da Biblioteca de Sainte Geneviève

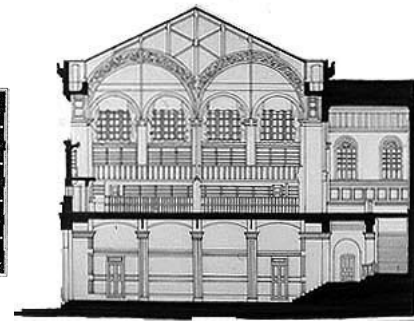


Fig. 24 - Corte da Biblioteca de Sainte Geneviève

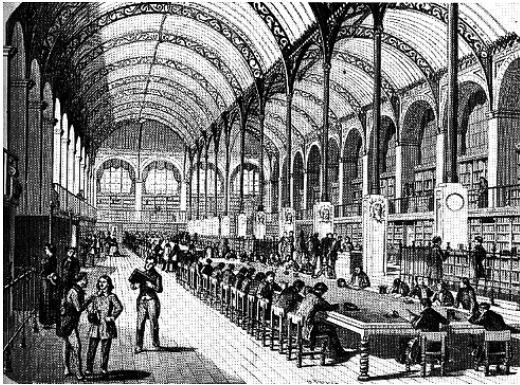


Fig. 25 - Biblioteca de Sainte Geneviève

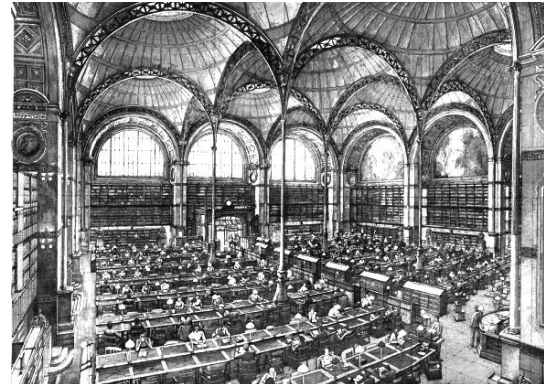


Fig. 26 - Biblioteca Nacional de França, de Labrouste

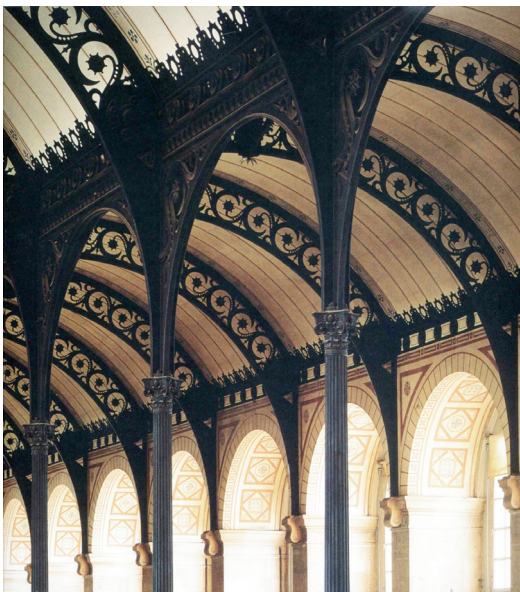


Fig. 27 - Pormenor da cobertura da Bib. de Sainte Geneviève

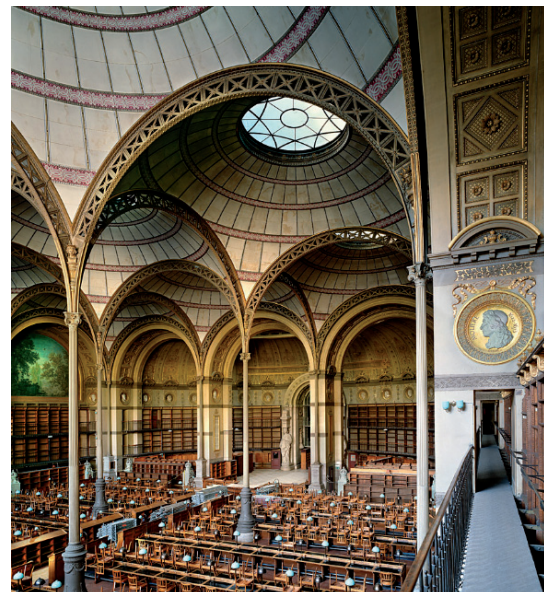


Fig. 28 - Estrutura da Bib. Nacional de França, de Labrouste



Fig. 29 - Fachada da Biblioteca de Sainte Geneviève

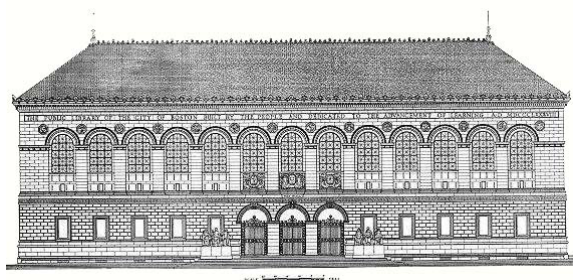


Fig. 30 - Fachada da Bib. de Boston, inspirada na de St. Geneviève

No que se refere à construção, os materiais usados, bem como as técnicas construtivas, foram desenvolvidos por toda a Europa, marcando um período forte de expansão do conhecimento e da tecnologia. O ferro fundido e o vidro ganharam papel de destaque: o ferro permite a construção de amplos espaços, com magníficas e gigantescas estruturas e, aliado ao vidro, permite uma iluminação natural nunca antes vista. Henri Labrouste ensaiou estes materiais nas suas tão conhecidas bibliotecas de Sainte Geneviève e na Biblioteca Nacional de França, aproveitando para criar uma estrutura muito marcada por colunas metálicas que servem, simultaneamente, de estrutura e de decoração. Esta é mais uma característica perceptível de um tempo em que se criam novos modos de construir: o ferro, que vem substituir as estruturas de pedra e madeira, entra no espaço como um material fabril que pode ser trabalhado como elemento escultórico e decorativo.

Nos Estados Unidos, já nos finais do século XIX, a Biblioteca Pública de Boston, da autoria de McKim, Mead e White, é uma clara referência à arquitectura europeia²⁸. McKim inspirou o desenho da sua fachada no exemplo de Sainte Geneviève, sendo o acesso para a sala de leitura definido por uma escadaria. Ao contrário da planta longitudinal de Labrouste, os americanos optaram por um quadrado rasgado por um pátio²⁹. Como nos relata Gregotti:

La biblioteca di Sainte Genèviève o quella Nazionale, ambedue di Labrouste del '62 [1862] non meno, per esempio, di quella di Boston di Mac Kim Mead and With del 1890, non a caso sono veri monumenti dell'architettura moderna, punti importanti del suo sviluppo, che ha concentrato moltissima attenzione nella definizione di questa tipologia-servizio di stato. Ma già nel 1785, nel progetto di Etienne Louis Boullée, era proposta e resa simbolica l'idea della biblioteca come servizio civile 'magnificante'³⁰.

Já no século XX, em 1927, numa época marcada pela influência do estilo Clássico, a Biblioteca Pública de Estocolmo é uma obra-prima da influência neoclássica

²⁸ *At the beginnig, the great European libraries [...] provided models which the Americans could and did aspire.* Ver: SWARTZBURG, Susan Garretson - *Libraries and Archives: Design with a Preservation Perspective.* 1998. p. 13

²⁹ MUÑOZ COSME, Alfonso - *Los Espacios del Saber: Historia de la Arquitectura de las Bibliotecas.* 2004. pp. 201-202

³⁰ GREGOTTI, Vittorio - *Lo Spazio della Biblioteca fra Tradizione e Modernità.* In *Biblioteca tra Sapzio e Progetto: V Conferencia Nazionale per i Beni Library.* 1998. p. 22



Fig. 31 - Biblioteca Pública de Estocolmo

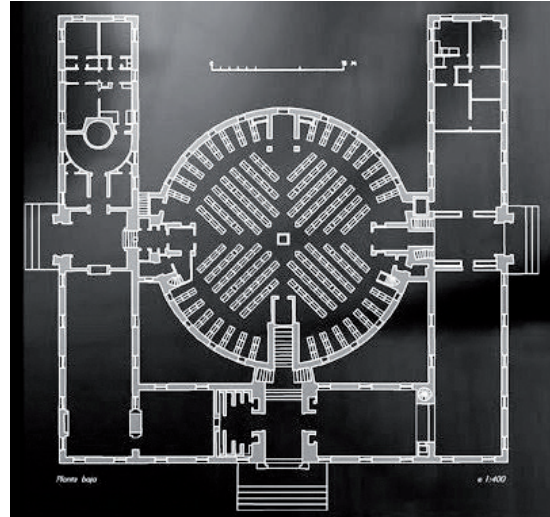


Fig. 32 - Planta piso 0 da Biblioteca de Estocolmo



Fig. 33 - Sala de leitura da Biblioteca de Estocolmo

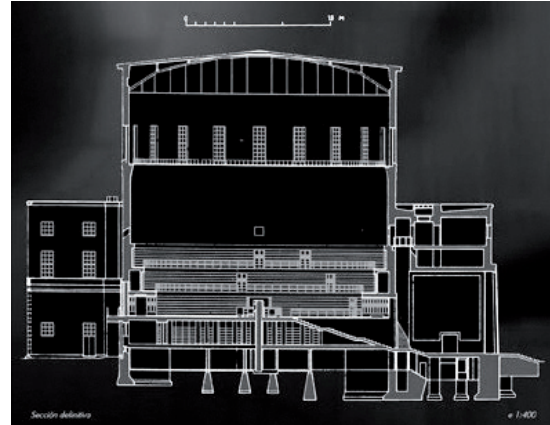


Fig. 34 - Corte da Biblioteca de Estocolmo

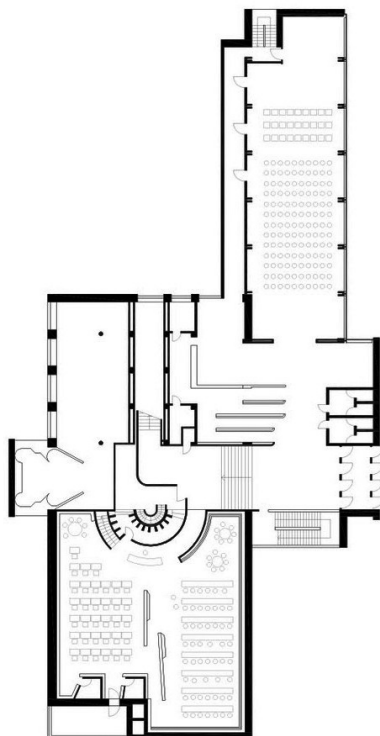


Fig. 35 - Planta da Biblioteca de Viipuri

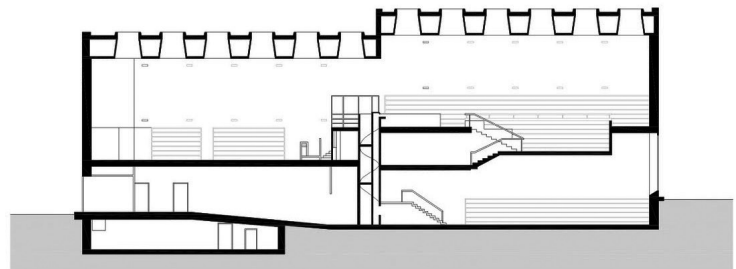


Fig. 36 - Corte pela sala de leitura da Biblioteca de Viipuri



Fig. 37 - Biblioteca de Viipuri

de Erik Gunnar Asplund³¹. O projecto original dessa biblioteca data de 1921, tendo o arquitecto desenhado uma cúpula no volume central que, do ponto de vista económico e de construção, se tornava difícil de erguer. Com ela, o arquitecto procurava representar o céu dentro da sala de leitura da biblioteca, aproximando o leitor de uma atmosfera que permitisse uma relação próxima com os livros.

Fazendo lembrar o sonho de Boullée, o edifício é constituído por um bloco perimetral (onde se localizam as salas de leitura) rompido por um “pátio” quase todo preenchido por um volume cilíndrico que contém a sala de empréstimo. Esta sala central é o elemento de maior destaque do edifício, contendo, nas galerias dos três pisos, grandiosas estantes em todo o perímetro. As estantes escalonadas em diferentes níveis mostram mais uma vez a influência de Boullée no projecto para Estocolmo. Já a iluminação é efectuada por janelas rasgadas no alto do volume cilíndrico, permitindo uma luz difusa e reflectida nas brancas paredes da sala. Uma vez que a cúpula idealizada não pôde ser construída, Asplund trabalhou a luz e utilizou acabamentos no interior do tambor que permitiram dar a ideia de nos sentirmos perto do céu: o reboco branco e irregular faz com que o reflexo da luz solar crie sombras. Assim, existe uma ténue alternância entre luz e sombra, com manchas que dão a ideia de nuvens, recriando o céu no interior do edifício.

Da mesma época, temos a Biblioteca de Viipuri, na Finlândia³², de Alvar Aalto³³ (1927-1935). Caracteriza-se por ser um edifício bastante fechado, sendo as divisões dos espaços feitas por desníveis. É constituído por dois volumes paralelepípedicos sobrepostos com funções específicas, a biblioteca e o auditório, situando-se a entrada principal na articulação dos dois blocos. A biblioteca é um espaço com a luz zenital,

³¹ *En el Estocolmo de los años veinte Erik Gunnar Asplund escogió, bajo la influencia de Durand y del British Museum, el cilindro y el prisma para albergar la biblioteca. La gran sala de planta circular con estanterías perimetrales escalonadas nos recuerda los sueños de Boullée. Ver: MUÑOZ COSME, Alfonso - Colecciones y Conexiones: El espacio de la biblioteca a través de la historia. *Arquitectura Viva*. 63 (1998). p. 23*

³² A queda do Império Russo, após a Revolução Russa de 1917, possibilitou a independência da Finlândia, em 1918. Com o crescimento da nova cidade finlandesa, foi num período ainda conturbado, entre guerras, que Alvar Aalto projectou a Biblioteca de Viipuri, considerada uma obra-prima da Arquitectura Moderna. Depois da Guerra de Inverno, quando a União Soviética atacou a Finlândia, no ano de 1939, foi assinado o Tratado de Paz de Moscovo, em 1940, e Viipuri ficou integrada em território soviético, actual Rússia.

³³ Noutras bibliotecas de Alvar Aalto é clara a sua experiência em Viipuri: Seinäjoki (1961-1965), Rovaniemi (1961-1968), Otaniemi (1964-1970) e Mount Angel (1964-1968) são exemplos de edificios constituídos por um bloco linear para os serviços administrativos e um volume poligonal onde se situam as salas de leitura. Ver: MUÑOZ COSME, Alfonso - Colecciones y Conexiones: El espacio de la biblioteca a través de la historia. *Arquitectura Viva*. 63 (1998). p. 23



Fig. 38 - Sala de leitura da Biblioteca de Viipuri



Fig. 39 - Entrada na sala de leitura da Biblioteca de Estocolmo



Fig. 40 - Sala de leitura da Biblioteca de Viipuri



Fig. 41 - Bib. Púb. de Rovaniemi, Finlândia - A. Aalto (1961-68)



Fig. 42 - Bib. de Mount Angel Abbey, EUA - Alvar Aalto (1970)

trabalhada com 57 clarabóias cilíndricas com 1,80 metros, elevadas para fora do telhado. A luz³⁴ foi, para Aalto, o tema central no tratamento do espaço interior, conseguindo uma iluminação difusa que protege os livros e impede que os raios solares incomodem os leitores³⁵.

As bibliotecas de Estocolmo e de Viipuri mostram, em toda a sua concepção, preocupação com a sequência dos espaços, as instalações, os pormenores construtivos e até mesmo com o desenho do mobiliário sendo, por isso, *los ejemplos más paradigmáticos del movimiento moderno*³⁶. Além destas características, existe uma outra clara semelhança entre os dois exemplos, na medida em que, tanto Asplund como Aalto, criaram o mesmo sistema de acesso e iluminação da sala principal. Nos seus projectos, uma escadaria rompe as estantes, permitindo a entrada do leitor no espaço de consulta. Este espaço é iluminado naturalmente, com aberturas altas que permitem a difusão dos raios solares e impedem, ao mesmo tempo, que a sua incisão directa danifique os documentos escritos ou prejudique o acto da leitura. Com estes exemplos, podemos inferir que a arquitectura das bibliotecas, já no início do século XX, mostrava uma preocupação tanto com a optimização do espaço de conservação e preservação dos documentos como dos espaços de consulta.

Como Alfonso Cosme afirma, na citação que registada, se a arquitectura das bibliotecas de Aalto se mostra funcional, fazendo depender a forma da função, anos mais tarde, outros tentaram que a linguagem do edifício da biblioteca fosse menos plástica, desenvolvendo a multiplicidade dos serviços dentro de um bloco: *Si Aalto investigó la colocación de los diversos espacios que la moderna biblioteca requiere*

³⁴ Este tema (luz) será estudado, com maior pormenor, no ponto 1.2.1.1.

³⁵ A Biblioteca Municipal para Viipuri sofreu várias alterações no papel. Se, de início, Aalto propunha um edifício de estilo neoclássico, depois de uma viagem à Suécia e Dinamarca onde, entre outros arquitectos, conheceu Gunnar Asplund, decidiu rever o seu projecto, excluindo todos os elementos que fizessem referência à Antiguidade. O terceiro projecto desenvolvido para a biblioteca surgiu da necessidade de criar uma relação com o Centro Cultural local (do outro lado da rua, no sítio onde se previa erguer o serviço). Uma vez que a situação económica não era favorável ao arranque das obras, o início dos trabalhos foi sendo adiado, até que, em 1933, a Câmara Municipal decidiu mudar a implantação do edifício, instalando-o no Parque Torkkeli. Aalto elaborou então um novo projecto que, finalmente, vê concretizado com o início das obras em 1934 e que estaria pronto a inaugurar em Outubro do ano seguinte. Ver: LAHTI, Louna - *Alvar Aalto 1898-1976: Paraíso para gente comum*. 2006. p. 19

³⁶ ROMERO, Santi - *La Arquitectura de la Biblioteca: Recomendaciones para un Proyecto Integral*. 2003. p. 27

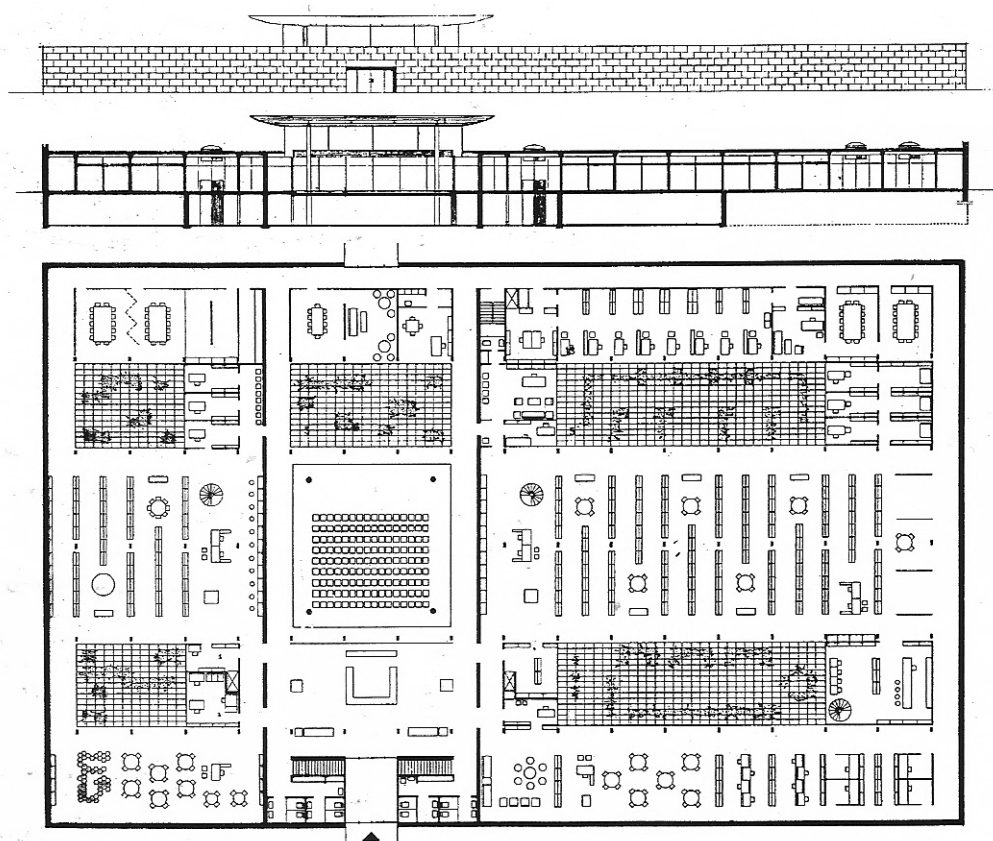


Fig. 43 - Planta, corte e alçado da Biblioteca de Rødovre

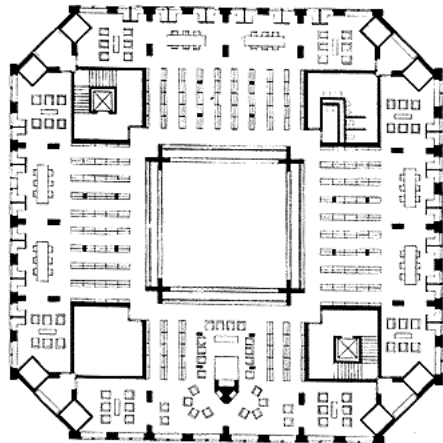


Fig. 44 - Planta da Biblioteca de Exeter

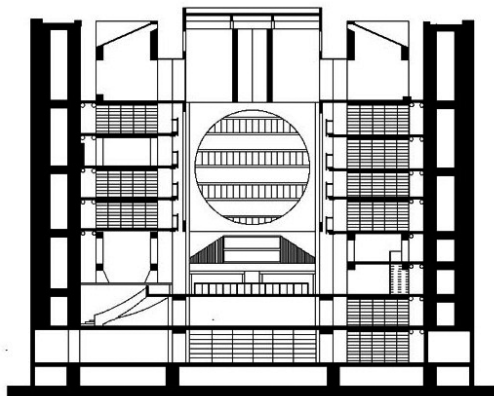


Fig. 45 - Corte da Biblioteca de Exeter

como una yuxtaposición de volúmenes, Jacobsen primero y Kahn después intentarán el encaje de esa diversidad dentro de una rígida unidad³⁷.

Da autoria de Arne Jacobsen, a Biblioteca de Rødovre (1961-1969), na Dinamarca, é um edifício que pretende homenagear a arquitectura de Mies van der Rohe³⁸. Caracteriza-se por ser um edifício fechado sobre si próprio e de planta rectangular, com fachadas-muro revestidas a pedra, tendo relação com a rua apenas nos pontos de acesso. A iluminação natural é toda trabalhada a partir de cinco pátios internos, delimitados por panos de vidro que permitem uma distribuição controlada da luz. As paredes interiores são brancas, para que todas as cores possam sobressair³⁹.

Seguindo também esta tendência, com uma geometria muito rígida, referimos o exemplo da Biblioteca de Exeter (1965-1971), nos Estados Unidos da América. A primeira impressão causada pela sua plasticidade e materialidade é a de austeridade. Trata-se de uma obra de Louis I. Kahn⁴⁰, onde uma aparente fachada simples esconde um monumental bloco atravessado por um poço de luz rematado com duas gigantes vigas cruzadas. “O *design* resultante apresenta proporções exactas e elegantes, de carácter intemporal e um dos edifícios mais belos da cidade universitária da Academia.”⁴¹.

³⁷ MUÑOZ COSME, Alfonso - Colecciones y Conexiones: El espacio de la biblioteca a través de la historia. *Arquitectura Viva*. 1998. p. 23

³⁸ MUÑOZ COSME, Alfonso - Colecciones y Conexiones: El espacio de la biblioteca a través de la historia. *Arquitectura Viva*. 1998. p. 24

³⁹ SOLAGUREN-BEASCOA, Félix - *Arne Jacobsen: Aproximación a la Obra Completa 1950-1971*. 2001. p. 192

⁴⁰ Kahn já tinha concebido um projecto para uma outra biblioteca, em 1956 (participação no concurso da Biblioteca para a Universidade de Washington), com uma estrutura completamente diferente, de planta cruciforme. Em Exeter, o arquitecto opta por um *proyecto menos moderno y más clásico*. – ‘Desde 1950 (Louis Kahn) había estado buscando una alternativa al funcionalismo tradicional, al que achacaba que el programa del cliente era seguido de manera demasiado prosaica por el arquitecto. Este tipo de aproximación entrañaba principalmente la separación racional de funciones y su expresión directa y simplista en formas’. Ver: KOHANE, Peter - “La búsqueda de la ‘forma’ de Louis I. Kahn: ámbitos públicos y privados en las bibliotecas de la Washington University y la Phillips Exeter Academy”. In GOLLER, Bea (Coord.) – *Bibliotecas*. 1989. p. 87

⁴¹ “Embora este espaço vazio possa parecer cavernoso em planta e secção, na realidade esse espaço interior, que vai dos recortes circulares das quatro paredes até ao tecto, e que termina em grandes vigas de betão diagonalmente cruzadas, é remanescente dos anteriores *designs* da biblioteca que celebravam vastos espaços centrais, tais como o projecto de Etienne-Louis Boullée, de 1785, para a Biblioteca Real, ou a Biblioteca Pública de Estocolmo, de Erik Gunnar Asplund de 1927.”. Ver: ROSA, Joseph - *Louis I. Kahn 1901-1974: Espaço Iluminado*. 2007. p. 77

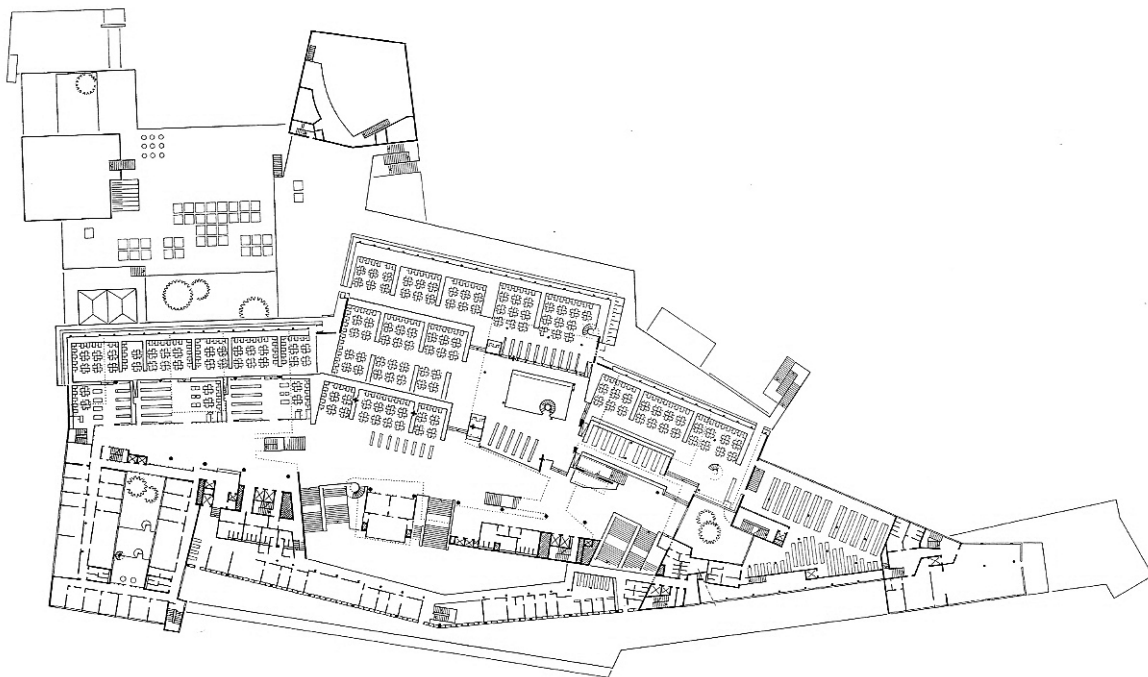


Fig. 46 - Planta da Biblioteca Nacional Alemã, de Hans Scharoun

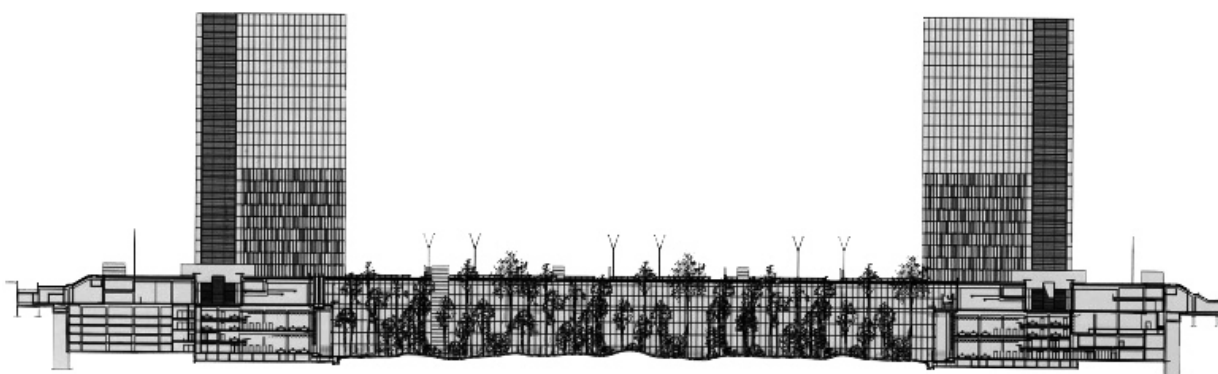


Fig. 47 - Corte da Biblioteca Nacional de França, de Dominique Perrault

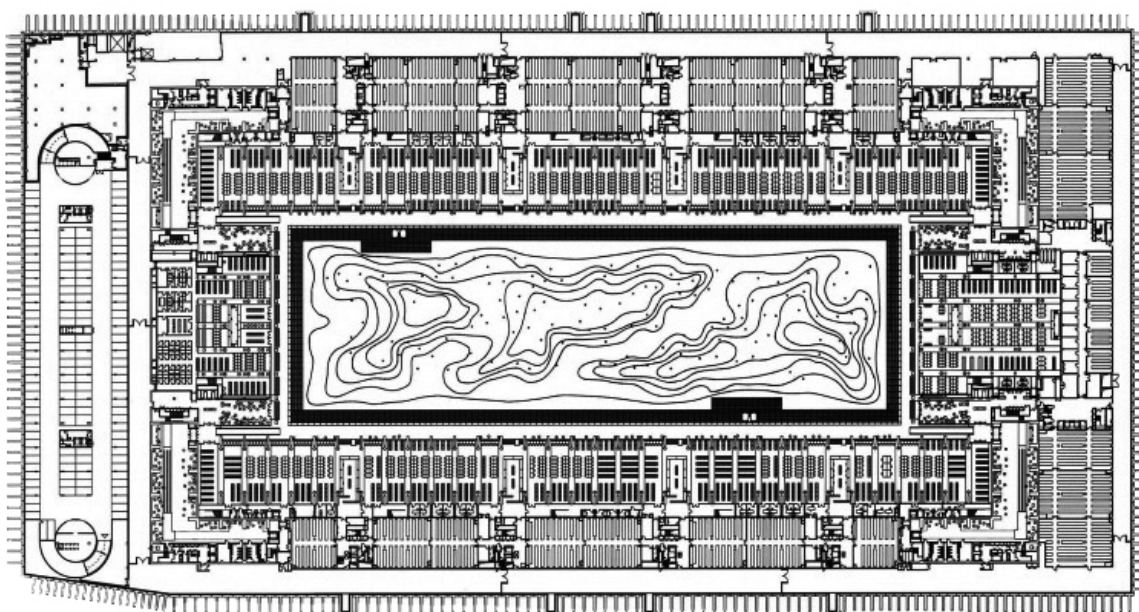


Fig. 48 - Planta da Biblioteca Nacional de França, de Dominique Perrault

A partir de meados do século XX, a caminho da chamada *Era Digital*, a biblioteca funcional, com uma rígida divisão de espaços, ficou desactualizada, como ilustra esta citação⁴²:

*Entre las posturas que se han planteado en la construcción de las bibliotecas a partir de los años ochenta podemos distinguir una cierta continuidad con el proyecto moderno [...] donde la tradición de la biblioteca como suma de espacios diversos [...] se ha sentido nuevamente de actualidad por la moda de la fragmentación, que la postmodernidad y las tendencias deconstructivistas utilizaron cuantiosamente.*⁴³

Pela sua complexidade arquitectónica, é de salientar a Biblioteca Nacional Alemã⁴⁴ (1964-1978), em Berlim, do arquitecto alemão Hans Scharoun. Na tentativa de criar uma organização lógica dos espaços da biblioteca, este arquitecto concebeu um projecto em que o depósito se define como “espinha dorsal do complexo”⁴⁵. A grande sala de leitura comum desenvolve-se em diferentes pisos desencontrados e com diferentes alturas, acedendo-se a eles por lances de escadas que marcam o percurso do leitor pelas diferentes plataformas. A iluminação do espaço é feita por panos de vidro na fachada e lanternins na cobertura.

A Biblioteca Nacional de França (1989-1995)⁴⁶, em Paris, de Dominique Perrault, é um exemplo claro de uma grande biblioteca contemporânea. Segundo o arquitecto, para além da intenção de criar uma biblioteca para França, era sua vontade oferecer também uma praça a Paris. Trata-se de um edifício monumental, distinto, cujo objectivo principal é o armazenamento de doze milhões de volumes e trezentos mil títulos de revistas. Junto ao Sena, surgiu então uma praça num embasamento de quatro altas torres envidraçadas com oitenta metros de altura⁴⁷. Como Solimine defende, Perrault é um outro arquitecto que, de alguma forma, faz referência a Boullée, no seu projecto: *L’idea di biblioteca come anfiteatro o piazza*,

⁴² MUÑOZ COSME, Alfonso - *Los Espacios del Saber: Historia de la Arquitectura de las Bibliotecas*. 2004. pp. 285-286

⁴³ Ibidem, p. 287

⁴⁴ A Biblioteca Nacional, juntamente com a Filarmónica (também de Scharoun) e a Nova Galeria Nacional de Mies van der Rohe eram os três edifícios principais do fórum cultural. Scharoun é também o arquitecto responsável pela planificação urbana desta área. Ver: SYRING, Eberhard; KIRSCHENMANN, Jörg C. - *Hans Scharoun 1893-1972: Marginal do Modernismo*. 2006. p. 83

⁴⁵ Ibidem

⁴⁶ Esta obra de Dominique Perrault recebeu o Prémio Mies van der Rohe de 1996.

⁴⁷ MUÑOZ COSME, Alfonso - *Los Espacios del Saber: Historia de la Arquitectura de las Bibliotecas*. 2004. p. 328



Fig. 49 - Biblioteca Pública de Seattle, de Rem Koolhaas

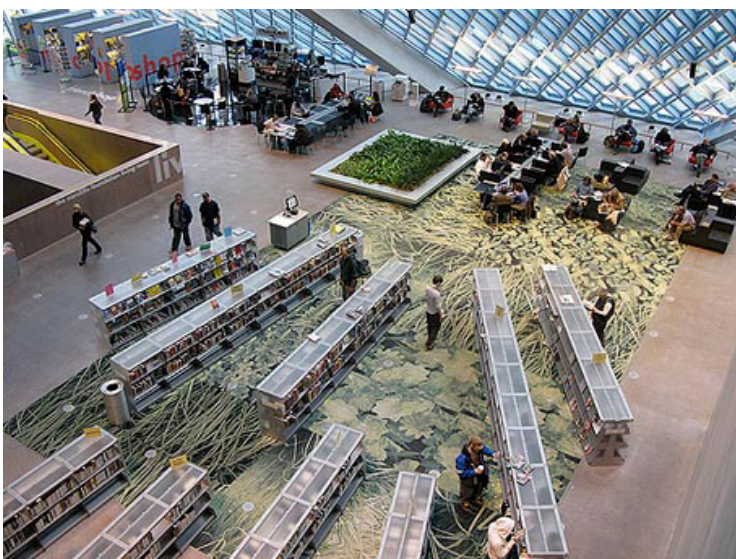


Fig. 50 - Biblioteca Pública de Seattle, de Rem Koolhaas

*anticipata da Boullée già negli ultimi decenni del Settecento, ha influenzato, del resto, molti progetti successivi ed è comune a tante recenti realizzazioni*⁴⁸.

Já no corrente século, destaca-se a biblioteca americana de Seattle. Esta biblioteca, projectada por Rem Koolhaas, cruza as linhas futuristas do autor com as funcionalidades do serviço, resultando numa volumetria multifacetada que contém uma infinidade de relações entre os diferentes pisos dos serviços da biblioteca. Inaugurada em 2004, destaca-se pela sua materialização e impacto na cidade, sendo as suas paredes de vidro responsáveis pela iluminação de todo o espaço interior. O conceito deste projecto defende o poder da tecnologia e dos materiais, intimamente associados ao exercício da arquitectura.

Depois desta breve síntese do percurso histórico da biblioteca no mundo arquitectónico, que procurou ilustrar com os exemplos mais representativos dos diferentes períodos, pode-se concluir que a biblioteca é um serviço cujo desenho tem vindo a ser alterado ao longo do tempo. Para tais alterações, contribuíram as necessidades dos utilizadores durante as várias épocas, que foram sempre influenciando a arquitectura.

Infere-se também que a biblioteca se foi tornando, cada vez mais, um centro cultural e que a sua localização começou a assumir alguma relevância na cidade. Sobretudo a partir dos finais do século XVIII, foi-se tornando fundamental ao serviço da sociedade, assumindo um papel de relevo no desenvolvimento da cultura da população. Servindo uma comunidade, era sua obrigação responder a critérios específicos, uma vez que as exigências do espaço diferem consoante o utilizador e a utilização. Este será um assunto abordado no capítulo relativo às tipologias das bibliotecas.

⁴⁸ SOLIMINE, Giovanni - Spazio e Funzioni nell' Evoluzione della Biblioteca: una prospettiva storica. In *Biblioteca tra Spazio e Progetto: V Conferenza Nazionale per i Beni Library*. 1998. p. 31

1.2 O PROGRAMA DA BIBLIOTECA:

Os Diferentes Espaços

Per me come architetto [...] è inquietante soprattutto la questione posta dall'immaterialità all'articolazione dei luoghi e delle funzioni e quindi al nostro scenario quotidiano e quindi dalla perdita del significato collettivo di ogni funzione e tipologia in quanto differenza dotata di senso dentro alla città⁴⁹.

Antes de mais, e para concretizar qualquer projecto de arquitectura, é necessário um programa que delimite à partida o que se pretende com a construção de um edifício. As bibliotecas, na sua maior parte serviços públicos, não são excepção, sendo imprescindível um plano antes de se desenhar e desenvolver um projecto que responda às funções que o equipamento deve desempenhar. Sendo um equipamento específico de um certo local, há que atender às várias fases de concretização do projecto, desde o planeamento pelos técnicos da biblioteca até à construção pela equipa de engenharia. Neste longo processo, o trabalho do arquitecto é fundamental, sendo o seu objectivo a atribuição de forma e significado aos espaços que desempenham necessariamente determinadas funções.

Cooperando com os bibliotecários e como resultado de um trabalho em equipa, conseguir-se-á *a good, well-balanced building*⁵⁰. Como relata Swartzburg: *In the last decade of the nineteenth century, librarians were planning and architects were designing the new library buildings that were springing up in cities*⁵¹.

Para que seja feito um plano eficiente de uma biblioteca, dele devem constar três conceitos essenciais, a saber: a colecção, a organização e preservação da mesma e

⁴⁹ GREGOTTI, Vittorio - Lo Spazio della Biblioteca fra Tradizione e Modernità. In *Biblioteca tra Spazio e Progetto: V Conferenza Nazionale per i Beni Library*. 1998. p. 19

⁵⁰ *The program, representing the results of early basic, critical decisions, is a statement of requirements for the facility to be built and is associated with a budget.* Ver: Business, Art and Profession of Architecture. In *Building Design and Construction Handbook*. 4ª ed. p. 27. Por SWARTZBURG, Susan Garretson - *Libraries and Archives: Design with a Preservation Perspective*. 1998. p. 60

⁵¹ *Ibidem*, p. 20

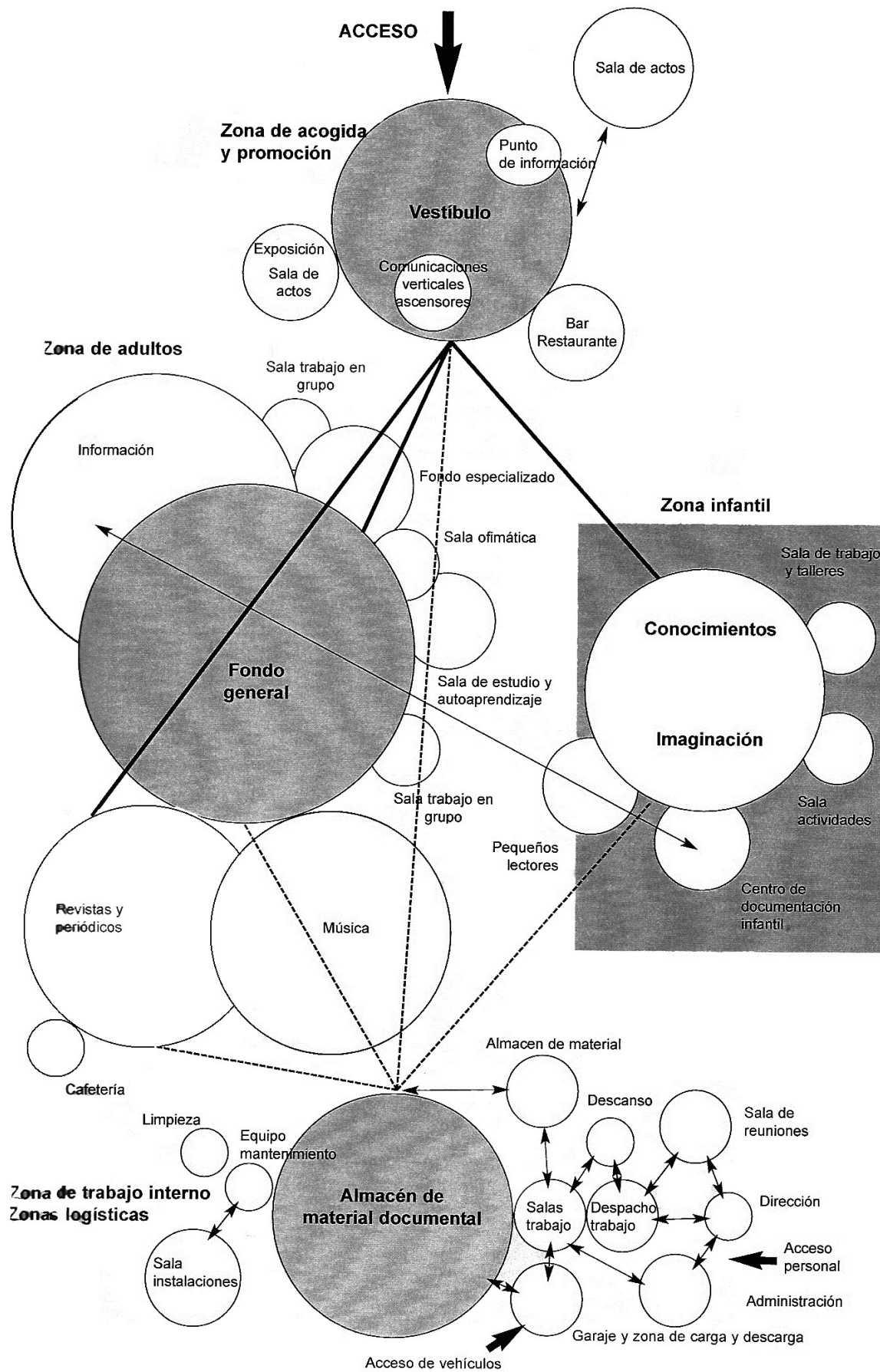


Fig. 51 - Exemplo de um organograma funcional

a divulgação da informação. De facto, é fácil compreender a importância destes termos no que diz respeito à função das bibliotecas nos nossos dias⁵².

Segundo Louis I. Kahn, o edifício de uma biblioteca deve oferecer um conjunto de espaços adaptáveis às necessidades ao longo do tempo. Para o arquitecto, os espaços são concebidos a partir da interpretação do seu uso, o que vai condicionar a forma do edificado. Kahn defende, também, que as pessoas não se relacionam de modo estático: livros e pessoas têm que ter espaços especificamente idealizados com características distintas⁵³. Assim, estas relações devem ser potenciadas pelo desenho dos espaços criados pelo arquitecto.

Apesar de nem sempre se encontrar um consenso entre arquitectos e bibliotecários, pode falar-se da biblioteca segundo dois pontos de vista: *templo de cultura* e *dispositivo susceptível de facilitar el acesso*⁵⁴. Se, no primeiro caso, nos deparamos usualmente com numerosos obstáculos físicos, no segundo, procura-se a adaptação à rua e à paisagem, integrando-se no tecido urbano com uma organização clara e fácil circulação do público. Para o arquitecto, criar a biblioteca ideal é o resultado do estudo das qualidades desejadas para a biblioteca, quer a partir do exterior do edifício, quer a partir do seu interior⁵⁵. Segundo Solimine, no século XX teve início o Movimento Racionalista na arquitectura das bibliotecas, uma vez que se começou a ter um especial cuidado com a organização e articulação entre as diferentes partes do edifício passando, inevitavelmente, pela sua implantação e inserção do equipamento na cidade⁵⁶.

O programa da biblioteca pode ser delineado por um organigrama funcional⁵⁷, que servirá de ponto de partida para o arquitecto. Este esquema permite esclarecer as relações entre os diferentes serviços, sem fixar a forma ou a dimensão do edifício. Isto

⁵² Ibidem, p. 82

⁵³ KAHN - *Space Form Use: A Library*. p. 43. Por KOHANE, Peter - La búsqueda de la 'forma' de Louis I. Kahn: ámbitos públicos y privados en las bibliotecas de la Washington University y la Phillips Exeter Academy. In GOLLER, Bea (Coord.) - *Bibliotecas*. pp. 85-87

⁵⁴ ROMERO, Santi - *La Arquitectura de la Biblioteca: Recomendaciones para un Proyecto Integral*. 2003. p. 59

⁵⁵ Ibidem

⁵⁶ SOLIMINE, Giovanni - Spazio e Funzioni nell' Evoluzione della Biblioteca: una prospettiva storica. In *Biblioteca tra Spazio e Progetto: V Conferenza Nazionale per i Beni Library*. 1998. p. 43

⁵⁷ O organigrama funcional é um esquema do programa. Não pode ser considerado um projecto, uma vez que apenas auxilia o arquitecto na sua execução.

justifica-se pela tendência natural da biblioteca se ajustar ao desenvolvimento das tecnologias, das mentalidades e da constante renovação da informação e respectivos suportes à disposição dos utilizadores.

O elemento-chave do projecto de arquitectura de uma biblioteca, responsável pelo seu bom funcionamento, é a circulação: do público, do pessoal e dos documentos. Estas diferentes circulações dividem-se em internas e externas. As circulações internas dizem respeito aos fluxos que vão desde a entrada do documento na biblioteca até ao ponto de leitura, enquanto as circulações externas têm a ver com a articulação de todos os serviços do edifício sendo, por isso, mais complexas. Uma vez que a circulação é o ponto fulcral para o bom desenvolvimento do programa e dado que a biblioteca oferece muitos serviços, é igualmente relevante para o arquitecto o conhecimento das actividades que ela deve albergar⁵⁸.

A diversidade destes percursos é a principal responsável pelo desenvolvimento do programa, tanto a nível público como privado. É crucial que o projectista defina claramente as zonas de acesso ao público de modo a que o desenho dos trajectos não interrompa ou cruze as passagens privadas e técnicas.

Segundo Giovanni Solimine, a biblioteca tem três tipos de funções: selecção e desenvolvimento das colecções e sua conservação; organização e tratamento dos documentos; e, finalmente, a difusão da informação, leitura e consulta de documentos⁵⁹.

Para cada uma destas funções, há que ter um cuidado específico na concepção das diferentes áreas. Como já foi referido no subcapítulo anterior, os depósitos surgiram para albergar os documentos que não podem ficar disponíveis na sala de leitura, por falta de espaço ou por necessidade de características especiais de conservação. Precisando de protecção especial, os livros exigem o controlo da climatização destes espaços, essencial para se conseguirem os valores ideais de humidade e temperatura que permitam a sua conservação. Protegidos da luz, os depósitos são espaços reservados, não acessíveis ao público, podendo conter toda a

⁵⁸ ROMERO, Santi - *La Arquitectura de la Biblioteca: Recomendaciones para un Proyecto Integral*. 2003. pp. 93-94

⁵⁹ SOLIMINE, Giovanni - Spazio e Funzioni nell' Evoluzione della Biblioteca: una prospettiva storica. In *Biblioteca tra Spazio e Progetto: V Conferenza Nazionale per i Beni Library*. 1998. pp. 25-26

bibliografia, actualizada ou não actualizada ou a que, ao longo do tempo, vai deixando de ser requisitada ou consultada.

De modo a organizar as suas colecções, as bibliotecas devem ter espaços capazes de permitir aos técnicos a classificação, a indexação, a catalogação, etc. O programa da biblioteca deve conter gabinetes técnicos e administrativos onde, afastados do público, os funcionários possam executar apropriadamente as suas funções.

Por último, mas não menos importante, há um espaço dedicado ao leitor, onde este tem acesso à informação - a sala de leitura. De facto, a sala de leitura é o local mais importante, que permite o encontro entre o livro e o leitor, afinal a função primordial da biblioteca. Essa sala é, por excelência, um local privilegiado na biblioteca. Dependendo do acesso que se pode ter ao livro, é considerada de livre acesso, de leitura individualizada ou de leitura reservada. Cada uma delas tem a sua característica física. Nas salas de leitura de livre acesso, o leitor encontra o livro nas estantes, podendo consultá-lo nas mesas e cadeiras disponíveis. As salas de leitura individualizada estão isoladas de outros espaços, de forma a permitir o silêncio necessário à concentração exigida pelo acto de ler. Finalmente, as salas de leitura dos reservados (exemplares únicos ou raros) exigem condições idênticas ao depósito, uma vez que nelas o leitor encontra os documentos que, dada a sua natureza, não podem ser requisitados e que, por essa circunstância, têm de ser cuidadosamente conservados.

Dada a relevância da sala de leitura na biblioteca – de facto, ela é o centro nevrálgico de toda a estrutura funcional – entendeu-se que ela merecia uma análise com mais pormenor. É o que se fará no ponto seguinte, onde nos iremos deter, essencialmente, no papel da luz e do silêncio, elementos fundamentais a atender no projecto e na construção, enquanto potenciadores de um ambiente apropriado aos espaços de leitura ou aos espaços lúdicos.

Além de procurar o saber nas páginas de um livro, o leitor pode aceder a informação através de uma diversidade de outros suportes, incluindo a informação em forma digital na internet. Para que cumpram tal objectivo, as bibliotecas devem possuir salas adequadas à leitura dos diferentes documentos. Deste modo, acompanhando o avanço tecnológico, as bibliotecas devem estar apetrechadas com

equipamentos audiovisuais e multimédia que possibilitem o acesso à informação em diferentes meios. Assim, o arquitecto deve desenhar os espaços criando ambientes com as características ideais para o uso em causa.

1.2.1 A SALA DE LEITURA:

O encontro entre o Livro e o Leitor

São todos gestos comuns: tirar os óculos do estojo, limpá-los com um paninho, a fralda da camisa ou a ponta da gravata, pô-los no nariz e segurá-los por detrás das orelhas antes de perscrutar a página entretanto nítida que temos à nossa frente. Em seguida, puxá-los para cima com o indicador ou deixá-los escorregar pela cana do nariz para focar melhor as letras e, após algum tempo, soerguê-los para esfregar a pele entre as sobrancelhas, fechando os olhos para manter o texto tentador fora de vista⁶⁰.

Ler é um hábito que deve, desde cedo, ser inculcado nos jovens. Justifica-o não só a sua utilidade, mas também o prazer proporcionado. Embora múltiplas técnicas tenham sido utilizadas neste processo de encantamento, a escolha dos livros é fundamental para a sedução. Como Alberto Manguel nos diz: “Os livros revelam-se através dos seus títulos, dos seus autores, do lugar que ocupam num catálogo ou numa estante, das ilustrações da capa; os livros também se revelam pelo tamanho.”⁶¹.

A leitura cresceu significativamente no século XIX, com o desenvolvimento da instrução pública, sobretudo no ensino primário. Se já era importante saber ler e escrever, bem como compreender as palavras da Bíblia Sagrada, os contos populares passaram a ser os responsáveis pela aproximação de todas as classes etárias e sociais à leitura. O crescimento do número de leitores e a maior difusão de obras impressas concorreram para que o número das bibliotecas se tornasse insuficiente ou incapaz de satisfazer as necessidades da população no que diz respeito à oferta de espaços de leitura⁶².

No apaixonante acto que é a leitura, o espaço torna-se o cenário da “loucura” de quem, com o olhar, segue, preso e atento, as páginas que vai folheando. Na sua *História da Leitura*, o referido autor continua a descrever as capacidades do livro:

⁶⁰ MANGUEL, Alberto - *História da Leitura*. 1999. p. 291

⁶¹ Ibidem, p. 135

⁶² REBELO, Carlos Alberto - *A Difusão da Leitura Pública: As Bibliotecas Populares (1870-1910)*. 2002. pp.71-75

*Lemos para descobrir o final da história. [...] Lemos à descoberta, como exploradores, esquecidos do que nos rodeia. Lemos distraidamente saltando páginas. Lemos com desespero, admiração, negligência, ira, paixão, inveja, desejo. [...] Lemos em movimentos lentos e longos, como se andássemos à deriva no espaço, sem peso. [...] Lemos com generosidade, procurando desculpas para o texto, preenchendo lacunas, remediando erros. E por vezes, quando temos sorte, lemos com a respiração sustida, com um estremecimento, como numa assombração, como se de súbito a memória tivesse sido resgatada de um lugar fundo dentro de nós [...]*⁶³.

É impossível dissociar a ideia de biblioteca de um espaço concreto, com elementos muito próprios como a sala de leitura, onde a relação entre o livro e o leitor é muito directa. Este relacionamento pode ser potenciado se houver o cuidado de desenhar um espaço capaz de “acolher um estranho”, fazendo com que ele se sinta bem, num lugar que é público, que não foi pensado para satisfazer um só indivíduo mas uma comunidade de leitores em geral.

Na concepção do espaço de uma sala de leitura a preocupação primeira do arquitecto é a de criar ambientes onde a luz invada o espaço de um modo subtil, não perturbando a leitura individual. Na arquitectura, a luz tem um papel de tal modo importante que, ao mesmo tempo que pode iluminar os espaços, também lhes atribui uma determinada função, podendo ser trabalhada de inúmeras formas: sendo natural ou artificial e incidindo directa ou indirectamente. A importância da luz será desenvolvida no subcapítulo que se segue, pretendendo-se compreender de que modo o arquitecto a pode trabalhar e como ela influencia a utilização do espaço.

Como já foi referido, cabe também ao arquitecto promover o bem-estar e conforto do leitor. O espaço deve estar desenhado e moldado para lhe potenciar o desejo de permanecer na biblioteca. Só deste modo o leitor pode sentir a proximidade com o lugar e com o livro, objectivo fundamental do trabalho do arquitecto na delineação da biblioteca. Para o arquitecto, é de facto consolador verificar que a vontade do utente é estar na biblioteca, sentar-se na sala de leitura e recolher-se num ambiente inspirador, que promove a relação com o livro. No âmbito da arquitectura, o conforto e a iluminação nas salas de leitura são elementos fundamentais nesta proximidade.

⁶³ MANGUEL, Alberto - *História da Leitura*. 1999. pp. 304-305

O desenho da sala de leitura deve permitir o fácil acesso ao livro e o espaço deve disponibilizar o mobiliário necessário para que o leitor se instale e consulte os documentos que pretende, de uma forma adequada e confortável. A distribuição de mesas e cadeiras deve organizar-se em pontos de trabalho e leitura, onde o leitor possa consultar os livros ao seu alcance nas estantes instaladas no mesmo espaço. Para além deste mobiliário de base, também o pessoal responsável pelo bom funcionamento da sala de leitura deverá estar num ponto estratégico, de modo a observar todos os leitores. Se esse for um local central, poderá mais facilmente facultar alguma informação ao leitor ou ajudá-lo na pesquisa do catálogo e/ou na entrega e recolha de documentos armazenados nos depósitos.

É imprescindível que o arquitecto possua um conhecimento das relações que se estabelecem entre o livro, o leitor e o funcionário, de modo a criar um espaço com percursos não cruzados, onde o serviço seja o ideal. Muitas vezes, a fim de assegurar uma hierarquização dos espaços e percursos, o arquitecto sente necessidade de desenhar barreiras físicas que definam fronteiras evidentes para o leitor. Um exemplo de elementos que servem de barreira são os balcões e secretárias de atendimento ao público (os pontos de trabalho dos funcionários), onde o utente se pode dirigir para solicitar auxílio na pesquisa, na requisição ou qualquer outra informação.

1.2.1.1 SILÊNCIO E LUZ:

O Cenário do Espaço e o Criador de Ambientes

O objectivo fundamental da biblioteca é o fácil acesso à informação e ao conhecimento. A sala de leitura é um espaço de intimidade entre o livro e o leitor, um espaço onde a organização, a comodidade, a versatilidade e a eficiência são necessárias⁶⁴. O silêncio é imprescindível para que se concretizem estas necessidades e um adjuvante no estabelecimento da relação entre o leitor e o livro. Segundo o director da Biblioteca Nacional de Portugal, em 2004:

*O silêncio é, por assim dizer, o elemento das bibliotecas, o objectivo primeiro da arquitectura que a elas se dedica. Todo o diálogo que ali se trava é entre os autores e os seus leitores [...] e para que ele seja possível é necessário que o principal do espaço das bibliotecas públicas inspire e cultive o silêncio*⁶⁵.

Já Kahn tem uma opinião muito própria em relação ao silêncio, defendendo a sua relação com a luz:

El Silencio contiene nuestros deseos: el deseo de aprender, de reunirnos y de alcanzar un estado de bienestar; es decir, todos aquellos atributos que definen nuestra humanidad. El significado esencial de una institución, que Kahn llama 'forma', existe en este ámbito. La luz se relaciona con la representación tangible del mundo de las

⁶⁴ FERREIRA, Jorge - A Biblioteca: Construção de Babel. *Arquitectura Ibérica: Bibliotecas*. 17 (2006). p. 7

⁶⁵ AURÉLIO, Diogo Pires - Os Lugares que o saber ocupa. *Arquitectura Ibérica: Bibliotecas*. 1 (2004). p. 8



Fig. 52 - Sala de leitura da Biblioteca Nacional de França, de Henri Labrouste

*ideas. La transformación del Silencio en Luz se realiza a través del ‘diseño’, que existe entre ambos, en el ámbito de las sombras*⁶⁶.

Como já referido, a maioria das salas de leitura das bibliotecas medievais eram escuras. Esta obscuridade era intencional, servindo para proteger os leitores do calor do Verão, o que implicava que, durante o Inverno, o espaço ficasse naturalmente mais frio e escuro. Se, por um lado, esta opção se devia à necessidade de proteger os aposentos das correntes de ar e os escritos da luz solar, por outro lado, ela dificultava a leitura, provocando um esforço acrescido aos olhos dos leitores⁶⁷. Actualmente, é essencial o cuidado com a existência de luz natural, havendo uma enorme necessidade de o arquitecto a trabalhar para criar o ambiente desejado na sala de leitura, como defende Diogo Pires Aurélio: “Porque há também uma questão de luz nas bibliotecas. É necessário, por um lado, não afectar o ambiente de serenidade e reflexão nas salas de leitura, por outro, não agredir a fragilidade dos materiais de que são feitos os livros.”⁶⁸.

Como relata Manguel, já “[...] na Europa dos séculos XVII e XVIII pressupunha-se que os livros se destinavam a ser lidos em interiores, na reclusão de uma biblioteca pública ou privada.”⁶⁹. Nesta época, a sala de leitura era um local frio e isolado, povoada por elementos de uma classe social restrita. A luz, acanhada, só penetrava pontualmente o espaço.

A primeira sala de leitura iluminada de modo inovador foi criada por Henri Labrouste, na Biblioteca Nacional de França, onde a engenhosa estrutura de ferro permitiu aberturas na cobertura. Comparando-a com um projecto mais antigo de Boullée, já na sua utópica biblioteca ele imaginava longas galerias de estantes acompanhadas por um rasgo de luz zenital na abóbada que cobria a monumental sala de leitura⁷⁰. Na obra de Labrouste nota-se a influência das ideias de Boullée. Segundo

⁶⁶ KOHANE, Peter - La búsqueda de la ‘forma’ de Louis I. Kahn: ámbitos públicos y privados en las bibliotecas de la Washington University y la Phillips Exeter Academy. In GOLLER, Bea (Coord.) - *Bibliotecas*. 1989. pp. 75-77

⁶⁷ MANGUEL, Alberto - *História da Leitura*. 1999. p. 292

⁶⁸ AURÉLIO, Diogo Pires - Os Lugares que o saber ocupa. *Arquitectura Ibérica: Bibliotecas*. 1 (2004). p. 8

⁶⁹ MANGUEL, Alberto - *História da Leitura*. 1999. p. 150

⁷⁰ Boullée imaginava a sala de leitura também como um espaço de partilha e debate: *In his perspective view of the interior, numerous figures [...] but the majority are arranged in groups that appear to be discussing weighty intellectual matters [...]*. Ver: LEVINE, Neil - *Modern Architecture: Representation and Reality*. 2009. p. 90

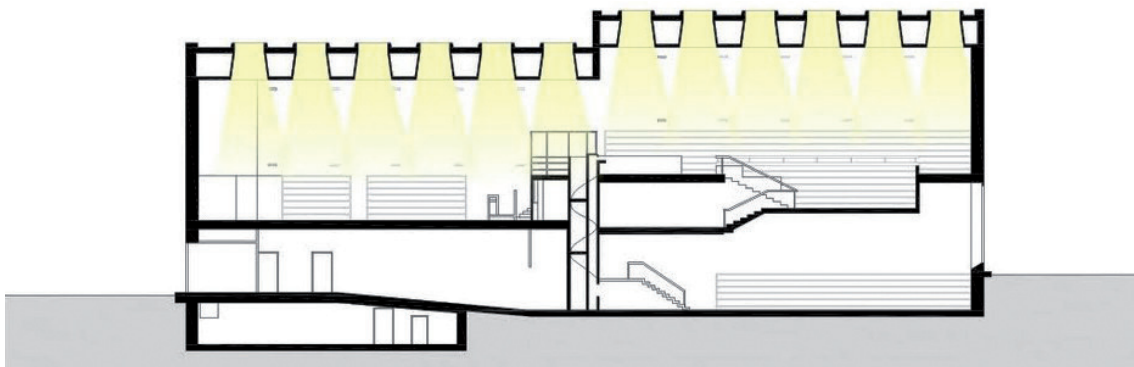


Fig. 53 - Corte da sala de leitura da Biblioteca de Viipuri - estudo da luz no espaço interior



Fig. 54 - Sala de leitura da Biblioteca de Viipuri



Fig. 55 - Clarabóias na cobertura da Biblioteca de Viipuri



Fig. 56 - Sala de leitura da Biblioteca de Berlim



Fig. 57 - Sala de leitura da Biblioteca de Berlim

Brawn: *Comune ad entrambe queste biblioteche è l'enfasi monumentale del salone di lettura e l'illuminazione dall'alto, nonché la collocazione del lettore all'interno di questo grandissimo volume, in modo da favorirne l'isolamento e la concentrazione*⁷¹.

Seguindo também este ideal da luz zenital, outras bibliotecas foram concebidas ao longo das épocas que se seguiram. Na de Viipuri, de Alvar Aalto, 57 clarabóias cilíndricas com 1,80 metros⁷² permitem a reflexão da luz do sol, evitando a utilização de vidros translúcidos. Estas aberturas facultam uma luz difusa, onde sombras e reflexos são inexistentes⁷³. Talvez por isto, Justo Isasi refira que *Viipuri [...] parece tan limpia, tan racionalista. [...] El espacio sin sombras evita los ressaltos y se articula con aristas limpias*⁷⁴.

Também Hans Scharoun, na Biblioteca Nacional de Berlim, em 1964, propôs clarabóias ritmadas para iluminar o espaço contínuo das sequenciais salas de leitura e múltiplas escadarias que permitem a deslocação entre os desníveis criados. O arquitecto criou, assim, uma organicidade demonstrada na concepção do espaço, tal como Burkle nos descreve: *Functional units, such as the various Reading rooms, catalogue area and issue desk, are inserted into an organic continuous space, covered by a sun-screend ceiling which Scharoun called 'skyscape'*⁷⁵. Para melhor aproveitamento da luz natural, foram essenciais os jogos de pés-direitos e distribuição dos diferentes pisos que, se por um lado, facilitavam a organização dos diferentes espaços, por outro, auxiliavam também na orientação do indivíduo.

Para Kahn, os elementos mais importantes no desenho de um espaço de leitura, elementos que marcaram claramente a sua maneira de planear a biblioteca, foram os seguintes: a privacidade, a luz, as vistas e a proximidade dos livros com o

⁷¹ BRAUN, Michael - Biblioteche. pp. 16-20 por SOLIMINE, Giovanni - Spazio e Funzioni nell'Evoluzione della Biblioteca: Una Prospettiva Storica. In *Biblioteca tra Spazio e Progetto: V Conferenza Nazionale per i Beni Library*. 1998. p. 45

⁷² LAHTI, Louna - *Alvar Aalto 1898-1976: Paraíso para gente comum*. 2006. p. 19

⁷³ "Há a preocupação de manter um ambiente calmo, onde a deslocação das pessoas não é sentida pelo leitor, o que vai ser conseguido através da ausência de movimento de sombras e pelo atenuar da revibração de sons, consequência do desenho e acabamento dos tectos.". Ver: ROTH, Diana Eibner - *A Luz como Elemento Compositivo na Arquitectura Contemporânea*. 1997. p. 92

⁷⁴ ISASI, Justo - Lecturas Canónicas – Tres bibliotecas de maestros: Estocolmo, Viipuri y Exeter. *Arquitectura Viva*. 63 (1998). p. 31

⁷⁵ BURKLE, J. Christoph - *Hans Scharoun*. 1993. p. 136



Fig. 58 - Interior da Biblioteca de Exeter, de Louis Kahn



Fig. 59 - Gabinets de leitura da Biblioteca de Exeter

leitor⁷⁶. A Biblioteca de Exeter está ajustada a estas exigências. Através de um poço vazio central, a luz zenital atravessa todo o bloco até aos pisos inferiores, sendo complementada com a luz que entra pelos vãos das fachadas. Os espaços de leitura situam-se na periferia, enquanto o interior se destina ao arquivo⁷⁷. Louis Kahn criou uma hierarquia de três espaços: *un espacio en el que los estudiantes se reúnan en presencia de los libros, otro para los libros y un tercero para leer con luz*⁷⁸.

Exemplos como este clarificam bem a importância da luz nos espaços de leitura de uma biblioteca. A luz pode valorizar extremamente um local, dependendo do grau com que penetra no espaço. Para o arquitecto, é imprescindível trabalhá-la de modo a hierarquizar os interiores e torná-los calmos e acolhedores. Ele tem de atender também à evolução das funções da leitura. A propósito da relação que se estabelece entre os leitores e os livros, na biblioteca, vale a pena ler Kohane:

Hoy, sin embargo, el libro ha sido secuestrado por la industria del ocio, y las bibliotecas han pasado a integrarse en los circuitos de la información. Ocio e información no son incompatibles, pero ocupan espacios diferentes en la arquitectura simbólica de la sociedad contemporánea [...] ⁷⁹.

⁷⁶ KOHANE, Peter - La búsqueda de la 'forma' de Louis I. Kahn: ámbitos públicos y privados en las bibliotecas de la Washington University y la Phillips Exeter Academy. In GOLLER, Bea (Coord.) - *Bibliotecas*. 1989. p. 89

⁷⁷ *Exeter comenzó en la periferia, donde se halla la luz. Yo sentía que la sala de lectura tenía que situarse donde una persona pudiera estar sola cerca de una ventana y que debía ser una especie de gabinete privado. [...] El interior lo hice como un aro de hormigón donde se guardarán los libros, apartados de la luz.* Ver: KAHN, Louis I. – The Mind of Louis I. Kahn. *Architectural Form*. 137 (1972). p. 77. Por KOHANE, Peter - La búsqueda de la 'forma' de Louis I. Kahn: ámbitos públicos y privados en las bibliotecas de la Washington University y la Phillips Exeter Academy. In GOLLER, Bea (Coord.) - *Bibliotecas*. 1989. p. 99

⁷⁸ KOHANE, Peter - La búsqueda de la 'forma' de Louis I. Kahn: ámbitos públicos y privados en las bibliotecas de la Washington University y la Phillips Exeter Academy. In GOLLER, Bea (Coord.) - *Bibliotecas*. 1989. p. 99

⁷⁹ Fernández-Galiano, Luis - Libro o Bibliotecas. *Arquitectura Viva*. 63 (1998). p. 3

Capítulo 2
ESPECIFICIDADES DA BIBLIOTECA

2.1 TIPOLOGIAS DAS BIBLIOTECAS

[...] *as bibliotecas têm vindo a assumir cada vez mais papéis de crescente relevância social, contribuindo para a inclusão e para uma redistribuição social da informação e do conhecimento*⁸⁰.

O conceito de biblioteca tem-se alterado ao longo da história. Se, no início, ela era entendida como uma colecção de volumes e/ou outros fundos documentais, hoje é antes considerada como um serviço a uma comunidade (sendo um equipamento num determinado local) ou como um portal de acesso ao conhecimento.

Entre outras, uma biblioteca tem como preocupação servir uma comunidade, dando resposta a uma série de exigências, designadamente a de lhe facultar informação e conhecimento. Como serviço que é, assume várias especificidades, que dependem dos fundos que alberga e do seu público-alvo. Com a necessidade de criação de diferentes bibliotecas, surgiu o conceito de tipologia de biblioteca.

Etimologicamente, tipologia (*tipo + logia*) significa estudo dos tipos ou categorias. A tipologia requer uma classificação que estabelece os tipos. No contexto biblioteconómico, a categorização da biblioteca faz-se em relação à comunidade que ela serve, isto é, ao tipo dos seus utilizadores. Segundo Luis Milanesi, a especialização de uma biblioteca tem muito mais a ver com o seu público e com os respectivos interesses do que com as características técnicas do equipamento⁸¹. De facto, se o tipo de biblioteca remete para determinados utilizadores, ela terá que disponibilizar fundos apropriados às características dos leitores. Deste modo se conclui que as tipologias de bibliotecas dependem da comunidade que servem e dos fundos nelas existentes.

⁸⁰ CALIXTO, José António - Bibliotecas para a Vida. In *Bibliotecas para a Vida*. 2007

⁸¹ MILANESI, Luis - *Biblioteca*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002. p. 83 por RIBEIRO, Alexander Borges - *Bibliotecas Públicas do Brasil: passado, presente e futuro*. 2008. p. 31

Na impossibilidade de uma biblioteca polivalente, que possa dar resposta às necessidades de todos os utilizadores, existem diversos tipos de bibliotecas que, disponibilizando informação de determinado tema ou destinadas a certos grupos, se enquadram numa classificação.

Ao longo do tempo, a biblioteca foi-se alterando, pelo que as suas tipologias se foram adaptando ao serviço que deviam prestar. O avanço da tecnologia e as alterações no perfil do utilizador foram exigindo, também, alterações na oferta dos serviços implicando, deste modo, adaptações do próprio equipamento, tal como se poderá observar no Relatório sobre as Bibliotecas Públicas em Portugal, de 1996:

Em primeiro lugar, a tendência para a digitalização da informação e para a informação multimédia. A crescente produção de novos materiais em formatos digitais, e mesmo a digitalização de documentos já existentes noutros suportes, como o papel, que integram diversos tipos de conteúdos (textos, imagens fixas e animadas, som, etc.), bem como o recurso alargado a ligações hiper textuais e técnicas de interactividade, irão alterar profundamente o tipo de informação e de documentos que estarão disponíveis nos próximos anos⁸².

De facto, é importante que a biblioteca se vá adaptando ao público e às influências do seu tempo. Existindo públicos distintos, que pedem diferentes serviços, é necessário, no âmbito da arquitectura, entender as necessidades específicas e prover o edifício de espaços capazes de lhes dar resposta.

Para uma melhor contextualização do objecto deste trabalho, seguir-se-á uma breve descrição e exemplificação das tipologias incluídas em dois grandes grupos (especializadas ou gerais), com uma referência especial às respectivas funções e características.

⁸² MOURA, Maria José (coord.) - *Relatório sobre as Bibliotecas Públicas em Portugal*. 1996. p.4

2.1.1 BIBLIOTECAS ESPECIALIZADAS:

Bibliotecas Universitárias, de Centros de Investigação e de Fundações

As bibliotecas especializadas são equipamentos que disponibilizam fundos documentais específicos de determinada área do conhecimento. Podem ser promovidas por organismos governamentais, instituições científicas, culturais ou mesmo por entidades empresariais ligadas à indústria e ao comércio. Os tipos de bibliotecas deste grupo distinguem-se por disponibilizar colecções muito particulares, de acordo com as necessidades de informação dos seus utilizadores. Qualquer tipo de biblioteca específica deve ser complementado por um fundo básico de referência geral. Devido à dificuldade de delimitação da área de informação e conhecimento que deve disponibilizar, por vezes é conveniente a associação a outra biblioteca, que contenha bibliografia afim, de modo a que se complemente a documentação especializada com outra mais geral⁸³.

As bibliotecas especializadas podem ser públicas ou privadas, havendo casos de bibliotecas privadas de acesso público. As bibliotecas universitárias, inseridas num contexto próprio de disseminação de informação e conhecimento num estabelecimento público, são também públicas. Já as bibliotecas de fundações e de centros de investigação têm acesso restrito, por serem bibliotecas privadas. Algumas, como é o caso da Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian, embora privadas, têm acesso público.

⁸³ *Una biblioteca puede ser especializada por varias razones:*

- *Por su contenido: según las particulares ramas del saber.*
- *Por el público: diferentes categorías de usuarios, como por ejemplo las bibliotecas de los colegios profesionales.*
- *Por el tipo de documentos: especializadas en una forma particular de documentos, como partituras musicales, cartografía u otros.* Ver: ROMERO, Santi - *La Arquitectura de la Biblioteca: Recomendaciones para un Proyecto Integral*. 2003. p. 18

A Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian é bastante conhecida a nível nacional e internacional, por ser um pólo de informação de referência no sector das artes. Nasceu da necessidade de albergar os fundos documentais da colecção privada do seu fundador, Calouste Gulbenkian (constituída por três mil títulos), sendo que a esta se foram adicionando outros títulos sobre a mesma temática. Esta biblioteca tem como principal objectivo disponibilizar informação relativa às artes visuais e arquitectura em Portugal⁸⁴. Trata-se de um claro exemplo de uma biblioteca especializada, uma vez que os seus fundos estão dedicados a um só tema, indo ao encontro de uma comunidade ligada ao mundo das artes.

A biblioteca universitária é considerada a unidade de informação por excelência do estabelecimento de ensino universitário, devendo apoiar não só a aprendizagem como também a investigação. As suas colecções são constituídas por documentos de índole científica e técnica. Este tipo de biblioteca tem de estar sempre actualizado, assegurando as assinaturas das edições periódicas especializadas e integrando no seu espólio os trabalhos científicos produzidos pelos seus investigadores ou outros⁸⁵. É dirigida à comunidade universitária e, nesse sentido, deve tratar e disponibilizar trabalhos de natureza científica, tais como: teses de mestrado e doutoramento, em formato papel ou digital, desejavelmente *on-line* e em texto integral⁸⁶.

Assim, este equipamento deverá servir estudantes, docentes, investigadores e até pessoas externas à universidade, por se tratar de um equipamento público. Como escreve Santi Romero em *La Arquitectura de la Biblioteca: Estos equipamientos deben estar preparados para ser el soporte indispensable del estudio universitario y también de la formación permanente dirigida a un conjunto más amplio de usuarios*.⁸⁷

Como exemplo de uma biblioteca universitária, refira-se a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. É uma biblioteca central, localizada num edifício construído no século XX, durante as obras na cidade universitária, onde passou a funcionar a partir de 1962⁸⁸. Até meados do século XX, esta biblioteca era apenas constituída pela

⁸⁴ FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN: BIBLIOTECA DE ARTE

⁸⁵ Trabalhos realizados por elementos da comunidade universitária ligada a essa biblioteca.

⁸⁶ NUNES, Manuela Barreto - *Comunicação e Bibliotecas*. 2005/2006. pp. 53-55

⁸⁷ ROMERO, Santi - *La Arquitectura de la Biblioteca: Recomendaciones para un Proyecto Integral*. 2003. pp. 17-18

⁸⁸ A Faculdade de Letras funcionava, até então, no espaço do novo edifício, que teve de ser muito adaptado às novas funções de biblioteca.

Biblioteca Joanina onde, ainda hoje, se encontram livros que datam do período compreendido entre os séculos XVI e XIX, inclusive. Mas nos anos 60 ganhou um novo edifício. Como nos mostra o Prof. Doutor Carlos Fiolhais, numa visita guiada à biblioteca, este edifício com pouco mais de cinquenta anos já não consegue responder às necessidades das colecções e dos serviços, por falta tanto de espaço como de técnicos⁸⁹. Importa à arquitectura que a concepção de edifícios de bibliotecas preveja, ou tenha presente, a necessidade de crescimento dos fundos documentais. É, de facto, muito perceptível que, no universo académico, a produção de teses e outras publicações tem crescido exponencialmente, e estas têm de ser integradas nas colecções universitárias.

No quadro da tipologia de bibliotecas universitárias é impossível não referir o nome de um dos grandes mestres da arquitectura do nosso país, Siza Vieira. São da sua autoria a Biblioteca da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (1986-1993)⁹⁰ e a Biblioteca Universitária de Aveiro (1988-1994), claros exemplos do trabalho cuidadoso do arquitecto, que atende à relação do utilizador com o espaço e às funções que este pretende desempenhar.

⁸⁹ ESPAÇOS DA ESCOLA: BIBLIOTECA GERAL. *Televisão Web - Universidade de Coimbra*

⁹⁰ Siza Vieira é o responsável não só pelo traço da biblioteca, mas também por todo o complexo da Escola de Arquitectura do Porto.

2.1.2 BIBLIOTECAS GERAIS:

Bibliotecas Nacionais e Municipais

Na categoria das bibliotecas gerais encontramos também as que contêm colecções que abrangem diversas áreas, já que têm de responder a um público mais diversificado. As bibliotecas gerais surgem com o intuito de disponibilizar informação e conhecimento a uma comunidade alargada, permitindo também a organização de serviços culturais que incentivem a instrução e a cultura. Assim, e enquanto bibliotecas públicas, disponibilizam serviços de consulta e empréstimo livres, para qualquer leitor. Os exemplos característicos de bibliotecas gerais são: nacionais e municipais.

A biblioteca nacional tem como responsabilidade fundamental a aquisição e conservação de exemplares de todas as publicações impressas e/ou editadas no seu país⁹¹. É o pólo nacional de informação bibliográfica, funcionando como centro de cooperação no âmbito do controlo bibliográfico nacional. Neste sentido, é a responsável pela catalogação do fundo nela arquivado, tendo o dever de criar uma base de dados disponível a nível nacional⁹².

Uma biblioteca nacional contém, em geral, o maior fundo documental constituindo, portanto, o acervo bibliográfico mais rico do país. Muitas vezes, as bibliotecas não têm áreas suficientes para albergar as colecções que todos os anos crescem desenfreadamente. Como refere Santi Romero: *Las bibliotecas nacionales se han convertido en edificios desproporcionados, con organizaciones extremadamente complejas. Los catálogos centralizan millones de datos, y las instalaciones de*

⁹¹ É também depositária do Depósito Legal.

⁹² NUNES, Manuela Barreto - *Comunicação e Bibliotecas*. 2005/2006. pp. 11-13

*almacenaje requieren edificios inmensos y sistemas mecanizados de transporte interior*⁹³.

A arte de idealizar e projectar um edifício deste tipo baseia-se em entender não apenas a necessidade de albergar os volumes existentes mas também em pensar num espaço capaz de crescer no futuro, na medida em que é difícil calcular o número de exemplares que a biblioteca terá de conservar a longo prazo. Como exemplos deste tipo de bibliotecas, pela sua complexidade arquitectónica e contemporaneidade, salientam-se a Biblioteca Nacional Alemã, do arquitecto alemão Hans Scharoun e a Biblioteca Nacional de França, do arquitecto francês Dominique Perrault. Como já foi descrito no primeiro capítulo deste trabalho, trata-se de obras ambiciosas, que mostram a capacidade da arquitectura para responder aos grandes desafios que este tipo de equipamento exige, desenvolvendo o seu extenso e complexo programa de uma forma funcional.

Também incluídas na categoria das bibliotecas gerais, as bibliotecas municipais contêm colecções mais pequenas que as nacionais, embora sejam mais abrangentes que as específicas. Devem ter uma relação mais directa com o leitor, uma vez que lhe devem dedicar outros serviços e actividades culturais, para além da leitura. O seu objectivo é servir uma comunidade menos especializada, com maior diversidade etária e cultural.

As bibliotecas municipais públicas devem responder a uma pluralidade de exigências. Segundo Vittorio Gregotti [...] *la nuova funzione pubblica accentua le esigenze utilitarie: la biblioteca doveva essere progettata per la comodità dei lettori, oltre che per la conservazione dei volumi*⁹⁴. O arquitecto deve ter a preocupação de que o desenho dos espaços, bem como os percursos ao longo deles, sejam fluidos, não interferindo os trajectos públicos com os dos funcionários. O acesso a alguns fundos só se faz através dos funcionários. Os corredores de acesso a certos depósitos e as salas de documentos protegidos são, por vezes, espaços de conservação que não podem ser visitados pelo utilizador comum.

⁹³ ROMERO, Santi - *La Arquitectura de la Biblioteca: Recomendaciones para un Proyecto Integral*. 2003. p. 12

⁹⁴ GREGOTTI, Vittorio - Lo Spazio della Biblioteca fra Tradizione e Modernità. In *Biblioteca tra Spazio e Progetto: V Conferenza Nazionale per i Beni Library*. 1998. p. 21

Para sintetizar a distinção entre bibliotecas nacionais e municipais, de forma bastante clara, Prieto Gutiérrez afirma:

En la actualidad tenemos las bibliotecas nacionales, cuyo objetivo primordial es el de reunir toda la producción intelectual del país o relacionada con la nación y para ello adapta sus instalaciones. El resto de instituciones tiende a ofrecer, para consulta, la totalidad de las colecciones incentivando y motivando a los usuarios a ello⁹⁵.

⁹⁵ PRIETO GUTIÉRREZ, Juan José - El Espacio Bibliotecario, de custodia a consulta. *Revista Interamericana de Bibliotecología*. 31:2 (2008). p. 158

2.2 A BIBLIOTECA PÚBLICA:

Considerações para a criação de um Projecto Funcional

O conceito de biblioteca pública foi desenvolvido na Europa no século XIX, numa época em que fervilhavam as ideias democráticas e diferentes ideologias políticas se confrontavam. Das mudanças ocorridas nas bibliotecas, destaca-se a possibilidade de o livro poder ser emprestado, saindo para fora do espaço da biblioteca e chegando mesmo a cruzar fronteiras⁹⁶.

O programa de uma biblioteca pública é bastante diversificado, tentando dar resposta a necessidades e exigências de diversas faixas etárias e grupos da comunidade que serve. Não se pode esquecer que a biblioteca tem como objectivo ser um pólo cultural depositário de informação e promotor de actividades. Respondendo a uma pluralidade de serviços, é essencial que o edifício em que está inserida crie ligações directas e fortes com a cidade. A arquitectura é responsável por estas relações, através do desenho do edifício: entradas, aberturas e passagens podem ser pontos fulcrais para relacionar o transeunte com o espaço edificado, bem como o utilizador da biblioteca com o exterior. Há, por exemplo, sítios onde a luz invade o interior, criando relações visuais. Para conseguir a existência de relações entre o interior e o exterior, os materiais são essenciais, sendo o vidro muitas vezes a opção usada. A sua transparência dissipa a barreira entre o espaço de dentro e o de fora. Assim, a comunidade acaba por se sentir mais próxima dos serviços, espaços e actividades, quer culturais quer de lazer.

⁹⁶ RIBEIRO, Alexander Borges - *Bibliotecas Públicas do Brasil: passado, presente e futuro*. 2008. p. 34

Como foi referido, a biblioteca pública oferece maior variedade de serviços do que qualquer outra, podendo dividir-se em cinco zonas: acolhimento e promoção, geral, infantil, trabalho interno e logística. Esta oferta prende-se com a necessidade de responder ao público em geral, tendo o cuidado de atender a actividades para determinados grupos etários ou com diferentes interesses, bem como dotar o equipamento de áreas técnicas que assegurem o exercício profissional⁹⁷.

É precisamente na tentativa de consolidar todas as áreas funcionais de uma biblioteca que a arquitectura assume um papel preponderante. Ao projectar um equipamento público com áreas tão distintas, que devem estar relacionadas de um modo equilibrado, é necessário conceber espaços com características pensadas e idealizadas para o correcto funcionamento dos seus serviços. O trabalho do arquitecto é o de criar espaços e formas capazes de servir funções.

Além da divisão das áreas propostas, também a *International Federation of Library Association* (IFLA) propôs directrizes relacionadas com o projecto arquitectónico, para o desenvolvimento dos serviços de bibliotecas públicas. Desde logo, a primeira preocupação é a localização, bem como a capacidade de o projecto garantir a acessibilidade a todos, com uma entrada facilmente identificada. No interior, para além de uma iluminação adequada, como já foi referido no primeiro capítulo, deve haver o cuidado de facilitar o acesso a todos os pisos com elevadores (no caso de o acesso ao público ser facultado em mais do que um piso), para que pessoas com mobilidade reduzida ou incapacitadas, possam usufruir dos serviços. A arquitectura mostra ser, assim, uma disciplina fulcral para responder a todas as exigências do programa da biblioteca pública⁹⁸.

Para o arquitecto, há sempre que considerar várias questões que se levantam na concepção do projecto de uma biblioteca. Harry Faulkner-Brown, arquitecto inglês responsável pela construção de algumas bibliotecas, membro influente da IFLA, indicou dez características que devem ser consideradas as grandes linhas a ter em conta num projecto de uma biblioteca. No mundo da biblioteconomia, os profissionais

⁹⁷ Para mais pormenores sobre o programa da biblioteca pública, ver: ROMERO, Santi - *La Arquitectura de la Biblioteca: Recomendaciones para un Proyecto Integral*. 2003. pp. 91-120

⁹⁸ HERRERA MORILLAS, José L.; PÉREZ PULIDO, Margarita, op. cit., pp. 2-3

que tão bem conhecem as necessidades dos serviços, identificam esta lista de orientações como os “Dez Mandamentos de Faulkner-Brown”.

Estes princípios surgiram como resultado da necessidade de linhas orientadoras para o projecto de arquitectura de uma biblioteca. O decálogo de Faulkner-Brown assume-se, por outro lado, como a resposta que a IFLA procurava para estimular as relações e trocar experiências entre bibliotecários e arquitectos. Tais parâmetros foram apresentados em 1972 e revistos no ano de 1980, sendo ainda hoje incontornáveis a nível internacional para o planeamento e a construção de bibliotecas públicas. Entende-se que eles deverão constituir o ponto de partida para os arquitectos, na medida em que, só com o seu atendimento se poderão desenvolver projectos que proporcionem um bom ambiente de trabalho no mundo da biblioteconomia⁹⁹.

Independentes da dimensão da biblioteca que se pretende criar, estas características devem ser consideradas para o seu ideal funcionamento. Assim, o arquitecto responsável pela concepção da biblioteca deve verificá-las no desenvolvimento do seu projecto. De resto, tal como preconiza Romero: *A partir de esta base, y sin interpretarlos como normas y reglas preciosas, se analizarán [...] los principales criterios que conviene plantearse cuando se pone en marcha un proyecto de biblioteca.*¹⁰⁰. Dada a sua importância na concepção e desenvolvimento dos projectos de arquitectura para bibliotecas públicas, essas características são aqui enunciadas e discutidas com a brevidade possível:

- > Flexibilidade: prende-se com a viabilização da transformação da biblioteca ao longo do tempo - tem que ser possível a adaptação a mudanças.
- > Compacidade: concentração das circulações no interior da biblioteca, não só de leitores, mas também de pessoal e documentos.
- > Acessibilidade: localização do equipamento, organização do edifício, distribuição do mobiliário e organização dos fundos documentais, adequação ao público, horário e gratuidade dos serviços.

⁹⁹ PRIETO GUTIÉRREZ, Juan José - El Espacio Bibliotecario, de custodia a consulta. *Revista Interamericana de Bibliotecología*. 2008. pp. 155-156

¹⁰⁰ ROMERO, Santi, op. cit., p. 61

- > Possibilidade de ampliação: capacidade de crescimento do equipamento. Segundo Santi Romero, se a biblioteca não crescer, acaba por morrer, na medida em que a biblioteca é um organismo vivo.
- > Variedade: noção relacionada com a consciencialização da oferta dos diferentes serviços. Esta diversidade diz respeito não só ao público, mas também às actividades proporcionadas, ao fundo documental e aos equipamentos disponíveis.
- > Organização: é necessária para que a multiplicidade dos elementos não provoque fadiga visual ou outra aos utilizadores. Este parâmetro deverá ter em conta os elementos estruturais do edifício, permitindo a circulação entre as diferentes áreas, de um modo natural e autónomo, respeitando as relações entre espaços e potenciando a fluidez entre todos.
- > Conforto e Constância: princípios que visam tornar os espaços confortáveis para os utilizadores, facultando-lhes permanentemente a sensação de bem-estar. No planeamento de um edifício, o conforto é conseguido com o auxílio da técnica, através da climatização, da iluminação e da insonorização.
- > Sinalização: identificação fácil dos espaços e informação aos utentes, que deverá ser clara. O projecto de sinalização deve estar incorporado no trabalho do arquitecto: a hierarquia auxilia no serviço das diferentes acções do utente¹⁰¹. De modo a ser evidente, a sinalização deverá ser colocada em locais estratégicos como átrios de distribuição e zonas de passagem e acesso.
- > Sustentabilidade e Manutenção: na maioria dos casos, estão relacionadas com as escolhas arquitectónicas. Estas devem permitir a ampliação e a sustentabilidade de um edifício evitando, deste modo, grandes intervenções de manutenção.
- > Segurança: a preocupação com a segurança relativamente aos livros e documentos requer um sistema de vigilância apertado.

¹⁰¹ *El usuario de una biblioteca actúa impulsado por tres motivaciones: buscar, identificar y, finalmente, apropiarse de los documentos. El sistema de señalización debe resolver gradualmente el proceso de aproximación a la información. Ver: Ibidem, p. 71*

Após a exposição destes dez pontos, conclui-se que o arquitecto deverá desenvolver um projecto de uma biblioteca baseado nas preocupações dos bibliotecários cujo atendimento irá, em última análise, beneficiar os utilizadores.

Como refere Prieto Gutiérrez, estas características são por vezes elogiadas e outras vezes criticadas, por serem consideradas imprecisas e pouco rigorosas¹⁰². Ainda assim, constituem uma mais-valia para o arquitecto, uma vez que não se apresentam como limites e não sendo imposições, mas apenas directrizes, permitem uma maior liberdade na definição dos espaços e na organização do programa.

¹⁰² PRIETO GUTIÉRREZ, Juan José - El Espacio Bibliotecario, de custodia a consulta. *Revista Interamericana de Bibliotecología*. 31:2 (2008). pp. 156-157

2.2.1 A BIBLIOTECA PÚBLICA EM PORTUGAL

Ele tinha dezoito anos e eu vinte e dois, se bem recordo [...]. O nosso gabinete de leitura e de escrita era a biblioteca de Vila Real. Ora, o público da leitura era ele e eu. A falar verdade, a livraria era uma desgraça literária, uma mole indigesta que nem as ratazanas seculares do extinto convento de S. Francisco tinham ousado esfarelar¹⁰³.

Estas frases foram escritas com a ironia do escritor Camilo Castelo Branco, nos seus “Esboços e Perfis Literários”. De facto, as bibliotecas públicas que surgiram em Portugal, após a Revolução Liberal, eram muito parcas em recursos e, além disso, estas estavam desactualizados. Se, no século XVIII, a biblioteca pública era um conceito e uma realidade inexistentes no nosso país, o ano de 1820 marca um ponto de viragem. O Liberalismo trouxe consigo novas ideias no que se refere ao acesso ao livro e às bibliotecas, fazendo surgir as bibliotecas públicas. Estas seriam o meio de concretizar os ideais daquele movimento: progresso, laicização e valorização do indivíduo. Esta revolução no acesso ao livro implicou, naturalmente, a criação de novos espaços, um tema fulcral no desenvolvimento da arquitectura.

Dentro deste espírito, a primeira biblioteca pública em Portugal foi fundada no Porto, em 1832, no antigo Convento de S. Francisco da Cidade (1834)¹⁰⁴. Pela escolha do espaço, podemos depreender que, já nesta época, havia a preocupação de aproveitar e reabilitar edifícios, assunto de estudo na segunda parte deste trabalho, com a análise dos exemplos de duas bibliotecas instaladas em edifícios reabilitados e reprogramados. A esta, seguiu-se a abertura de outras bibliotecas públicas. Foi o caso das bibliotecas públicas de Braga, Ponta Delgada e Portalegre, cujo estabelecimento teve de ultrapassar várias dificuldades.

¹⁰³ BRANCO, Camilo Castelo - *Boémia do Espírio*. Porto: Lello & Irmão, 1959. pp. 233-234. Por: REBELO, Carlos Alberto - *A Difusão da Leitura Pública: As Bibliotecas Populares (1870-1910)*. 2002. p. 90

¹⁰⁴ REBELO, Carlos Alberto - *A Difusão da Leitura Pública: As Bibliotecas Populares (1870-1910)*. 2002. pp. 87-88

Com a extinção das ordens religiosas, as livrarias que pertenciam aos antigos conventos, assim como algumas colecções pessoais, foram oferecidas aos municípios para que estes assegurassem a respectiva manutenção. Vindos dos conventos extintos, muitos foram os livros abandonados em depósitos, situação que constituía um problema para os responsáveis pelos municípios, que tinham de os alojar em locais com as condições mínimas para a sua preservação¹⁰⁵.

A história trouxe à arquitectura a possibilidade de se desenvolver no universo das bibliotecas. Para tal contribuíram, num primeiro momento, as políticas de instrução canalizadas para o combate ao analfabetismo. Num segundo momento, a partir de meados do século XX, assistiu-se a um compromisso estreito entre a arquitectura e as bibliotecas, que se deu, porém, em circunstâncias diversas e por vezes difíceis. Houve um ajustamento, por parte da arquitectura, no sentido de ir ao encontro do carácter multicultural das bibliotecas e da optimização da sua relação com o público. Hoje em dia é a tecnologia que faz acelerar e repensar todo este processo. Num país onde o livro não será acessível a todos, e onde o computador é uma boa ferramenta para o acesso à informação, a biblioteca pública pode e deve ser uma porta aberta para o mundo da informação digital, incluindo a multimédia. Para além desta tarefa, as bibliotecas públicas em Portugal devem fomentar a auto-aprendizagem¹⁰⁶.

A biblioteca pública portuguesa possui diversos serviços bibliotecários. O primeiro, fundamental para o utente, é o fornecimento de informação sobre ela (organização, regulamento, planta da biblioteca identificando os diferentes espaços e conteúdos, etc.). No quadro dos serviços oferecidos ao leitor, deve haver a possibilidade de fazer pesquisas no catálogo (de modo a obter documentos específicos), de ler e consultar as obras seleccionadas (disponíveis *in loco* ou através de uma rede de serviços), de ter acesso ao empréstimo de documentos e de ter acesso à internet. Além disto, deve também ser permitido ao utilizador trabalhar a informação obtida (estudando, escrevendo, seleccionando, digitalizando, etc.) e divertir-se¹⁰⁷.

¹⁰⁵ Ibidem, pp. 91-95

¹⁰⁶ MOURA, Maria José (coord.) - *Relatório sobre as Bibliotecas Públicas em Portugal*. 1996. p. 5

¹⁰⁷ Ibidem, pp. 14-15

2.2.1.1 A Rede Nacional de Bibliotecas Públicas

Abrindo as suas portas ao público, as bibliotecas trouxeram consigo uma nova imagem de serviço ao público, marcando presença a nível local, não só através da sua arquitectura, como também através da sua diversidade de recursos e suportes documentais oferecidos, tecnologias disponíveis, serviços dirigidos a diferentes públicos e actividades de animação e promoção.¹⁰⁸

Dado o atraso verificado no sector cultural em Portugal, o programa da RNBP (Rede Nacional de Bibliotecas Públicas) foi criado em 1987, num contexto muito específico: proporcionar à população o acesso à informação e conhecimento, através da criação e desenvolvimento de hábitos de leitura. A leitura era, até então, uma actividade pouco cultivada e incentivada, não só por desinteresse da população mas também por dificuldade de acesso ao livro. Assim, a Secretaria de Estado da Cultura propôs “uma intervenção política marcadamente inovadora para a época, e absolutamente necessária à mudança que a realidade nacional neste sector reclamava”¹⁰⁹, com o objectivo de “dotar cada sede de município duma biblioteca capaz de se ramificar pelas freguesias, através de um programa de apoio específico, tutelado pela administração central.”¹¹⁰.

Baseada no manifesto da UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization), a RNBP que então se estabeleceu visava servir as comunidades, provendo os serviços bibliotecários de documentos adequados. Desse modo, as colecções e serviços deviam incluir todos os tipos de suporte e tecnologias modernas, para além dos materiais mais tradicionais. A acção das bibliotecas devia estar

¹⁰⁸ FIGUEIREDO, Fernanda Eunice - *Rede Nacional de Bibliotecas Públicas: actualizar para responder a novos desafios*. 2004. p. 64

¹⁰⁹ Ibidem, p. 61

¹¹⁰ PIÇARRA, Constantino - *A Rede Nacional de Bibliotecas Públicas. Arquitectura Ibérica: Bibliotecas*. 2006. p. 9

direccionada para o utilizador, dando acesso a fundos documentais diversificados e actualizados, de modo livre e com empréstimo gratuito¹¹¹.

A RNBP apoiava financeiramente a construção dos edifícios, aquisição de mobiliário, equipamentos e fundos documentais e informáticos. Para além disto, disponibilizava apoio técnico e o acompanhamento da criação, instalação e desenvolvimento dos serviços bibliotecários do município.

Actualmente, este programa apoia 261 municípios em Portugal, tendo já sido abertos 194 equipamentos inseridos no programa. Dependendo do número de habitantes do concelho que a biblioteca serve, esta pode estar inserida numa das seguintes tipologias:

BM 1 – concelhos com menos de 20 000 habitantes;

BM 2 – concelhos com uma população entre 20 000 e 50 000 habitantes;

BM 3 – concelhos com mais de 50 000 habitantes¹¹².

A RNBP tem tido um papel imprescindível no desenvolvimento cultural dos municípios. Se, por um lado, a rede propõe projectos para concurso, financiando cinquenta por cento dos custos totais, por outro lado, exige um programa mínimo para esses concursos. Como referido, também os municípios têm que ter o cuidado de criar critérios relativos ao programa no que diz respeito a áreas e espaços de serviços públicos, áreas e espaços de serviços internos, fundos documentais, quadros de pessoal e anexos. Só dessa forma poderá ser garantido o financiamento desejado por parte do Estado. Apesar de, em 1996, nove anos depois do arranque deste programa, as câmaras municipais não terem ainda uma visão correcta dos benefícios que o investimento numa biblioteca poderia trazer às suas comunidades, hoje em dia elas já acreditam que este serviço teve e tem um impacto positivo. A prova da crença nas mais-valias que os serviços bibliotecários trazem às populações, é o facto de ter sido construído um número significativo de bibliotecas municipais, actualmente inseridas no programa da RNBP. A este propósito, o director da Biblioteca Municipal de Almodôvar, Constantino Piçarra, escreveu o seguinte:

¹¹¹ *MANIFESTO DA UNESCO SOBRE BIBLIOTECAS PÚBLICAS*. 1994

¹¹² *REDE DE CONHECIMENTO DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS*.

Este 'Programa', que teve ao longo do tempo diversos ajustamentos, sofrendo, inclusivamente, uma pequena revolução em 1997, caracteriza-se por definir para cada tipo de biblioteca os diferentes espaços a criar, como a explicitação das respectivas áreas e funções, o equipamento e o fundo documental mínimo, os recursos humanos também mínimos e a sua inserção no tecido urbano, assinalando com estas indicações, algumas delas obrigatórias, não só o funcionamento futuro da biblioteca, mas também a sua arquitectura, embora só nas vertentes volumétrica e de localização na malha envolvente, pois em termos estéticos sempre existiu total liberdade de criação, aspectos que se têm mostrado decisivos no êxito deste projecto¹¹³.

Falar em rede de bibliotecas é falar de uma relação constante entre os serviços bibliotecários, facilitando o acesso, partilha e troca de informação entre as bibliotecas municipais. As bibliotecas públicas são consideradas equipamentos culturais, com um programa-base específico semelhante, bem como semelhante metodologia para a sua execução¹¹⁴.

A RNBP tem tido o cuidado de actualizar o conceito da biblioteca pública ao longo dos últimos anos, principalmente no que diz respeito aos desafios colocados pela sociedade da informação e conhecimento. A biblioteca municipal tem-se tornado um pólo dinamizador das populações, procurando ir ao encontro dos utilizadores e criando fortes laços com bibliotecas mais pequenas.

Considerando o interesse desta Rede, foram escolhidos para este trabalho projectos nela integrados. Nestes projectos, verifica-se que houve não só o cuidado de desenhar o espaço interior, mas também de cuidar o espaço exterior e as relações com a cidade, de modo a que fossem utilizados pelos cidadãos em plena harmonia com o resto da *polis*. O desenho surge como uma mais-valia urbana, que acaba por provocar novas relações entre o Homem e o espaço. Segundo o arquitecto Nuno Grande:

Quanto à cultura arquitectónica, as quase duas décadas de experiência permitiram aos programadores do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas (IPLB) e aos projectistas seleccionados nas diferentes gerações de concursos públicos, aprender

¹¹³ PIÇARRA, Constantino, op. cit., p. 9

¹¹⁴ FIGUEIREDO, Fernanda Eunice., op. cit., p. 65

*com os espaços precedentes, corrigir relações programáticas, acrescentar novas valências.*¹¹⁵

Os edifícios seleccionados incluem alguns que foram projectados de raiz e outros que foram reabilitados e reprogramados. A eleição de casos com características tão distintas prende-se, relativamente aos edifícios reabilitados, com o facto de o arquitecto ter de perceber o espaço já existente e dar-lhe nova vida e, no que respeita aos edifícios construídos de raiz, com a expectativa de se construir algo de novo.

Por se inserirem no programa da RNBP, os casos de estudo aqui apresentados tiveram de responder não só às exigências dos respectivos programas, como também a normas de acessibilidade e comodidade, de acordo com o manifesto da UNESCO:

*[...] os serviços têm de ser fisicamente acessíveis a todos os membros da comunidade. Isto pressupõe a existência de edifícios bem situados, boas condições para a leitura e o estudo, assim como o acesso a tecnologias adequadas e horários convenientes para os utilizadores. Implica igualmente serviços destinados àqueles a quem é impossível frequentar a biblioteca*¹¹⁶.

Como já foi referido, são bibliotecas com programas semelhantes, que tentam dar resposta a um conjunto de necessidades culturais e promover a cultura do público em geral, objectivo primeiro da Rede.

¹¹⁵ GRANDE, Nuno - *Bibliosfera entre a Morte e a Vida da Biblioteca. Arquitectura Ibérica: Bibliotecas*. 2006. p. 15

¹¹⁶ *MANIFESTO DA UNESCO SOBRE BIBLIOTECAS PÚBLICAS*. 1994

Parte II – Bibliotecas Públicas: Estudio de Casos

Capítulo 3
O DESENHO E O ESPAÇO

3.1 Edifícios Reabilitados Transformados em Bibliotecas

El concepto clásico de patrimonio hace referencia al conjunto de bienes dejados en herencia, cosas de valor que una generación pasada ha preservado para las generaciones futuras.[...] En cuanto al patrimonio arquitectónico, se ha consolidado en los últimos años una cultura orientada a la restauración y reutilización, y la opinión pública ha reiterado la necesidad de recuperarlo para usos sociales¹¹⁷.

Num árduo trabalho de conservação e reabilitação, em que o arquitecto se depara com inúmeras dificuldades, é de louvar a preocupação com as diferenças tipológicas na reformulação dos espaços de um edifício¹¹⁸. Os principais problemas com que muitas vezes o arquitecto se depara surgem com a distribuição e organização dos espaços, uma vez que o seu projecto vai assentar num edifício-base que, geralmente tem uma estrutura espacial rígida. A composição original do edifício mostra-se fragmentada, dificultando a possibilidade de o arquitecto compor funcionalmente um novo programa. Quando as obras a reabilitar têm mais do que um piso, o arquitecto depara-se também com a questão da falta de flexibilidade em mudanças de níveis: se, por um lado, a comunicação vertical tem de cumprir determinadas normas, por outro, o facto de o edifício ser parte do património histórico pode obrigar, por lei, a conservar determinados elementos, o que complica a concepção e dimensionamento da nova distribuição espacial¹¹⁹. Daí que Santi Romero afirme: *No se puede pretender un mismo nivel de eficacia equiparable al de una construcción nueva.*¹²⁰

Neste tipo de intervenções, outro inconveniente que deve ser ponderado diz respeito à construção. Um edifício a reabilitar deve ser analisado estruturalmente,

¹¹⁷ ROMERO, Santi, op. cit., p. 85

¹¹⁸ *Changes in services and functions obviously mean changes in design and plan.* Ver: *21st Century Libraries: Changing Forms, Changing Futures.* 2004. p. 8

¹¹⁹ ROMERO, Santi, op. cit., pp. 86-87

¹²⁰ *Ibidem*, p. 90

uma vez que a resistência às sobrecargas se diferencia de programa para programa. Há casos em que as sobrecargas próprias de uma biblioteca obrigam à consolidação ou substituição da estrutura primitiva. Quanto aos materiais das instalações originais, que muitas vezes são mantidos respeitando a traça arquitectónica, convém salientar que os que são usados em fachadas e coberturas podem dificultar o isolamento térmico e acústico do edifício, obstando ao bem-estar do leitor dentro da biblioteca.

A reabilitação é uma disciplina que cuida e mantém uma imagem dos tempos. Sendo uma área que cuida a memória histórica, criando, por vezes, novas interpretações, relações e vivências do espaço, o investimento é, não só económico, mas também cultural e de manutenção do legado arquitectónico. Daí a eleição de casos de estudo que ilustram o especial cuidado que a arquitectura tem de ter com a história.

Os casos de estudo que se seguem, a Biblioteca Municipal de Álvaro de Campos, em Tavira, do arquitecto João Luís Carrilho da Graça, e a Biblioteca Municipal de Ílhavo, dos arquitectos Nuno Mateus e José Mateus, do atelier ARX Portugal, foram escolhidos pela sua importância arquitectónica local. Além disso, foram projectos que tiveram em consideração a cultura da comunidade, bem como as suas carências, para que o programa trouxesse o desenvolvimento de novas actividades sociais e culturais. Estas bibliotecas são exemplos claros de soluções para necessidades de investimento na reabilitação do Património Arquitectónico Português.

A reabilitação implica operações exigentes, que asseguram a manutenção do edificado histórico enquanto cria novas relações urbanas em determinadas zonas das cidades, proporcionando novas vivências da comunidade. É notável o trabalho dos municípios para tentarem ressuscitar áreas degradadas ou abandonadas, transformando-as em novos pontos de atracção na cidade.

São grandes as vantagens de reabilitar um edifício. Começando muitas vezes pela localização de um edifício histórico e pelo seu valor simbólico, relacionado com o prestígio histórico do edifício e o seu interesse arquitectónico, a prática da reabilitação ajuda a recuperar a identidade de um lugar e a preservar o património, revalorizando a construção e regenerando o espaço urbano.

De facto, na pluralidade de intenções de um projecto, é fundamental que haja o cuidado de, para além de dar nova vida a um espaço e à sua área envolvente, o

pensar e recriar de modo a que a sua imagem fique bem vista pelos cidadãos, em particular pelas pessoas que utilizam os serviços oferecidos pelo equipamento em questão. Em contrapartida, e como Santi Romero defende: *No es el edificio el que se debe adaptar a las nuevas funciones, sino que las nuevas funciones han de resultar compatibles con la construcción existente*¹²¹. Tal acarreta dificuldades adicionais no exercício do trabalho do arquitecto.

Em muitos casos, transformar uma igreja, um espaço industrial, uma casa particular ou um palácio num equipamento como uma biblioteca, pode trazer vantagens ao novo serviço que aí se irá desenvolver. Os programas culturais realizados nestes edifícios podem sair beneficiados, tirando o maior partido possível da organização dos espaços interiores.

Apesar de os espaços de grande escala serem os que melhor se conseguem adaptar às exigências funcionais e espaciais de uma biblioteca pública, os casos escolhidos são edifícios com características bem diferentes. O primeiro, tem por base uma cadeia civil e o segundo, uma casa nobre. Com áreas bastante diferentes, adequadas ao uso que tinham, estes dois edifícios encontravam-se em ruínas antes da intervenção dos arquitectos. O exercício da arquitectura dependeu da análise e interpretação feita por estes, que trouxeram uma nova vida aos edifícios adormecidos.

¹²¹ Ibidem, p. 80



Fig. 60 - Biblioteca Álvaro de Campos



Fig. 61 - Biblioteca Álvaro de Campos



Fig. 62 - Biblioteca Álvaro de Campos, fachada da antiga cadeia civil



Fig. 63 - Pátio a uma cota mais alta que a da rua, precedendo a entrada

3.1.1 Biblioteca Municipal Álvaro de Campos, Tavira

Restauro da antiga prisão e reconversão em biblioteca

As celas da antiga cadeia de Tavira vão dar lugar às estantes de livros e aos computadores¹²².

Ficha Técnica

Arquitecto: João Luís Carrilho da Graça

Projecto: 1999-2001

Ano de conclusão: 2005

Colaboradores do Projecto: (1ª fase) Giulia de Appolonia, João Manuel Alves, Anne Demoustier, Filipe Homem, João Trindade e Tiago Castela

(2ª fase) João Manuel Alves, Miguel Costa, Inês Vieira da Silva e Pedro Homem

Desenhadores: João Rosário e Nuno Pinto

Promotor: Câmara Municipal de Tavira

Estrutura: Raiz – Pedro Santos

Instalações Eléctricas: Ruben Sobral

Instalações Hidráulicas: Raiz – Noélia Santos

Instalações Electromecânicas: José Galvão Teles

Física do Edifício: Natural Works – Guilherme Carrilho da Graça

Segurança: Ruben Sobral e António Portugal

Arquitectura Paisagística: Global – João Gomes da Silva

Área: 1 400 m²

Tipologia: BM 2

¹²² ANTUNES, Filipe - "Cadeia dá lugar a Biblioteca em Tavira". In *Barlavento Online*. 2005

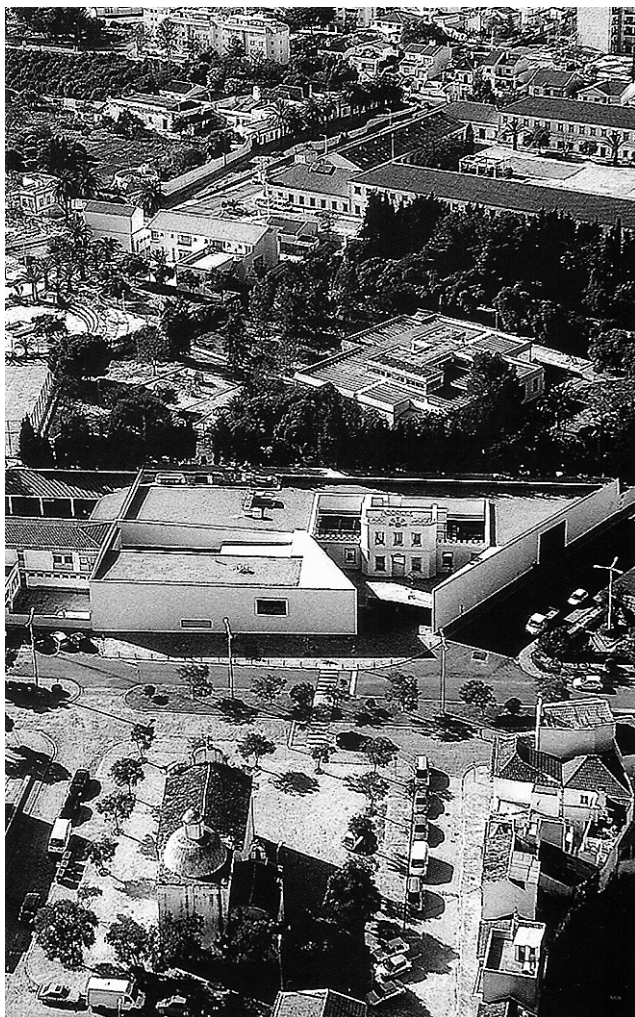


Fig. 64 - Fotografia aérea da biblioteca

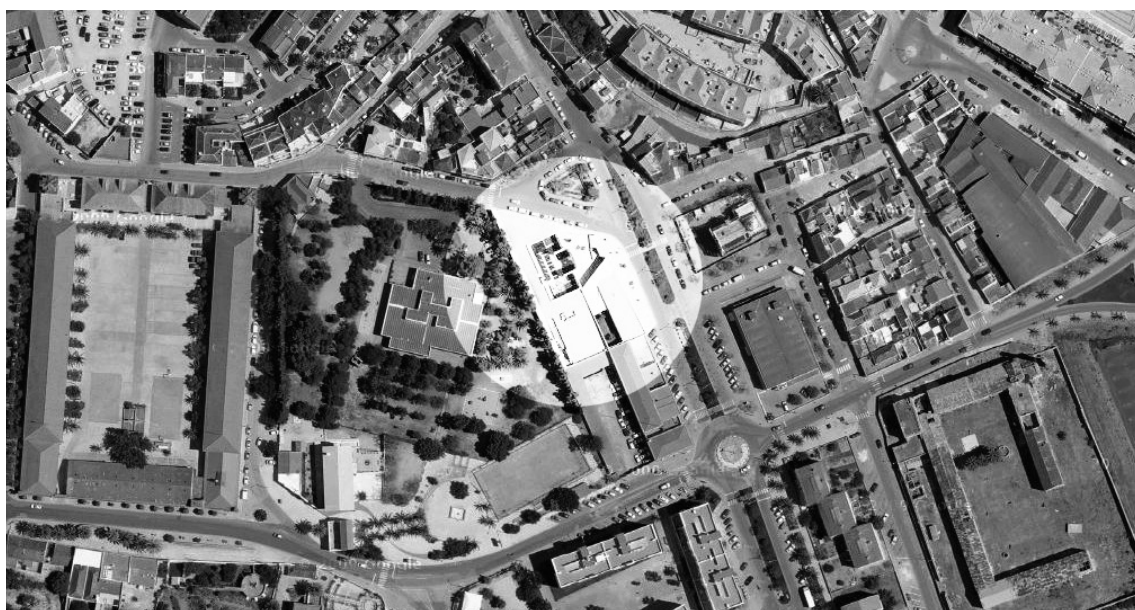


Fig. 65 - Implantação da Biblioteca Álvaro de Campos

Pertencente ao concelho de Faro, a Biblioteca Municipal Álvaro de Campos encontra-se no centro da cidade de Tavira. Este projecto, da autoria de João Luís Carrilho da Graça, localiza-se na Rua da Comunidade Lusíada. Trata-se de uma obra de reabilitação das ruínas da antiga cadeia civil, que foram tomadas como o centro do projecto, organizando-se os serviços prestados pelo equipamento em torno delas.

Em Tavira, “a Câmara Municipal [...] vem realizando um significativo investimento em acções seleccionadas, [...] na criação de equipamentos, com o objectivo de reabilitar edifícios de referência e fomentar novas funções de ordem cultural, social e económica [...]”¹²³. De entre os inúmeros equipamentos requeridos, obras e reabilitações promovidas, há casos em que se procura a ocupação de terrenos livres e outros em que se opta por reabilitar e ocupar antigos edifícios. Dentro desta manifestação, surgiu a proposta da criação da biblioteca municipal, inserida no PROAlgarve (Programa Operacional do Algarve)¹²⁴ e comparticipada pelo FEDER (Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional), surgindo no quadro de um conjunto de intervenções de requalificação e reabilitação urbana. Segundo a arquitecta Inês Faleiro: “Numa estrutura urbana como a de Tavira, [...] dotar a cidade de equipamentos de diversas áreas, em conjugação com o processo de reabilitação e salvaguarda do património edificado, é uma tarefa difícil e lenta [...]”¹²⁵.

A cadeia da cidade, como exemplo de monumento civil, tinha uma série de características que não puderam deixar de marcar algumas opções no desenvolvimento do programa delineado pelo arquitecto. Como é perceptível, por trás de uma intervenção contemporânea num edifício histórico há toda uma imagem, cultura, história e arquitectura locais que não podem passar despercebidas ao arquitecto, durante o projecto de reabilitação. Este cuidado foi, sem dúvida, um dos primeiros aspectos com que o arquitecto teve de se preocupar, procurando um espaço com uma força conceptual capaz de limitar o programa da biblioteca numa área tão restrita.

¹²³ AMARO, Estrela; TOSCANO, Carlos - “Património Cultural e a Reabilitação Urbana”. [Em linha]. In BEATO, Filipe (coord.) - *Revista Trimestral da Câmara Municipal de Tavira: Cuidar do nosso Património*. 2007. p. 5

¹²⁴ Programa que promove o desenvolvimento sustentável das regiões e sua coesão nacional. Divide-se em três eixos que definem diferentes medidas em que se pode intervir. O caso da Biblioteca Municipal de Tavira insere-se no Eixo 1 (apoio ao investimento de interesse municipal e intermunicipal), na Medida 2 (equipamentos colectivos).

¹²⁵ FALEIRO, Inês - “Obras Importantes no Centro Histórico”. [Em linha]. In BEATO, Filipe (coord.) - *Revista Trimestral da Câmara Municipal de Tavira: Cuidar do nosso Património*. 2007. p. 8



Fig. 66 - Biblioteca Álvaro de Campos



Fig. 67 - Acesso à biblioteca



Fig. 68 - Entrada da biblioteca



Fig. 69 - Janela virada para a Igreja de S. Sebastião



Fig. 70 - Sala polivalente aberta



Fig. 71 - Secção de periódicos junto à cafeteria

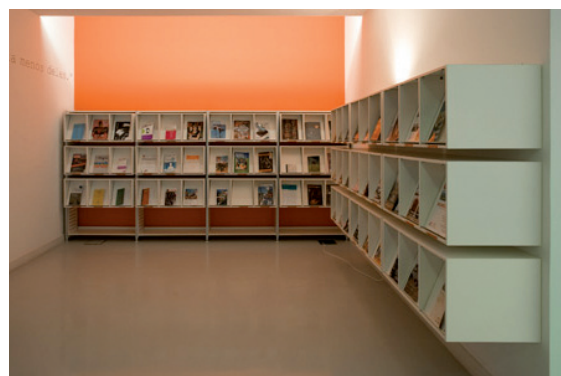


Fig. 72 - Sala de leitura na secção de adultos (periódicos)

Do bloco original, o que hoje se encontra na biblioteca, é somente um pedaço da antiga construção que, uma vez subtraído o seu interior, é apenas constituído pelas paredes e respectivos vãos. Em resumo, Carrilho da Graça trocou o edificado pelo não edificado, isto é, trocou o interior pelo exterior tornando o antigo espaço interior no actual espaço exterior. Deste modo, as paredes da antiga cadeia limitam um pátio ao ar livre, em torno do qual a biblioteca se desenvolve, conseguindo-se criar relações entre os espaços interiores e exteriores. Ao mesmo tempo que o arquitecto trouxe a natureza para dentro do lote, conseguiu transmitir a ideia de a biblioteca se fechar sobre si própria, para dentro do quarteirão. Da rua, são, de facto, notáveis os panos opacos, não sendo mais do que paredes delimitadoras do edifício. Nesta barreira física entre o interior e o exterior, encontram-se pontualmente rasgos que permitem e potenciam o encontro com a envolvente próxima. Criam-se, assim, as únicas relações visuais entre a biblioteca e a rua.

Depois de limitado o terreno, o arquitecto desenhou percursos pedonais que conseguem alimentar todo um momento de *suspense* que antecede a entrada no edifício. Não visível da rua, a entrada vai-se desvendando, à medida que os caminhos são palmilhados. Escondida por uma sucessão de muros, rampas e escadas, que estabelecem o percurso, acede-se a um plano acima da cota do passeio, onde finalmente se entra na biblioteca¹²⁶. Assim, conjugando a intenção de um edifício fechado para o espaço público com a criação destes percursos, é perceptível um ambiente cenográfico em volta das antigas ruínas. A Biblioteca Municipal Álvaro de Campos é uma construção com um carácter misterioso, revelando apenas parte da fachada antiga da cadeia. O restante edifício só é conhecido pelo utilizador à medida que entra nas diferentes áreas, atravessando os corredores e cruzando os pátios interiores.

Esta foi a 150ª biblioteca a ser inaugurada dentro da RNBP. Tendo que responder aos critérios e necessidades que estas bibliotecas exigem, o programa teve que ser bem cuidado e organizado. O projecto de Carrilho da Graça conseguiu dispor as diferentes zonas que definem uma organização dos serviços, separando as áreas públicas das privadas. A planta mostra-se, à partida, formada por duas áreas distintas:

¹²⁶ Tendo sido estipulado, em projecto, que a cota de entrada no edifício seria a mesma a que o programa da antiga cadeia se desenvolvia, foi necessário criar acessos que servissem a plataforma criada, onde é marcada a entrada na biblioteca.

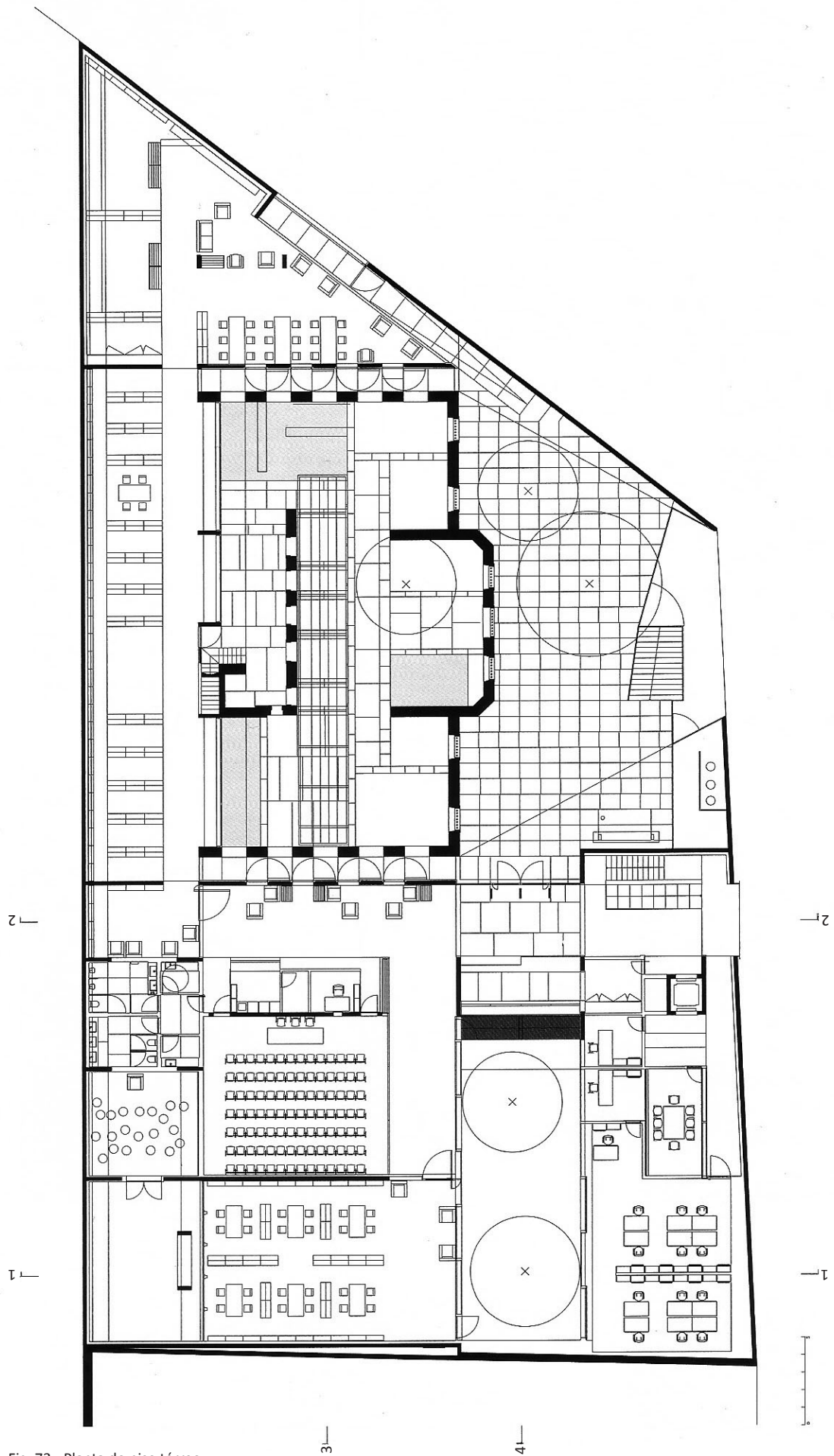


Fig. 73 - Planta do piso térreo

a dos serviços internos (com os gabinetes de administração, salas de reuniões e acesso aos depósitos) e a dos serviços ao público (que incluem não só as zonas de leitura, como também os espaços de lazer e outros para programas culturais).

Ao entrar no edifício, o acolhimento é feito num iluminado átrio, em frente a um pátio, a Sul. Confrontado com uma janela aberta a Nascente, o utilizador vê enquadrada a igreja de S. Sebastião, como que emoldurada. Este ponto de relação visual com o exterior demonstra mais uma vez o carácter cenográfico que o arquitecto foi criando na concepção do ambiente¹²⁷. O programa de acesso ao público desenvolve-se para a direita deste átrio (a Poente) e, para a esquerda, estende-se o programa interno.

É perceptível, a partir do átrio, que o programa público se desenvolve em duas direcções: a sala polivalente (sala Guilherme Camacho) e a secção infanto-juvenil a Sul, ambas viradas para o pátio, enquanto a secção de adultos se encontra a Poente. A sala polivalente assume um papel importante no serviço municipal, por se tratar de um espaço plurifuncional: auditório, sala de exposições, etc.. Facilitando esta pluralidade de fins, pode também estar toda aberta e ligada ao átrio de acolhimento, através de painéis de madeira deslizantes, cuja abertura possibilita a permeabilidade do espaço e a sua continuidade para o átrio e pátio ajardinado. O exercício da arquitectura revelou-se essencial na criação e definição de um espaço que se pretende plural, numa tentativa de poupança de custos e de áreas.

A secção infanto-juvenil encontra-se mais afastada da entrada e é iluminada naturalmente, através das janelas abertas para o pátio¹²⁸. Sendo a sala de leitura juvenil um espaço comprido, apenas com iluminação directa num dos topos (que não consegue penetrar em toda a extensão), Carrilho da Graça criou um rasgo ao nível da cobertura, ao longo da parede oposta. Esta abertura zenital, onde a luz penetra até ser reflectida na parede, mostra a preocupação do arquitecto de aproveitar ao máximo as potencialidades da luz do sol, tão própria da região em que a biblioteca se implanta. Dentro desta sala acedemos a uma outra sala isolada: a sala de conto. Trata-se de um

¹²⁷ O desenho desta abertura foi pensado estrategicamente, para conferir ao monumento religioso uma importância cultural, lembrando a relação de confronto entre o edifício civil e o religioso. Assim, o arquitecto consegue também transmitir ao utilizador a necessidade de observar e conhecer a sua história e cultura.

¹²⁸ Na sala de leitura infanto-juvenil, a disposição do mobiliário não está de acordo com a proposta do arquitecto, como podemos verificar no confronto entre a planta original e as fotografias da actual organização do espaço. A disposição das estantes, paralelamente ao pano de vidro do alçado, dificulta a travessia da luz até ao fundo da sala.

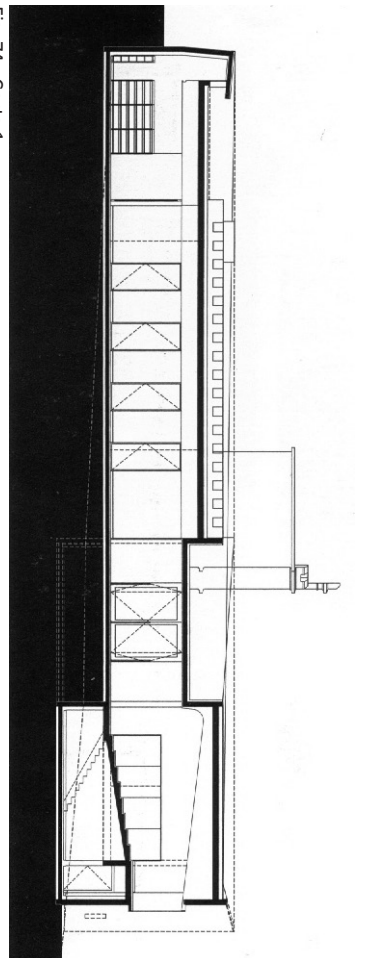


Fig. 74 - Corte 1

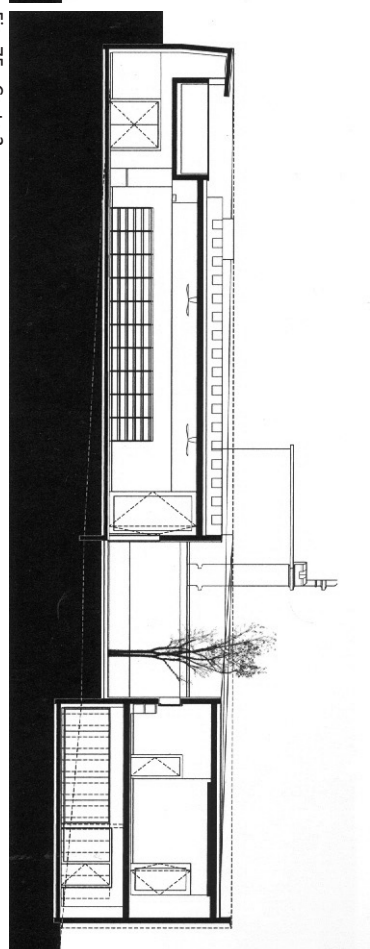


Fig. 75 - Corte 2

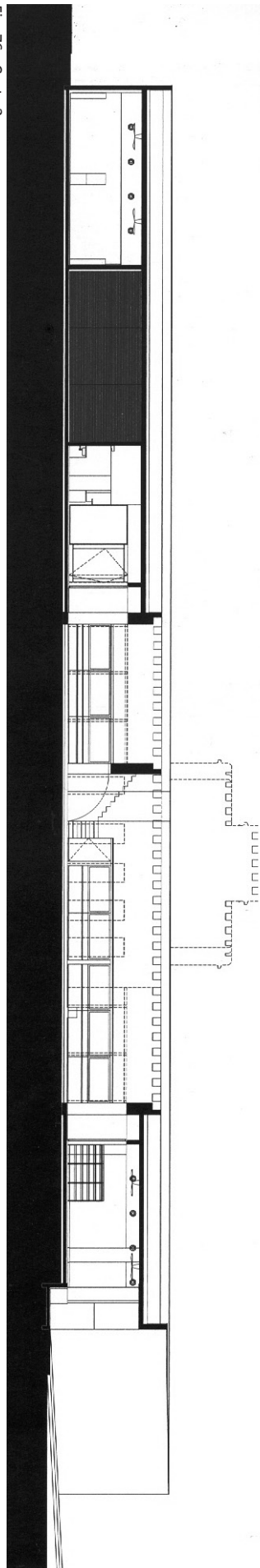


Fig. 76 - Corte 3

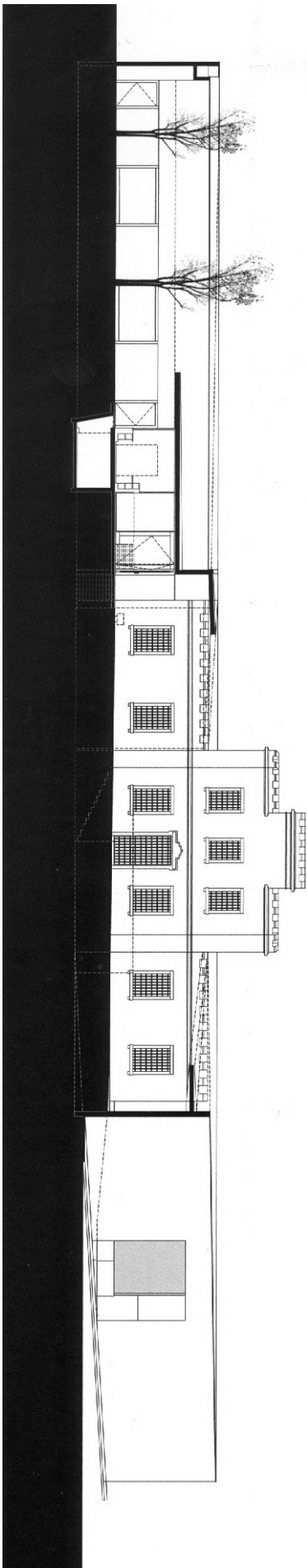


Fig. 77 - Corte 4

espaço para actividades de leitura infantil, que visa inculcar na criança o valor e o prazer de ler. A forma, cor e materialidade potenciam o conforto necessário para que a criança se sinta persuadida a participar nas actividades aí propostas.

Fundamental no programa da biblioteca municipal, a última secção aqui descrita é a de adultos. Começa por se desenvolver na passagem do átrio para a entrada da sala de leitura, junto à cafetaria, numa zona de leitura informal de periódicos, que oferece um ambiente mais relaxado e mais próximo do cidadão. Relacionada com o pátio contido nas ruínas da antiga cadeia, permite paragens, passagens e cruzamentos, tanto nos sofás disponíveis no interior da biblioteca como no corredor ou, ainda, na esplanada exterior. Levando o jogo de cheios e vazios à exaustão, o arquitecto intercalou os vãos pré-existentes nas antigas paredes com as janelas rasgadas na nova alvenaria. Confrontando-se, frente a frente, as paredes que limitam a biblioteca e o pátio central da intervenção asseguram corredores a Norte e Sul, à volta da pré-existência.

Entrando na sala de leitura da secção de adultos, o primeiro espaço com que deparamos é ainda dedicado às publicações periódicas (neste caso, as revistas). A separação entre o espaço de leitura informal, em frente à cafetaria, e o espaço dentro da sala de leitura é muito ténue, porque existe apenas uma barreira de vidro, ao invés de um pano opaco de alvenaria. Uma vez que as áreas do lote são pequenas, este foi o modo como o arquitecto conseguiu iludir o olhar do utilizador, desvendando a continuidade dos espaços. Além disto, uma vez que a requisição dos documentos é feita no balcão de acolhimento, no átrio da entrada, foi também a forma planeada para o bibliotecário controlar mais facilmente o que se passa na sala de leitura.

Passando este primeiro sector, percorre-se um iluminado corredor com vãos envidraçados que mantém o contacto visual com o jardim desenhado dentro das ruínas muralhadas. Este percurso no interior da biblioteca é acompanhado pelas estantes dispostas perpendicularmente e por uma tábua corrida, encostada às vidraças. Aqui, o leitor pode fazer uma rápida consulta de um livro ou, eventualmente, caso pretenda trabalhar, sentar-se numa cadeira que, se estiver indisponível no local, poderá ir buscar a uma das mesas de estudo e trabalho. Ao longo das galerias onde estão expostos os livros, apenas se encontra uma mesa de trabalho com quatro lugares sentados. A área reservada, exclusivamente para leitura, está ao fundo do



Fig. 78 - Corredor da sala de leitura

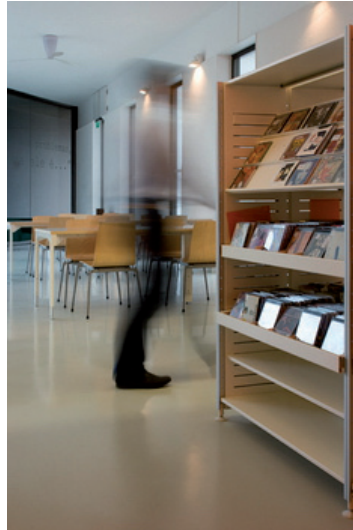


Fig. 79 - Sala de leitura



Fig. 80 - Sala de leitura



Fig. 81 - Sala de leitura, zona de consulta rápida



Fig. 82 - Sala de leitura



Fig. 83 - Corte pela sala de leitura - relações com o exterior e entradas de luz

percurso da secção de adultos. Esta zona, completamente devassada pela rua, tem um ambiente único, organizado pelo mobiliário disposto num espaço de planta livre.

A Sul, perpendiculares ao pátio, existem quatro mesas de trabalho encostadas à parede, nos vãos abertos para o corredor exterior entre a sala de leitura e o jardim (à semelhança do que acontece do lado da cafetaria, conferindo uma simetria na concepção do projecto). A Norte, uma parede de vidro permite relações com o exterior. Exteriormente, este pano de vidro é acompanhado por uma rampa, que discretamente se desvenda como um outro ponto de acesso à plataforma de entrada na biblioteca municipal. Uma vez que esta rampa é coberta, Carrilho da Graça conseguiu que, neste ponto, o espaço interior fosse ligeiramente escurecido, ficando a fachada de vidro recuada.

Ao fundo do corredor da sala de adultos, no apertado ângulo que o braço que contém o fundo local faz com a zona de leitura, encontram-se as subsecções de audiovisuais e informática. Sendo espaços que não necessitam de muita claridade (até porque o excesso de luz a incidir nos monitores impede o conforto do utilizador), localizam-se na zona mais afastada das áreas invadidas pela luz natural.

Concluindo, verifica-se que o arquitecto desenvolveu o programa do centro do lote para a periferia, numa organização de espaços de circulação e de estada, sempre relacionados com as ruínas que se pretenderam reabilitar. Deste modo, Carrilho da Graça conseguiu que se organizassem as diferentes valências da biblioteca a partir do jardim/pátio, numa sequência lógica de espaços de lazer, de circulação, de trabalho e, finalmente, de organização e arquivo dos documentos.

É notável, no trabalho de Carrilho da Graça, o aprofundamento de ambientes animados. A utilização da forma mas também da cor, espelha isto mesmo. Ao longo dos percursos, paredes de cores fortes 'enchem o olho' do utilizador e transmitem-lhe sensações. No exterior do edifício, o castanho foi a cor eleita, contrastando com as alvas paredes muralhadas da antiga cadeia. Esta cor também permite espaços mais sombrios e recatados como acontece, por exemplo, no túnel que contém a rampa de acesso. No interior, duas cores se destacam: o preto e o laranja. O preto é usado nos espaços próximos do átrio, num local de distribuição para os diferentes serviços: no bloco que enquadra a igreja de S. Sebastião e na zona de leitura informal. Já o laranja é a cor de destaque na sala de leitura (nas secções infanto-juvenil e de adultos). Graças à



Fig. 84 - Esplanada da cafeteria no pátio central



Fig. 85 - Relação da sala de leitura com o pátio



Fig. 86 - Pátio no interior das antigas ruínas

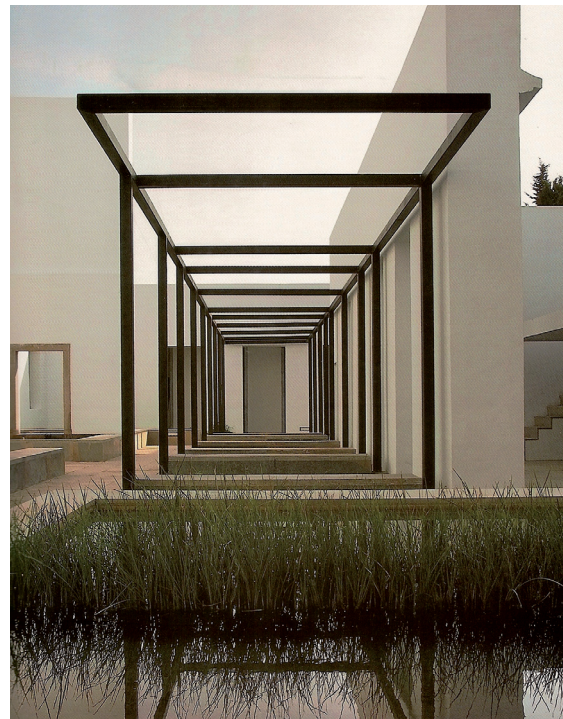


Fig. 87 - Pátio no interior das antigas ruínas



Fig. 88 - Relação da sala de leitura com a rua



Fig. 89 - Acesso à cota de entrada na biblioteca

sua presença no interior da parede Poente que limita o lote, esta consegue reflectir a luz zenital que penetra o espaço através de um rasgo aberto num comprido volume que se destaca na cobertura. Visível no corte transversal à sala, a parede tem uma quebra com um ângulo estudado para a reflexão da luz numa determinada direcção. Também a cor do pavimento se mostra uma mais-valia na reflexão da luz (tanto natural como artificial, que acompanha a disposição das estantes ao longo da parede do fundo).

O programa de acesso privado desenvolve-se, a Nascente, em dois pisos. À cota mais alta encontram-se as salas e gabinetes de trabalho administrativo e biblioteconómico, enquanto no piso -1 se encontram as áreas técnicas, arrumos, sala do pessoal, balneários e o depósito de documentos. Uma vez que o depósito se encontra no ponto oposto da sala de leitura, torna-se impossível a criação de relações internas com o espaço privilegiado da biblioteca. O serviço de acolhimento e de empréstimo domiciliário faz-se, por isso, no balcão do átrio de entrada da biblioteca, ponto de cruzamento entre os serviços internos e o acesso ao público.

A Biblioteca Municipal Álvaro de Campos é um exemplo de uma reabilitação que consegue equilibrar o valor patrimonial do edifício com a funcionalidade do serviço. João Luís Carrilho da Graça mostrou a sua habilidade na criação de pequenos espaços (ou relações entre eles) que proporcionam ao utilizador momentos agradáveis, inculcando-lhe uma sensação de conforto e a vontade de ficar (permanecer no equipamento).



Fig. 90 - Fachada do antigo Solar Visconde de Almeida



Fig. 91 - Entrada da Biblioteca Municipal de Ílhavo



Fig. 92 - Bloco do Fórum de Juventude



Fig. 93 - Vista Nascente da Biblioteca Municipal de Ílhavo

3.1.2 Biblioteca Municipal de Ílhavo

Restauro de antigo solar e reconversão em biblioteca

[...] o que persistia do edifício eram elementos de uma arquitectura qualificada, nas proporções do desenho e elegância de todo o trabalho de cantaria. São registos construídos que rareiam em Ílhavo e que por isso se entendeu preservar e integrar¹²⁹.

Ficha Técnica

Arquitectos: Nuno Mateus e José Mateus (ARX Portugal, Arquitectos Lda.)

Projecto: 2002-2004

Ano de conclusão: 2005

Colaboradores do Projecto: Paulo Rocha, Stefano Riva, João Rodrigues, Marco Roque Antunes, Nuno Grancho, Luís Afonso, Andreia Tomé, Pedro Sousa, Sónia Luz e Gonçalo Manteigas

Promotor: Câmara Municipal de Ílhavo

Arranjos Exteriores: ARX Portugal, Arquitectos Lda.

Fundações e Estruturas: Safre, Estudos e Projectos de Engenharia Lda.

Instalações e Equipamentos Eléctricos e de Telecomunicações: AT, Serviços de Engenharia Electrotécnica e Electrónica Lda.

Instalações e Equipamentos de Águas e Esgotos: Aquadomus, Consultores Lda.

Instalações e Equipamentos Mecânicos: PEN, Projectos de Engenharia Lda.

Segurança Integrada: AT, Serviços de Engenharia Electrotécnica e Electrónica Lda.

Construtor: Ramos Catarino, SA.

Área: 3 200 m²

Tipologia: BM 2

¹²⁹ “Cuidados Intensivos: Biblioteca Municipal de Ílhavo”. In *Arquitectura Ibérica: Bibliotecas*. 2006. p. 36



Fig. 94 - Fotografia aérea da Biblioteca Municipal de Ílhavo, de Poente



Fig. 95 - Fotografia aérea da Biblioteca Municipal de Ílhavo, de Norte

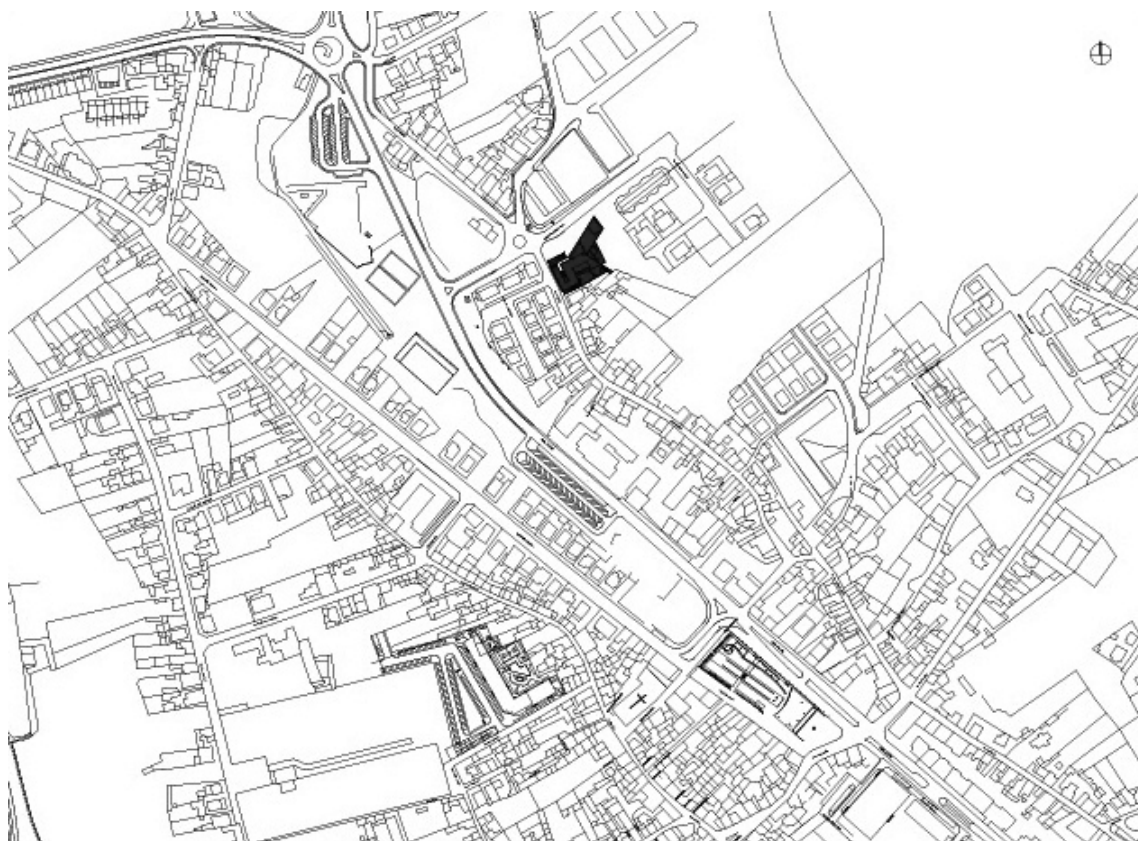


Fig. 96 - Planta de implantação

Seleccionada para integrar a RNBP em 2001, a Câmara Municipal de Ílhavo desenvolveu desde essa data o projecto de instalação para o novo equipamento¹³⁰. Da autoria dos arquitectos Nuno Mateus e José Mateus, a Biblioteca Municipal de Ílhavo encontra-se instalada num antigo solar e pretendemos saber, em primeiro lugar, qual a razão da escolha de um edifício já construído, tornando necessária a sua reabilitação e reprogramação, ao invés de um desenho de raiz.

Em Ílhavo, poucos são os casos de construções arquitectónicas qualificadas e com um desenho elegante. Daí a eleição das ruínas do nobre solar, uma vez que demonstravam tais qualidades arquitectónicas, para acolher o novo serviço municipal. Esta foi, pois, a principal razão que levou à preferência pela recuperação de uma casa em ruínas. De facto, do Solar Visconde de Almeida o que restava eram apenas a fachada principal e a Capela, a Sudoeste, ainda que em estado crítico, tendo o edificado sofrido, no passado, alterações e demolições¹³¹.

Com duas frentes bem definidas, o edifício que alberga hoje a Biblioteca Municipal de Ílhavo localiza-se no cruzamento da Avenida General Elmano Rocha e da Rua de Alqueidão. As ruínas do solar enquadravam-se numa área de deficiente expansão urbana, onde era perceptível a desarticulação entre cheios e vazios o que, à partida, traria obstáculos à concepção do edifício.

Para além da biblioteca municipal, o programa previa a elaboração de um fórum de juventude e a reabilitação da capela¹³². De facto, com um programa tão extenso, seria impossível confinar os serviços necessários ao antigo solar, pelo que se tornou inevitável o desenvolvimento do programa para além das fronteiras dos vestígios da casa nobre. Assim, a vontade dos arquitectos foi a de fazer a construção crescer em diversas direcções, procurando a estabilização de uma forma. O edifício que hoje vemos não é mais do que o resultado do diálogo com a envolvente, conseguido através de diferentes alinhamentos que o enquadram. Nesta primeira

¹³⁰ “Ler para crescer: Biblioteca Municipal de Ílhavo”. p. 1

¹³¹ “Biblioteca Municipal de Ílhavo”. [Em linha]. In *ARX*

¹³² *Ibidem*

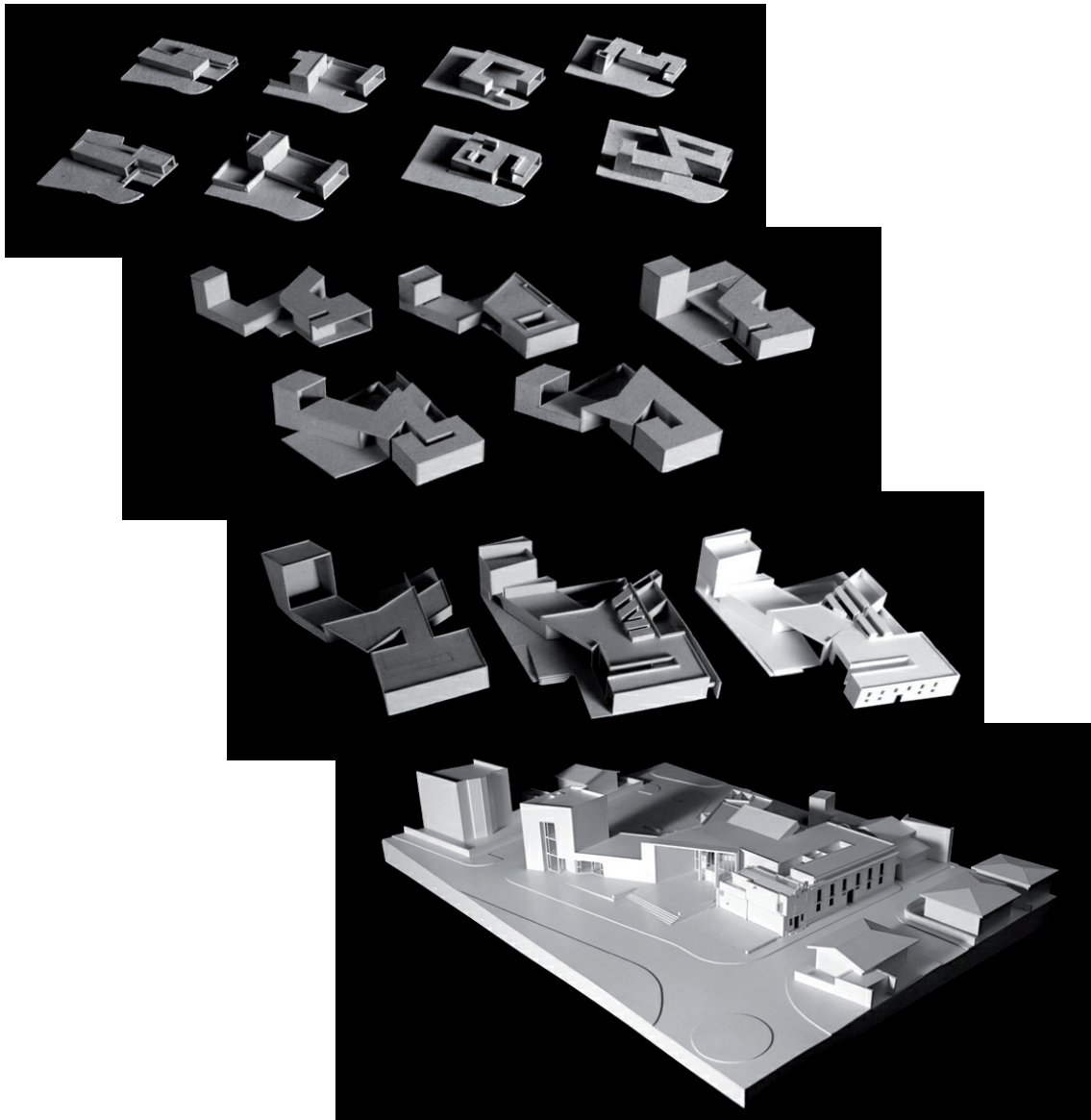


Fig. 97 a 100 - Maquetes de estudo, estabilização da forma e expressão do edifício



Fig. 101 - Fachada da capela



Fig. 102 - Interior da capela



Fig. 103 - Interior da capela

etapa de elaboração do projecto, a maquete foi o instrumento mais utilizado pela dupla de arquitectos¹³³.

Tratando-se de um caso de reabilitação, foi importante os arquitectos saberem lidar com os elementos construídos encontrados, uma vez que eles eram condicionantes nas suas opções. O Solar Visconde de Almeida, datado dos séculos XVII/XVIII, tinha uma identidade histórica impossível de negar e as soluções escolhidas pelos arquitectos passaram por um compromisso entre duas épocas muito distintas: se, por um lado, a traça existente marcava um período antigo, por outro, tratava-se de uma intervenção contemporânea. Assim se criou um diálogo entre duas linguagens, tornando-se obrigatória a definição da que iria nascer.

É explícita a intenção dos arquitectos, bem como o diálogo entre as duas épocas bem marcadas nesta obra. A Capela, de acesso público, é o elemento onde melhor podemos ter esta percepção: neste espaço, tanto há lugar para a preservação da história como para a opulência da contemporaneidade. Como nos é descrito: “A Capela, pese embora o facto de ter sido espoliada dos seus elementos decorativos mais importantes, como azulejos, talhas, lápides tumulares [...] é restaurada na sua essência espacial [...]”¹³⁴. O mobiliário foi redesenhado de acordo com o novo período da história de arquitectura, bem como o retábulo da autoria de Pedro Calapez que “[...] repõe a tipologia e sentido de policromia original.”¹³⁵.

Ficando a biblioteca alojada numa construção já erigida, a primeira questão com a qual os arquitectos se depararam foi a do reaproveitamento dos espaços pré-existentes. De facto, os casos de reabilitação, que são também reprogramações de espaços, têm algumas questões específicas no que toca ao reaproveitamento das áreas para o novo programa.

A articulação do programa bibliotecário, o enquadramento no local e as relações com o exterior foram consideradas para chegar ao resultado final que a biblioteca tomou. A continuidade dos serviços, desenvolvida em dois pisos, com

¹³³ Neste processo, o cartão foi matéria-prima da investigação da forma que acabou por definir as intenções do traço dos arquitectos. Num tempo em que os programas de computador são uma grande ajuda e mais-valia para a visualização de modelos 3D, é de louvar o esforço do trabalho em maquete que tanto nos é inculcado ao longo da nossa formação de arquitectos. Através das imagens observamos, então, o método de formalização do objecto escultural, essencial para se entender o processo que permitiu a estabilização da forma obtida.

¹³⁴ “Cuidados Intensivos: Biblioteca Municipal de Ílhavo”. In *Arquitectura Ibérica: Bibliotecas*. 2006. p. 36

¹³⁵ Ibidem



Fig. 104 - Alçado Poente



Fig. 105 - Corte transversal pela capela e antigo solar (actual área de acesso privado)

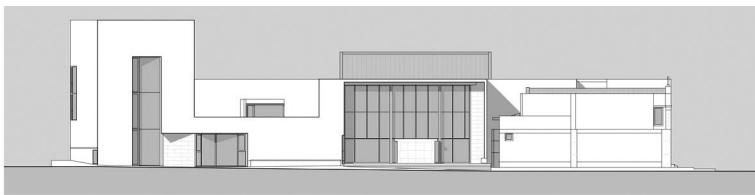


Fig. 106 - Alçado Norte

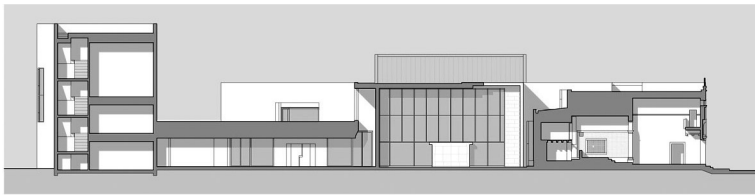


Fig. 107 - Corte longitudinal, passando pela capela e fórum

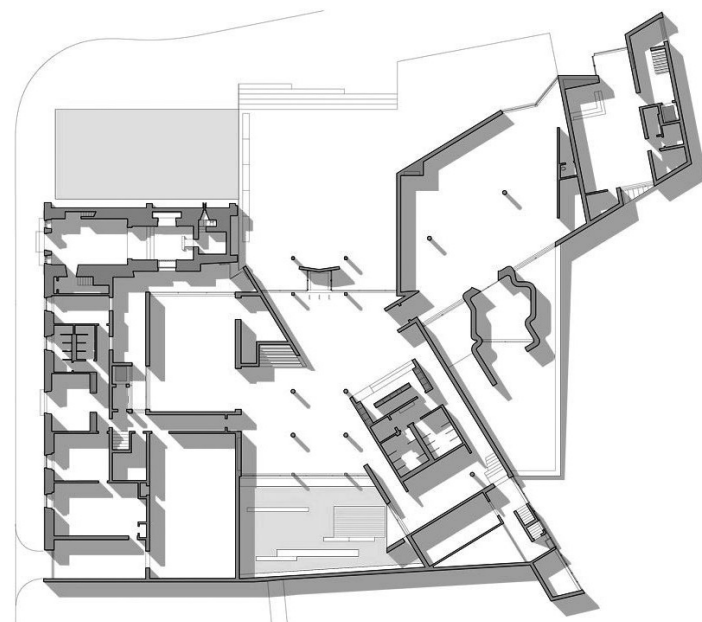


Fig. 108 - Planta do piso térreo

relações verticais directas e claras, assim como pátios interiores ou aberturas feitas em volumes que se fundem com o bloco poligonal criado, vão animando internamente os espaços, criando diferentes ambientes.

Quanto à organização do programa, Nuno Mateus e José Mateus optaram por alojar nos espaços pré-existentes do corpo do antigo solar a área privada de administração e serviços internos. Esta opção justifica-se pela compartimentação dos espaços pré-existentes, facilitando a instalação dos serviços de apoio ao programa público. É compreensível que esta tenha sido a escolha para o reaproveitamento das áreas. Deste modo, a fachada mais antiga do edifício esconde uma pluralidade de divisões que se articulam internamente com o restante programa público, desenvolvido no novo volume, associado ao primeiro.

No novo corpo esculpido, damos conta de um jogo de cheios e vazios que assegura relações entre o interior e o exterior. Os pátios exteriores criados permitem intimidade entre o utente e a natureza. São estes pequenos jardins que permitem a abertura de vãos que, muitas vezes, facilitam a entrada da luz natural de forma directa e indirecta. Como já foi abordado no primeiro capítulo deste trabalho, é muito importante a presença da luz natural nos espaços de leitura e, se esta penetrar o espaço de uma forma indirecta, aumenta o bem-estar do leitor e não compromete a preservação dos livros.

Inserido na RNBP, este projecto teria que responder a um programa ao serviço da comunidade local. O município sentia falta de um lugar cativante que incentivasse localmente o desenvolvimento da cultura e do saber. Tendo em conta estas necessidades, existem, no piso térreo, duas zonas de maior movimentação e mais próximas da comunidade: a secção infanto-juvenil e a sala polivalente.

À secção infanto-juvenil acede-se pelo átrio de entrada e acolhimento e, através de vãos de janelas, existem relações visuais com a rua. É de notar a intenção de aproximar os cidadãos, neste caso os mais jovens, dos serviços que o equipamento disponibiliza, indo ao encontro da intenção do promotor da obra. Respondendo ao objectivo desta secção, que era o do desenvolvimento lúdico e didáctico das crianças, foi necessária a divisão do espaço em subsecções. A estrutura do edifício permitiu uma pluralidade de divisões do espaço. O uso da planta livre proporcionou então múltiplas posições do mobiliário que ajudou a definir as diferentes áreas. A divisão em vários



Fig. 109 - Pátio

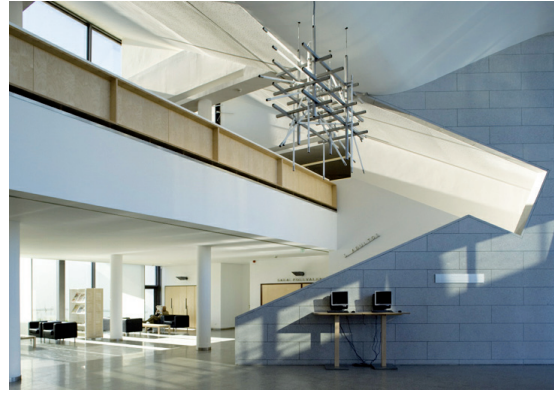


Fig. 110 - Átrio



Fig. 111 - Volume da sala de conto



Fig. 112 - Entrada da sala de conto



Fig. 113 - Sala de conto



Fig. 114 - Escadas de acesso ao piso 1 (secção de adultos)



Fig. 115 - Secção de adultos com relação sobre o átrio

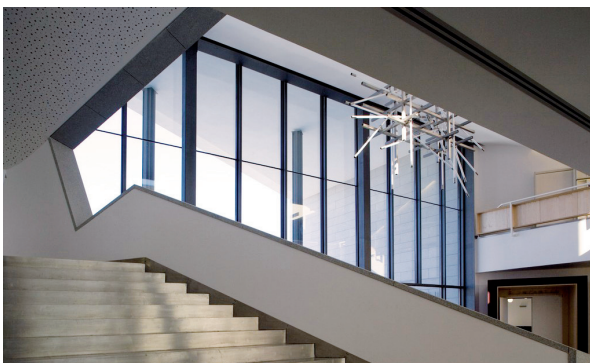


Fig. 116 - Escadas de acesso ao piso 1 (secção de adultos)

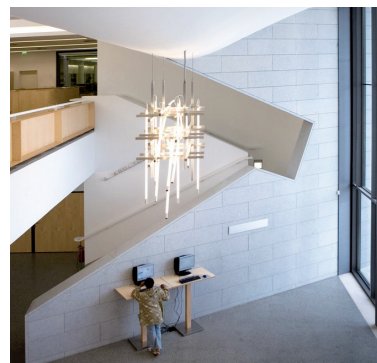


Fig. 117 - Vista da secção de adultos sobre o átrio

ambientes é essencial para que se possam desenvolver diferentes actividades, consoante as idades das crianças. Surgindo como que um anexo, encontra-se a sala de conto, localizada num volume orgânico que se pode isolar acusticamente da restante secção, através de uma porta com características especiais que ajudam à “[...] criação de um clima de intimismo entre quem conta o conto e as crianças.”¹³⁶. Para além do cuidado com o isolamento acústico, os arquitectos criaram um espaço que, através da cor, da forma e do mobiliário, consegue o bem-estar da criança e sua boa relação com o espaço. Como podemos verificar, o laranja, cor enérgica e quente, tem uma presença forte, conseguindo captar a atenção de um indivíduo, em contraste com o espaço branco. A forma orgânica de uma divisão aos “S” é também o modo como arquitecto comunica, através do desenho, a sua arte. Não menos importante, a escolha de *puffs* coloridos permite às crianças um maior conforto e identificação com o espaço. Assim, mais uma vez se mostra que o trabalho do arquitecto é essencial no que toca à relação entre espaço e utilizadores.

Também no piso térreo existe a sala polivalente que, promovendo diferentes actividades culturais, se tem mostrado uma mais-valia na relação dos cidadãos com o equipamento. Próxima do átrio, ela faculta a interacção da população com a biblioteca. É um espaço relacionado com um dos pátios interiores, onde uma parede de vidro, rasgada a Oeste, é completamente devassada pela luz natural. Para se criarem diferentes ambientes, consoante as actividades que aí decorrem, um sistema de protecção *black-out* possibilita o escurecimento total da sala.

A sala de leitura desenvolve-se na secção de adultos, no segundo piso, estando aberta sobre o átrio de entrada. Este é um ponto de destaque do projecto, uma vez que a presença de um escultórico candeeiro de tecto, uma clarabóia de traço inigualável e um pé direito duplo são elementos arquitectónicos que não só marcam, em conjunto, o espaço de recepção no edifício, como também asseguram uma relação privilegiada com a sala de leitura. Como podemos verificar no corte transversal, este lanternim é obtido pelo cruzamento de um volume que, interceptado com o da biblioteca, rasga a cobertura, iluminando os dois pisos (átrio e sala de leitura).

Acede-se à secção de adultos por uma imponente escadaria, que se abre para o átrio, em forma de cunha, antevendo-se um momento de encontro visual do utilizador

¹³⁶ Biblioteca Municipal de Ílhavo. [Em linha]

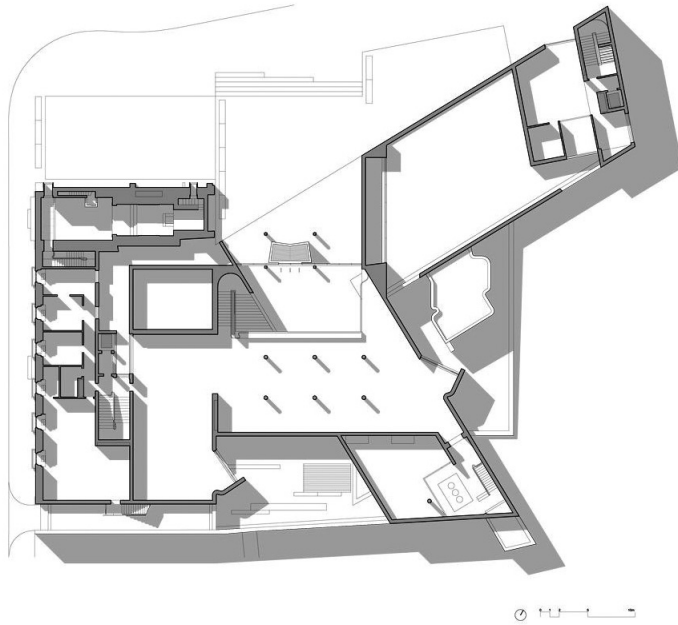


Fig. 118 - Planta piso 1

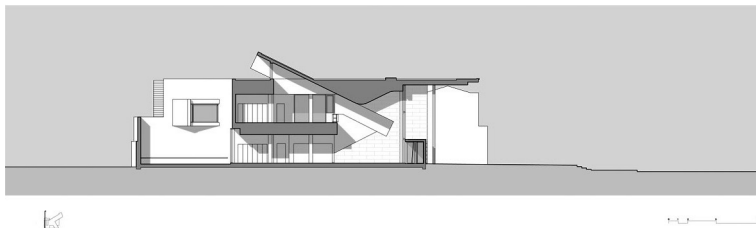


Fig. 119 - Corte transversal, passando pelo átrio e secção de adultos

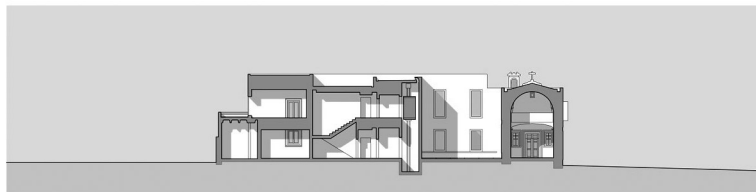


Fig. 120 - Corte transversal, passando pela capela e acessos verticais privados



Fig. 121 - Secção de adultos

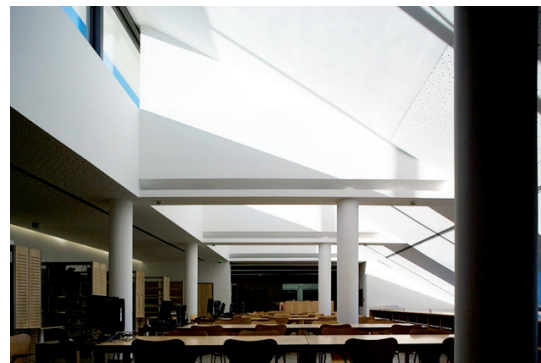


Fig. 122 - Secção de adultos

com o átrio, numa posição de superioridade. A guarda criada nesta *mezzanine* sobre o piso térreo tem, encostada a si, uma pequena estante que acompanha o corredor de distribuição e acesso aos diferentes sectores. Conduzindo à secção de periódicos, é limitado espacialmente por uma zona de trabalho, com 40 lugares dispostos em mesas amplas, onde o leitor pode confortavelmente ler ou trabalhar. Uma vez que não há uma área específica para a secção de informática, nos topos das mesas (do lado oposto ao corredor) existem computadores com acesso à internet. Perpendicularmente à parede do fundo, afastadas da incidência da luz, encontram-se as estantes com os livros de livre acesso. Nos topos destas estantes existem tábuas de madeira, que servem de mesas para o leitor fazer uma consulta rápida dos documentos que procura.

Tendo a Biblioteca Municipal de Ílhavo uma forma bastante orgânica, no interior da secção de adultos desenvolvem-se facilmente diferentes subsecções, que oferecem diferentes ambientes. Ao subir as escadas, encontramos o balcão de acolhimento, próximo do acesso à área de serviço interno da biblioteca. O fundo local está albergado nas estantes dispostas nos dois espaços com os quais este ponto de trabalho do bibliotecário estabelece relações visuais. Ao fundo do corredor, junto à secção das publicações periódicas, há uma zona de leitura informal e de visualização de documentos audiovisuais. Nesta área, a protuberância volumétrica com que nos deparamos no exterior proporciona um ambiente distinto, com um pé direito mais baixo e com uma intensidade de luz distinta da restante sala de leitura. Com uma expressão idêntica, mas numa zona em que o volume se debruça sobre o pátio central (com acesso pelo átrio e pela cafetaria¹³⁷), encontra-se um outro espaço marcado com uma zona de trabalho mais escondida.

A dupla de arquitectos procurou uma linguagem de linhas simples que mantivesse um diálogo arquitectónico com a envolvente, através de volumes salientes que asseguram direcções e relações com o exterior. É, pontualmente, nas saliências volumétricas do edifício que este comunica com o exterior através das aberturas conseguidas nestes blocos. Muitas vezes estes vãos, com a consequente entrada de luz, permitem diferentes ambientes no espaço interior. Podemos concluir que a Biblioteca Municipal de Ílhavo está inserida num edifício de grande plasticidade.

¹³⁷ A cafetaria, um serviço exclusivo para o pessoal e utentes da biblioteca, encontra-se por trás do balcão de recepção, permitindo o acesso ao pátio.



Fig. 123 - Cobertura do edifício (clarabóia que ilumina secção de adultos e átrio de acolhimento)

Devido a estas características, que lhe conferem uma identidade sem paralelo, a obra foi, em 2006, nomeada para o “Prémio a la Obra de Arquitectura” da “V Bienal Iberoamericana de Arquitectura e Urbanismo” em Montevideo, no Uruguai. No mesmo ano, foi também seleccionada para integrar a exposição “Habitar Portugal 2003-2005” no Centro Cultural de Belém, em Lisboa e, finalmente, foi distinguida com o “International Architecture Awards”, no *Chicago Athenaeum*, nos Estados Unidos da América¹³⁸.

¹³⁸ “Biblioteca Municipal de Ílhavo”. [Em linha]. In *ARX*

3.2 Bibliotecas Projectadas de Raiz

As bibliotecas projectadas de raiz, assim como qualquer outro projecto pensado de novo para um local, implicam a escolha de um lugar para a sua implantação. A selecção e eleição desse lugar devem responder a alguns critérios de localização, dependendo do público a que se destina e dos serviços que oferecerá. Tratando-se de bibliotecas municipais e, como já foi referido, se estas são responsáveis pela difusão de informação e conhecimento, bem como pelo estabelecimento de uma centralidade e proximidade com a população, elas deverão ser inseridas em lugares estratégicos para os municípios. Só desse modo, a escolha do local poderá responder aos objectivos primeiros da RNBP, promotora de parte da criação destes serviços, que deverão ser tidos em conta na análise das condições oferecidas.

Para um arquitecto, a análise do contexto urbano é muito importante. Por um lado, a biblioteca pública deve estar localizada num sítio central ou próximo de outros equipamentos, para assegurar a existência de uma rede de transportes que apoie os seus serviços. Por outro lado, é crucial o diálogo entre o edifício e a cidade, de forma a conseguir-se uma proximidade com a população a quem o espaço criado se destina.

De modo a haver uma forma capaz de albergar a biblioteca, cabe ao arquitecto, a quem, em geral, é imposto um local, estudar o sítio a desenvolver o programa. Nesse estudo, deve fazer um levantamento da envolvente e a procura de alinhamentos, formas e volumetrias que se mostrem capazes de dialogar com o edificado da envolvente, através do desenho e concepção dos espaços. Para além deste cuidado com a forma, que será resultado da interpretação da área, também a análise histórica

do local e as intenções do promotor da obra deverão ser tidas em atenção no desenvolvimento da proposta do arquitecto.

Analisando as tendências arquitectónicas contemporâneas, a opção do artista pode passar por uma criação que se destaque, podendo ser considerada uma peça escultórica e orgânica ou poderá ser uma obra que, passando despercebida, seja quase invisível e não entre em confronto com o legado histórico da região. Estas opções reflectirão o cunho pessoal do arquitecto, sendo ele o único responsável pela criação do diálogo entre a sua obra e a envolvente.

As bibliotecas escolhidas, apresentadas neste subcapítulo, são exemplos de edifícios contemporâneos projectados com extrema liberdade mas que se enquadram cuidadosamente na cidade. Inseridas em concelhos com mais de 50 000 habitantes, correspondendo-lhes a tipologia BM 3, a Biblioteca de Viana do Castelo e a Biblioteca Ferreira de Castro, em Oliveira de Azeméis, são bibliotecas municipais que definem linhas delimitadoras de quarteirões e que foram capazes de responder às necessidades locais. Estudaremos então, nos próximos subcapítulos, duas obras dos arquitectos Álvaro Siza Vieira e José António Lopes da Costa e Tiago Meireles, analisando o enquadramento dos equipamentos no território e tendo em consideração a topografia local que, muitas vezes, é responsável por decisões no traçado e na estabilização da forma do edifício.

Nestes dois exemplos de bibliotecas projectadas de raiz, será abordada a interpretação que os arquitectos fizeram do local para conceberem a forma dos edifícios, desenvolverem o programa e, finalmente, desenharem espaços funcionais. Pretende-se fazer uma breve comparação com os casos dos edifícios reabilitados.



Fig. 124 - Biblioteca Municipal de Viana do Castelo na marginal



Fig. 125 - Alçado Sul da biblioteca, frente para o Rio Lima



Fig. 126 - Alçado Poente da biblioteca



Fig. 127 - Alçado Norte da biblioteca

3.2.1 Biblioteca Municipal de Viana de Castelo

[...] *um pequeno projecto para um edifício que conseguiu juntar diversas questões construtivas interessantes*¹³⁹.

Ficha Técnica

Arquitecto: Álvaro Siza Vieira

Projecto: 2002-2006

Ano de conclusão: 2006

Colaboradores do Projecto: Edison Okumura, Maria Moita, Francisco Reina Guedes, Tatiana Berger e Verónica Martínez

Colaboradores da Obra: Tatiana Berger (1ª fase) e José Manuel Pelegrín (2ª fase)

Colaboração Projecto de Mobiliário e Urbanização Exterior: José Manuel Pelegrín

Estrutura: G.O.P. (Gabinete de Organização e Projectos) – João Maria Sobreira

Instalações Eléctricas, de Telecomunicações e de Segurança Activa: Alexandre Martins

AVAC: GET – Raul Bessa

Hidráulica: Raquel Fernandes

Promotor: Sociedade Viana Polis e Câmara de Viana do Castelo – Célia Pereira e Isabel Rodrigues

Construtor: Telhabel Construções SA.

Direcção de Obra: Pedro Freitas e João Alves

Área Construída: 1 605 m²

Área Total: 3 077 m²

Tipologia: BM 3

¹³⁹ SOBREIRA, João Maria. Por TRAÇA, Carina - "GOP leva obra aos ECCS Awards 2007". [Em linha]. In *Construir*

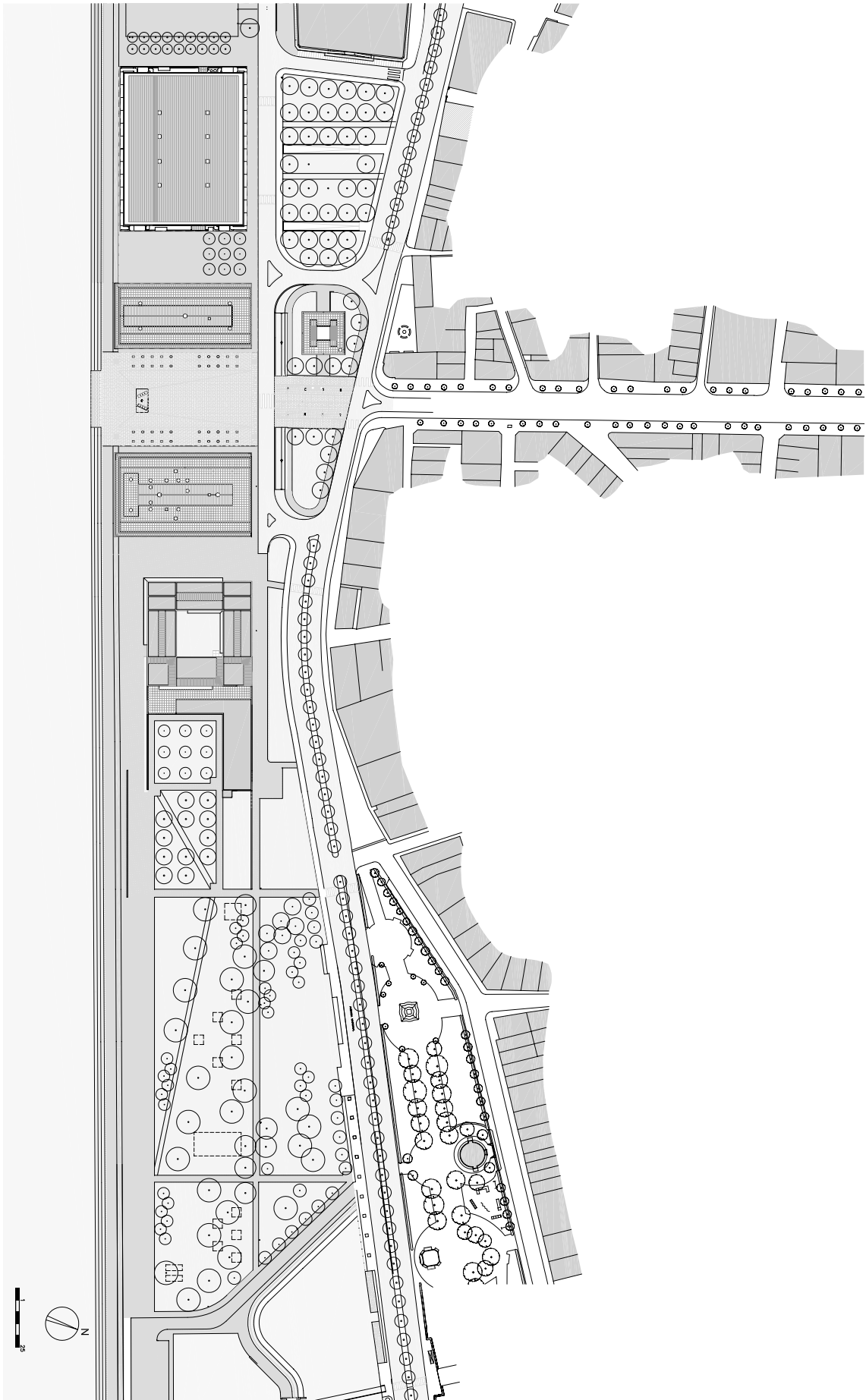


Fig. 128 - Planta de implantação da biblioteca e restante marginal

Esta biblioteca é da autoria do arquitecto Álvaro Siza Vieira que, pela excelência do seu projecto, viu ser-lhe atribuído o Prémio Nacional de Arquitectura Contemporânea de 2008. Na ocasião, Siza Vieira sublinhou que, para um arquitecto, não há nada melhor que receber um prémio no seu próprio país.

A Biblioteca Municipal de Viana do Castelo integra-se no Plano para a Marginal de Viana do Castelo, financiado pelo município e pelo Programa POLIS. Da autoria do Prof. Fernando Távora, este plano previa a construção de uma biblioteca municipal, uma sala polivalente, dois edifícios de escritórios e arranjo dos espaços exteriores, fazendo o enquadramento da Praça da Liberdade e do monumento ao 25 de Abril¹⁴⁰.

De expressividade inconfundível, a biblioteca de Viana do Castelo ergue-se junto ao Rio Lima. Juntamente com Siza e Távora, foram ouvidos outros arquitectos que ajudaram a alinhar arestas do Plano com a Marginal¹⁴¹. Arquitectonicamente, o edifício resultou de um longo processo de diálogo entre arquitectos, promotores e gestores da obra. Como já foi referido, este diálogo é essencial para a criação de um projecto cuidado e funcional.

Das opções tomadas por Siza, a primeira foi a visibilidade do Rio Lima, elevando-se a maior superfície possível do edificado. Levantando o edifício do solo, conseguiu-se criar uma relação visual através de compridos rasgos nas paredes, que fazem o enquadramento da vista para quem está dentro da biblioteca. Como o contemporâneo Siza nos tem vindo a habituar, a ortogonalidade do projecto é inquestionável: o desenho que criou neste projecto mostra a perpendicularidade de linhas tanto em planta, como em alçado. A definição volumétrica foi concebida com a consciência do condicionamento por ela provocada, no diálogo entre o jardim e a construção: o volume em “L” enquadra um espaço exterior ajardinado. Podemos confirmar esta tendência através do desenho dos vãos que permitem a relação visual entre o interior e o exterior.

Estando esta biblioteca inserida na RNBP, o programa respeita as recomendações definidas pelo IPLB, bem como algumas directivas camarárias e do

¹⁴⁰ VIEIRA, Álvaro Siza; SOBREIRA, João Maria; FREITAS, Pedro - “Projectos e Obras: Biblioteca Municipal de Viana do Castelo”. In *Engenharia e Vida*. 2006. p. 30

¹⁴¹ Eduardo Souto Moura, José Bernardo Távora e Adalberto Dias.



Fig. 129 - Átrio



Fig. 130 - Cafeteria



Fig. 131 - Sala polivalente



Fig. 132 - Escadas de acesso à sala de leitura



Fig. 133 - Balcão de atendimento do piso 1

Programa POLIS¹⁴². Pretendendo servir a comunidade, como já foi referido na primeira parte deste trabalho, o programa da biblioteca pública deve ser pensado para toda a população. Siza delineou então um programa em dois pisos, de serviço à comunidade e ao leitor.

No piso térreo funcionam os serviços independentes da biblioteca. A entrada no edifício é feita a Poente, no extremo Norte do bloco. Ao entrarmos no átrio deparamo-nos, em frente, com um bar e, à direita, com o balcão de atendimento que constitui a zona de recepção. O corredor que a partir daí se desenvolve desemboca na sala polivalente, a Sul e dele se fazem as ligações para o piso superior, onde se situam os serviços da biblioteca, e para as áreas técnicas e de administração, não acessíveis ao público.

Organizando o programa desta forma, Siza Vieira conseguiu dividi-lo: de acesso ao público, no extremo Poente, e de acesso privado, virado a Nascente. Esta divisão consegue criar percursos independentes, não havendo cruzamento de funcionários e utilizadores e consegue criar entradas autónomas, consoante o uso que as pessoas dão à biblioteca, o que é essencial para o bom funcionamento dos serviços. O “L” em que se desenvolvem as salas privadas, de administração, áreas técnicas e arquivos é servido e apoiado por um comprido corredor interno. A partir da porta autónoma de serviço, as publicações entram na biblioteca, ficando preservadas no local até serem catalogadas e arquivadas na secção a elas destinada.

No segundo piso, desenvolvem-se as secções de adultos e infantil, precedidas de um átrio e zona de acolhimento. Estas secções abrem-se em zonas opostas do bloco quadrangular suspenso, que é perfurado por um vazio introduzido para aumentar o número de aberturas por onde a luz pode penetrar no espaço interior. Aumentando as relações com o exterior, criam-se mais espaços de leitura e de trabalho, ao longo do seu perímetro.

Inevitavelmente, com a maior área ocupada, o programa da secção de adultos localiza-se nas alas viradas ao Rio Lima, a Sul e Poente. Divide-se em diferentes subsecções, onde se organizam os documentos disponibilizados para consulta. A Sul, as zonas de multimédia, audiovisuais e periódicos individualizam-se, separadas da

¹⁴² MILHEIRO, Ana Vaz; AFONSO, João; NUNES, Jorge - *Álvaro Siza, Candidatura ao Prémio UIA Gold Medal 2005*. 2007. p. 112

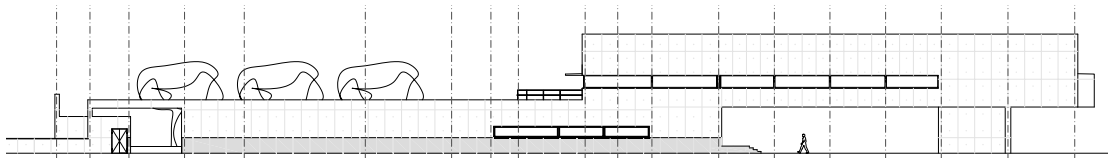


Fig. 134 - Alçado Norte

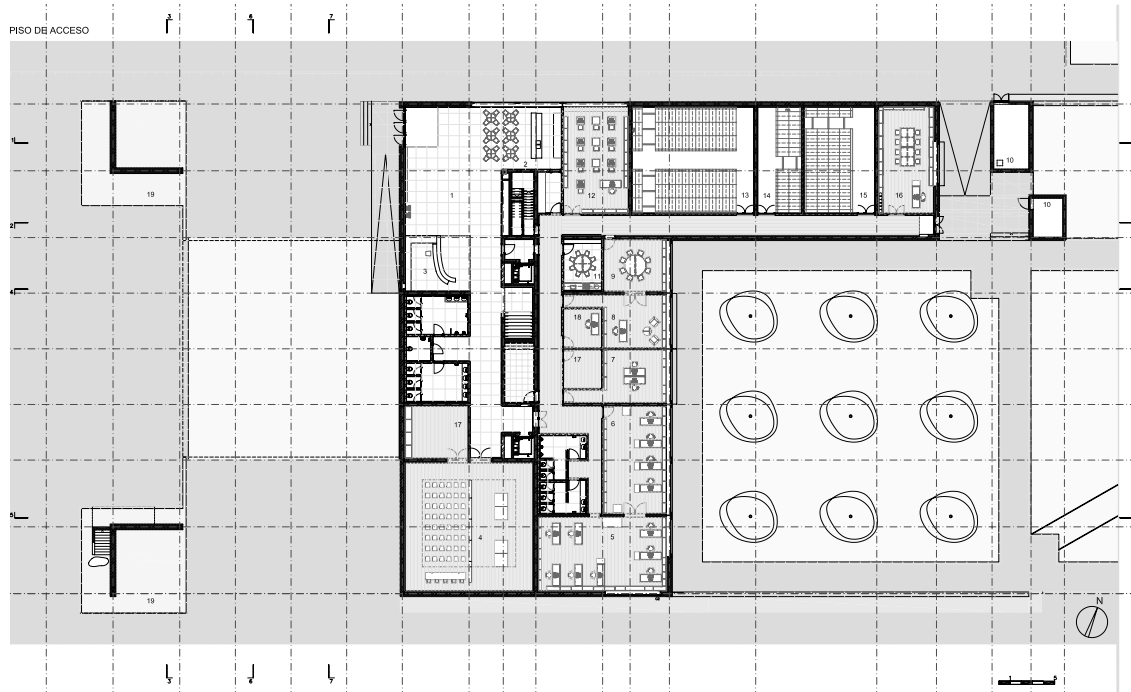


Fig. 135 - Planta do piso 0

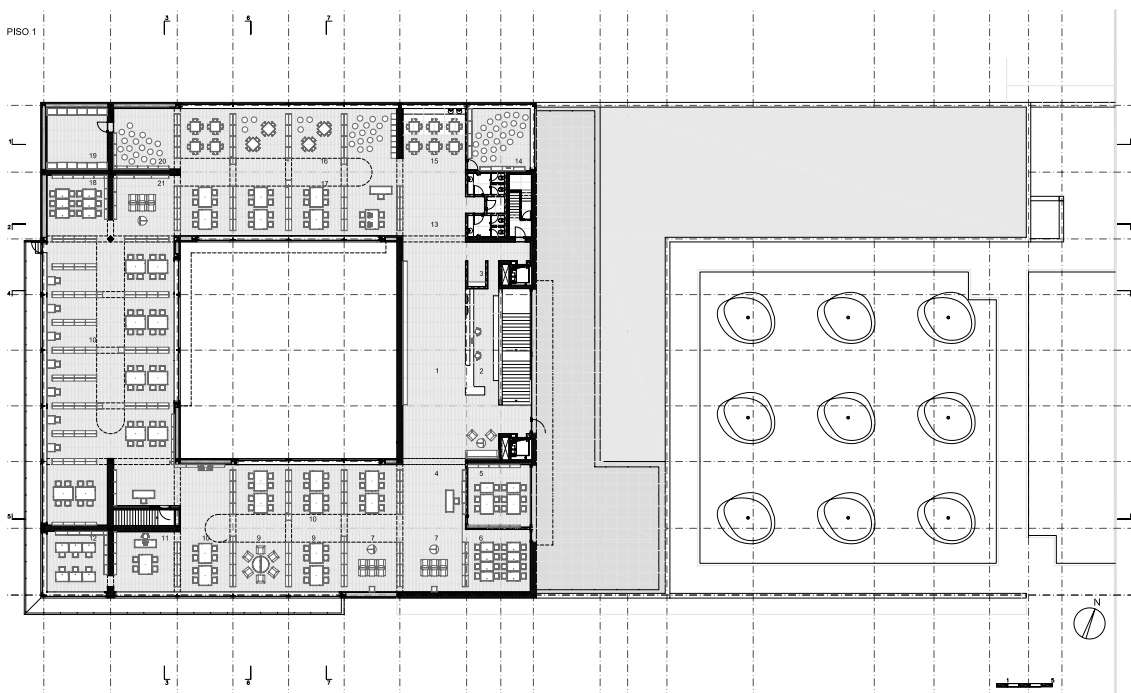


Fig. 136 - Planta do piso 1

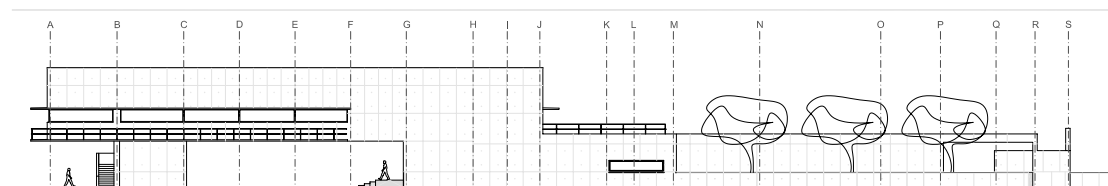


Fig. 137 - Alçado Sul

primeira área destinada à literatura, pelo corredor que permite o acesso a todas as subsecções. As zonas de leitura, onde o leitor pode ler ou trabalhar, desenvolvem-se maioritariamente na ala Poente. Aqui, as mesas de trabalho estão intercaladas com estantes que separam e individualizam os espaços, de modo a reforçar a relação entre o livro e o leitor. Fica, assim, facilitada a proximidade com os livros e a divisão do espaço com as estantes, dispostas perpendicularmente às paredes e corredor, cria um ambiente de maior intimidade. Com esta disposição do mobiliário na sala de leitura, o arquitecto gerou áreas de diferentes dimensões, criando alguns espaços individuais e zonas de trabalho para grupos.

Na concepção de ambientes de leitura no interior, não são só as aberturas horizontais que iluminam o edifício mas também os lanternins desenhados para maior aproveitamento da luz solar, tão importante na criação das relações entre o leitor e os livros. O modo como estes vão foram concebidos foi essencial para potenciar a entrada da luz natural nas salas de leitura e de trabalho, tendo havido o cuidado de que a luminosidade não penetrasse em excesso ou não incidisse directamente em determinadas direcções. Para uma presença equilibrada da luz, foi essencial a protecção solar ou a delimitação das aberturas¹⁴³.

O desenho de rasgos horizontais que potenciam relações entre o interior e o exterior, bem como a criação de clarabóias, são uma marca no percurso profissional do arquitecto. Com efeito, Siza foi-nos habituando à criação de objectos arquitectónicos que trabalham a luz de modos tão distintos e em simultâneo. Não podemos deixar de nos lembrar de outras bibliotecas também concebidas pelo artista e que, embora não enquadradas na tipologia de bibliotecas municipais, são bibliotecas abertas ao público. Falamos da Biblioteca Universitária de Aveiro, onde o arquitecto usou não só rasgos horizontais para criar relações visuais com o exterior mas também aberturas na cobertura para iluminar o espaço mais afastado da periferia do edifício. Também a Biblioteca da Faculdade de Arquitectura do Porto apresenta um rasgo comprido a meio do tecto que permite uma iluminação natural, sobretudo das zonas de trabalho, leitura e consulta, que têm maior incidência da luz do sol.

¹⁴³ VIEIRA, Álvaro Siza; SOBREIRA, João Maria; FREITAS, Pedro - "Projectos e Obras: Biblioteca Municipal de Viana do Castelo". In *Engenharia e Vida*. 2006. pp. 30-31



Fig. 138 - Relações entre o interior e o exterior



Fig. 139 - Quadrado vazio que permite maior número de vãos



Fig. 140 - Sala de leitura

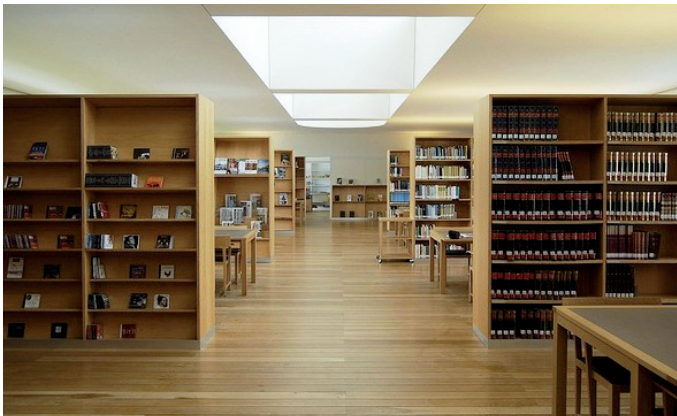


Fig. 141 - Sala de leitura



Fig. 142 - Divisão do espaço com estantes

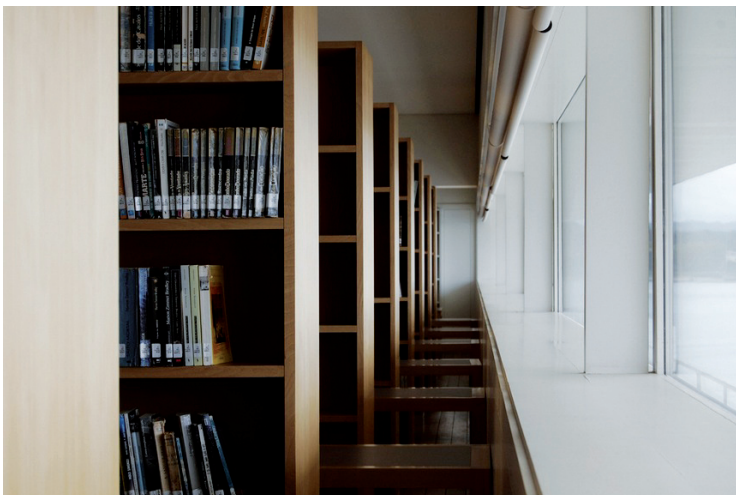


Fig. 143 - Divisão de áreas de leitura com estantes



Fig. 144 - Ponto de leitura individual

Em Viana do Castelo, todo o piso superior está dividido pelo mobiliário existente no espaço, sobretudo por estantes. Como estas são os elementos físicos mais altos e que maior área vertical conseguem cobrir, a divisão espacial fica facilitada, impedindo uma relação visual entre os consecutivos espaços de trabalho. Siza Vieira criou, assim, como que uma sucessão de salas de estudo dentro da sala de leitura. Continuando esta lógica da divisão de espaços, a secção infanto-juvenil, desenvolvida na ala Norte do corpo, não se encontra completamente isolada da secção de adultos. De facto, assim como o arquitecto subdividiu as zonas dentro das secções, também as separou (a secção infanto-juvenil da secção de adultos).

Sendo a secção infanto-juvenil um serviço com mais exigências, atendendo à variedade de faixas etárias a que tem que dar resposta, o espaço é dividido em mais subsecções: leitura infantil, leitura juvenil, espaço para os mais novos (também conhecido como bebéteca), sala de multimédia, atelier de expressão e sala de conto. O atelier e a sala de conto têm um carácter mais lúdico e exigem a presença de um adulto que oriente as crianças. Estas áreas encontram-se, por isso, mais perto do acesso à secção, promovendo a proximidade com o bibliotecário. Ao mesmo tempo, estas zonas, que estão próximas da área de distribuição, inevitavelmente mais movimentada, concentram-se num ponto mais ruidoso, afastando-se dos pontos de leitura.

No piso superior, a biblioteca contém espaços que, necessitando de cuidados a nível acústico, se localizam em locais estratégicos, estando afastadas das zonas de circulação. Álvaro Siza escolheu os cantos do bloco para se albergarem as divisões que exigem maior isolamento, tentando criar ambientes mais recatados. Nos ângulos a Norte ou Sul, dependendo da secção em que se encontram, situam-se a sala de conto (na secção infantil) e a sala de estudo (na secção de adultos). Durante as actividades nestas salas, qualquer som ou ruído pode perturbar o trabalho, por isso, na sala de estudo, o arquitecto aproveitou a própria estrutura para fazer a divisão do espaço e assegurar o seu isolamento. Nesta estratégia de localização de determinados serviços do programa em locais próprios, o desenho da arquitectura revelou ser uma real mais-valia na concepção e organização do espaço.

Siza Vieira demonstrou, mais uma vez, a sua perícia na análise de um programa com necessidades tão específicas. O reconhecimento do seu trabalho, a nível nacional

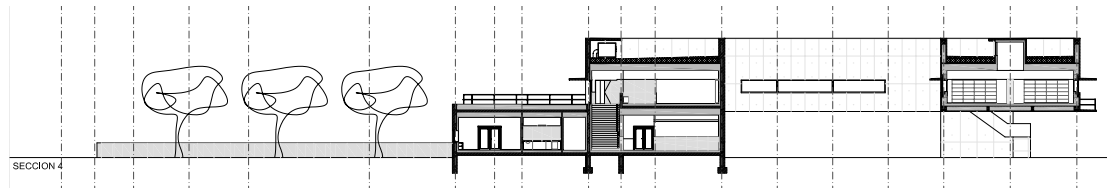


Fig. 145 - Corte 4

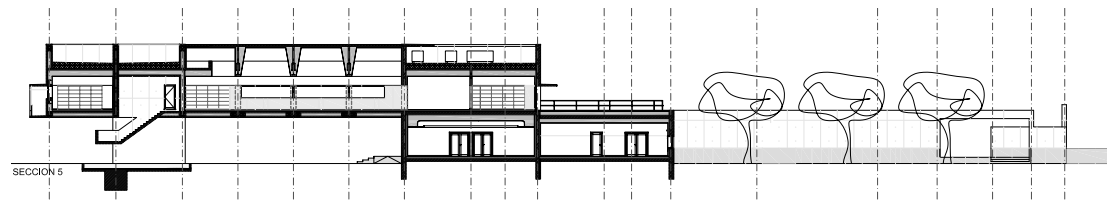


Fig. 146 - Corte 5

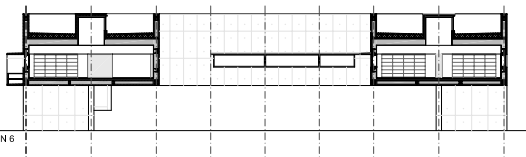


Fig. 147 - Corte 6

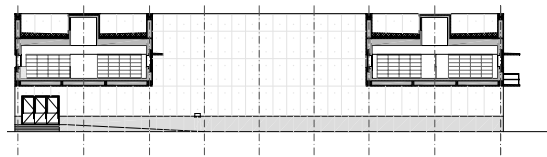


Fig. 148 - Corte 7

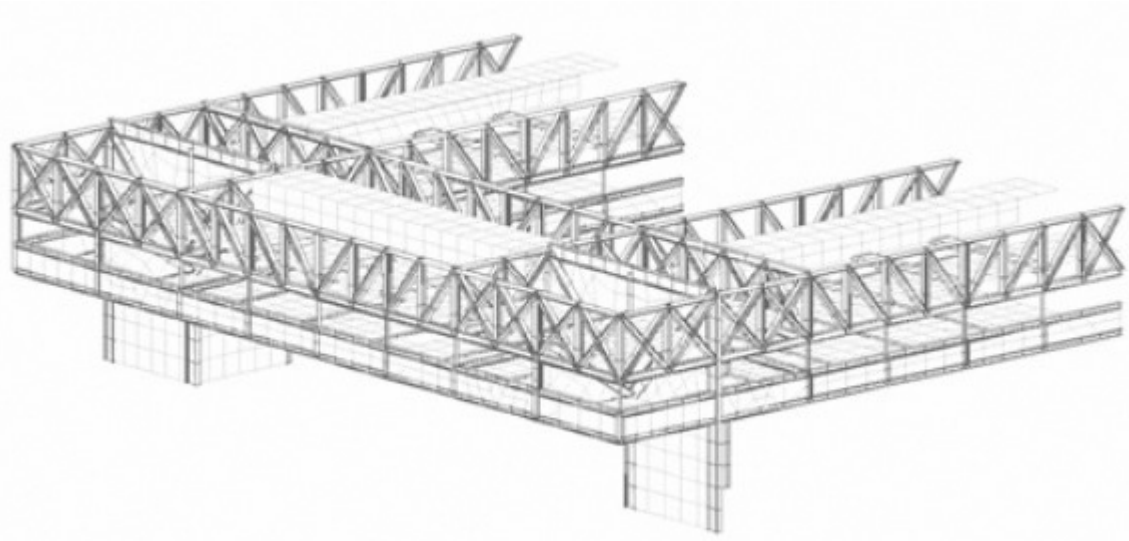


Fig. 149 - Esquema da estrutura mista de ferro e betão



Fig. 150 - Expressão do acabamento em betão branco

e internacional, é avassalador, por ter desenvolvido, ao longo da sua já vasta carreira, uma pluralidade de projectos e obras tão distintos, nunca perdendo a capacidade de defender o gosto e a linguagem da sua arquitectura ímpar.

Devido à estrutura da Biblioteca Municipal de Viana do Castelo, esta obra de Siza Vieira foi também levada aos ECCS Awards, em 2007. De facto, as soluções estruturais optadas podem ser consideradas, elas próprias, uma verdadeira obra de arte. A forma que o arquitecto criou, de um bloco quadrado de 45 m de lado com um vazio central de 20x20 m, liberto do chão, assente de um lado, num corpo em L e do outro lado, em dois pontos, fez com que o edifício exigisse uma engenhosa estrutura, que levou a optar por uma solução mista: metálica e de betão.

O sistema estrutural foi pré-dimensionado pelo Gabinete de Organização e Projectos (G.O.P.), liderado pelo Eng^o João Maria Sobreira. A solução passou por dividir o edifício em duas zonas. Na primeira, a estrutura é constituída por lajes maciças ou mistas de aço e betão, apoiadas em paredes resistentes de betão armado. Na segunda zona, devido aos vãos existentes e ao acabamento pretendido em betão aparente, a opção adoptada foi a de uma grelha de vigas treliçadas ao nível da cobertura, apoiadas na zona 1 e em duas cruces metálicas “ [...] que abaixo do piso 1, se transformam em dois «L’s» [...]”¹⁴⁴.

Tendo o arquitecto optado pelo acabamento em betão branco, foi necessário criar uma estrutura que minimizasse a possibilidade de fissuração do material eleito, para melhor preservação da imagem do edifício. Segundo o responsável pelo projecto estrutural, era importante “[...] conseguir um betão branco que se adaptasse às diferentes circunstâncias da obra [...], ao plano da montagem da estrutura metálica, bem como ao estudo da cofragem [...]”¹⁴⁵. Foi necessário um forte investimento no estudo e investigação, bem como a experimentação do material e de todos os intervenientes nas diferentes fases de concepção. Só desse modo foi possível a criação de um objecto que procurou a perfeição no que diz respeito à sua plasticidade e expressão¹⁴⁶.

¹⁴⁴ Ibidem, p. 31

¹⁴⁵ SOBREIRA, João Maria. Por TRAÇA, Carina - “GOP leva obra aos ECCS Awards 2007”. [Em linha]. In *Construir*

¹⁴⁶ Estudou-se a “[...] definição da estereotomia e dos planos de betonagem; pré-pintura das armaduras e correcta definição dos recobrimentos. Sistema de cofragem e descofrantes adequados, fabrico e transporte de betão, velocidade de betonagem [...]”. Ver: TRAÇA, Carina - “GOP leva obra aos ECCS Awards 2007”. [Em linha]. In *Construir*



Fig. 151 - Biblioteca Municipal de Viana do Castelo, vista exterior (relação da secção de adultos com o Rio Lima)

A arquitectura de Siza vem-nos habituando a monumentais edifícios que exigem uma superestrutura. A Biblioteca Municipal de Viana do Castelo não só se evidencia como mais uma obra majestosa do arquitecto mas também como um equipamento que, resistindo às difíceis exigências de um programa e de um plano para a cidade, se conseguiu distinguir. Deste modo, o edifício veio demonstrar a capacidade que a arquitectura portuguesa tem hoje de responder aos pedidos feitos, bem como proporcionar um funcionalismo claro e distinto.



Fig. 152 - Biblioteca Municipal Ferreira de Castro



Fig. 153 - Fachada Poente da biblioteca



Fig. 154 - Pátio interior da biblioteca



Fig. 155 - Pátio interior da biblioteca

3.2.2 Biblioteca Municipal Ferreira de Castro, Oliveira de Azeméis

Do ponto de vista formal, pretendeu-se um edifício racional, bem relacionado com o exterior, transparente, mas não devassado¹⁴⁷.

Ficha Técnica

Arquitecto: José António Lopes da Costa

Co-Autor: Tiago Meireles

Projecto: 2000-2002

Ano de conclusão: 2007

Colaboradores do Projecto: Rui Ventura, Armindo Teixeira e Rita Gonçalves

Estabilidade, Águas e Saneamento: Diastec

Equipamentos Mecânicos: Termoprojecto

Equipamentos Eléctricos, Telecomunicações e Informática: Alfredo Castro

Consultora (Bibliotecária): Maria Manuel Pêgo

Área: 4 200 m²

Tipologia: BM 3

¹⁴⁷ COSTA, José António Lopes da; MEIRELES, Tiago. Por CORDEIRO, Cristina - "Ler e conviver com prazer". In *Cubo*. 2008. p. 48



Fig. 156 - Implantação da Biblioteca Municipal Ferreira de Castro

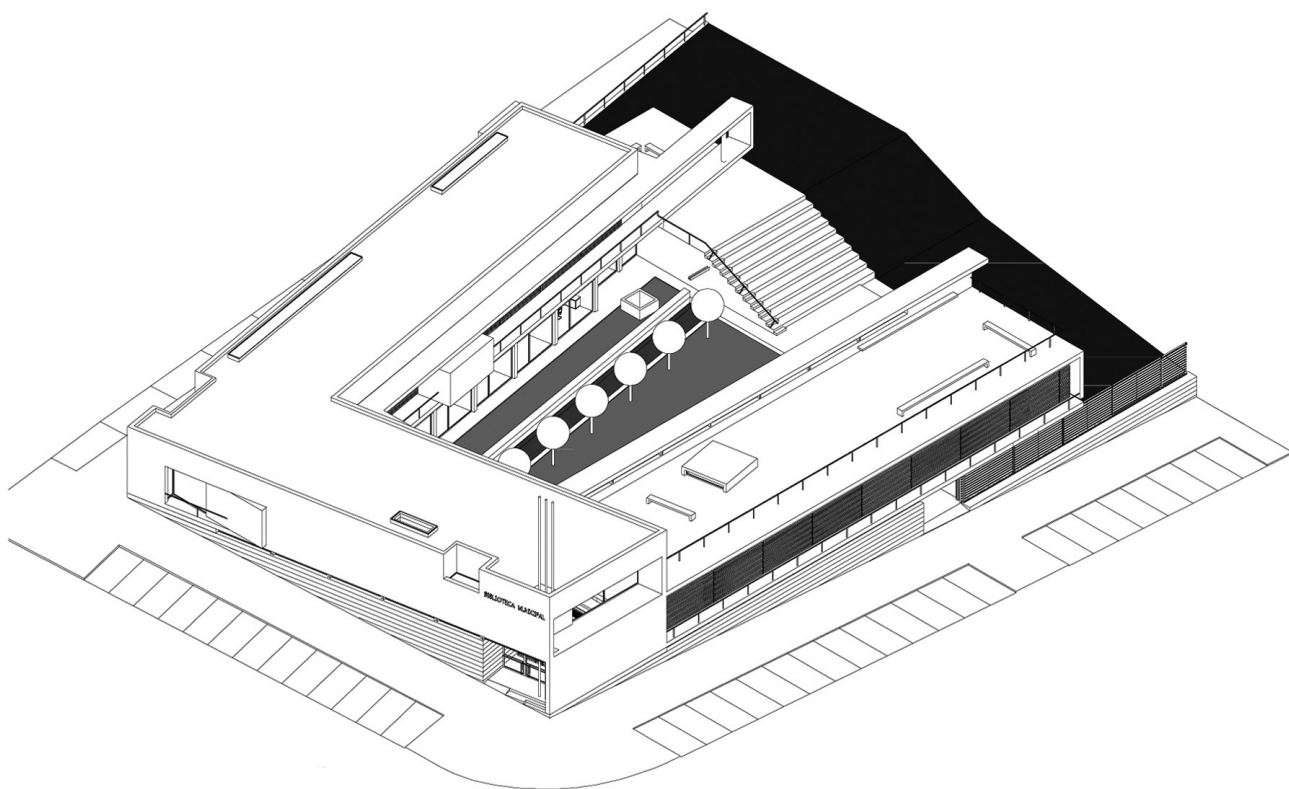


Fig. 157 - Axonometria

Vencedora do 1º Prémio do Concurso de Ideias para a nova Biblioteca Municipal de Oliveira de Azeméis, em 2000, a Biblioteca Municipal Ferreira de Castro é um projecto da autoria dos arquitectos José António Lopes da Costa e Tiago Meireles. Está situada perto do centro da cidade, servida pela Rua General Humberto Delgado (a Norte) e pela Rua da Imprensa Oliveirense (a Poente), que asseguram a sua ligação ao centro urbano, no terreno contíguo à zona escolar e desportiva da cidade. De facto, e como referido no capítulo referente às bibliotecas públicas, é essencial que um equipamento deste género esteja implantado num local central e bem acessível à população.

Esta foi a terceira biblioteca municipal construída, no quadro da RNBP pela mesma equipa de arquitectos. Antes da Biblioteca de Oliveira de Azeméis, projectaram outras, embora de classificações diferentes¹⁴⁸: a Biblioteca Municipal de Vale de Cambra (BM 2) e a Biblioteca Municipal de Monção (BM 1). A primeira, foi projectada entre 1994 e 1995 e construída entre 1996 e 1998, enquanto a segunda, inserida no distrito de Viana do Castelo (o mesmo da Biblioteca de Siza Vieira), foi desenhada entre 1997 e 1999 e erguida no ano 2000¹⁴⁹. Com estes antecedentes, é inquestionável o conhecimento que a dupla já possuía acerca das exigências do programa bem como das necessidades de articulação entre as várias áreas de uma biblioteca pública.

A biblioteca foi implantada num lote trapezoidal com 3 775 m², de topografia acidentada, com cerca de 10 m de diferença de cotas. A pendente do terreno assumia um desnível de cerca de 4 m, no sentido Norte/Sul, enquanto no sentido Nascente/Poente o desnível era de, aproximadamente, 6 m. Para a dupla Lopes da Costa e Meireles este foi o ponto de partida para que o programa se desenvolvesse em mais do que um piso. Assim, o próprio edifício ajudou a vencer a diferença de cotas. Apesar do condicionamento topográfico, os arquitectos conceberam um projecto funcional que permitisse uma boa articulação das diferentes valências do equipamento. Para além desta consciencialização, seria fundamental que a obra não

¹⁴⁸ A classificação tipológica da RNBP depende do número de habitantes da região onde a biblioteca se insere, como foi já explicado no subcapítulo sobre a RNBP.

¹⁴⁹ J. A. Lopes da Costa : *Atelier de Arquitectura*



Fig. 158 - Pátio interior da biblioteca



Fig. 159 - Pátio interior da biblioteca



Fig. 160 - Esplanada da cafeteria



Fig. 161 - Átrio

tivesse mais que dois pisos, traduzindo um cuidado na transição volumétrica que acompanharia a inclinação dos arruamentos¹⁵⁰.

Este projecto teve a particularidade de criar não só um edifício com uma expressão plástica significativa mas também de desenvolver relações entre o interior e o exterior. É clara a promoção destas relações, através do desenho de espaços exteriores: um terraço, um pátio e um anfiteatro ao ar livre. O último, “debruçado sobre o casario e aberto às mais variadas manifestações artísticas”¹⁵¹, pretende servir e complementar os serviços da biblioteca. Ligado ao pátio, limitado pela planta da biblioteca em “U”, a intenção é organizar actividades ao ar livre e criar um espaço que possa ser usufruído como miradouro, onde o público possa descontraír e observar a envolvente. O pátio interior foi criado num imaginário onde as cores e materiais tentam recriar um ambiente mediterrânico. Os elementos utilizados foram a água (na criação de uma linha de água artificial), as laranjeiras e o saibro. O pátio permitiu criar iluminação natural em todos os espaços, sejam eles de circulação, públicos ou de carácter privado. Este espaço exterior, acessível directamente da cafetaria, disponibilizou também uma pequena esplanada, uma mais-valia do equipamento por proporcionar um espaço de lazer à população. Assim se mostra, mais uma vez, o poder do traço do arquitecto para a criação de ambientes sedutores.

Era fundamental para os arquitectos uma organização clara do edifício, onde o utilizador pudesse encontrar, de uma forma quase imediata, aquilo que procura. A intenção foi criar uma volumetria com uma relação equilibrada com o exterior, capaz de gerar espaços animados e transparentes, mas que não fossem devassados. Tendo sempre em atenção a orientação e exposição solar, as aberturas do bloco são maioritariamente feitas a Sul e a Poente.

A Norte, no ângulo com o bloco desenvolvido a Poente, encontramos a entrada principal. No piso térreo somos recebidos num átrio de pé direito duplo. À partida, e seguindo as intenções arquitectónicas, existe a possibilidade de uma relação visual com o pátio interior e com os dois braços para onde o programa público se desenvolve. Daqui, é bem perceptível o programa, uma vez que, como foi referido, se

¹⁵⁰ *Concurso para a elaboração do projecto da Biblioteca Municipal de Oliveira de Azeméis: Memória descritiva e justificativa*. 2000. pp. 2-3

¹⁵¹ CORDEIRO, Cristina - “Ler e conviver com prazer”. In *Cubo*. 2008. p. 48

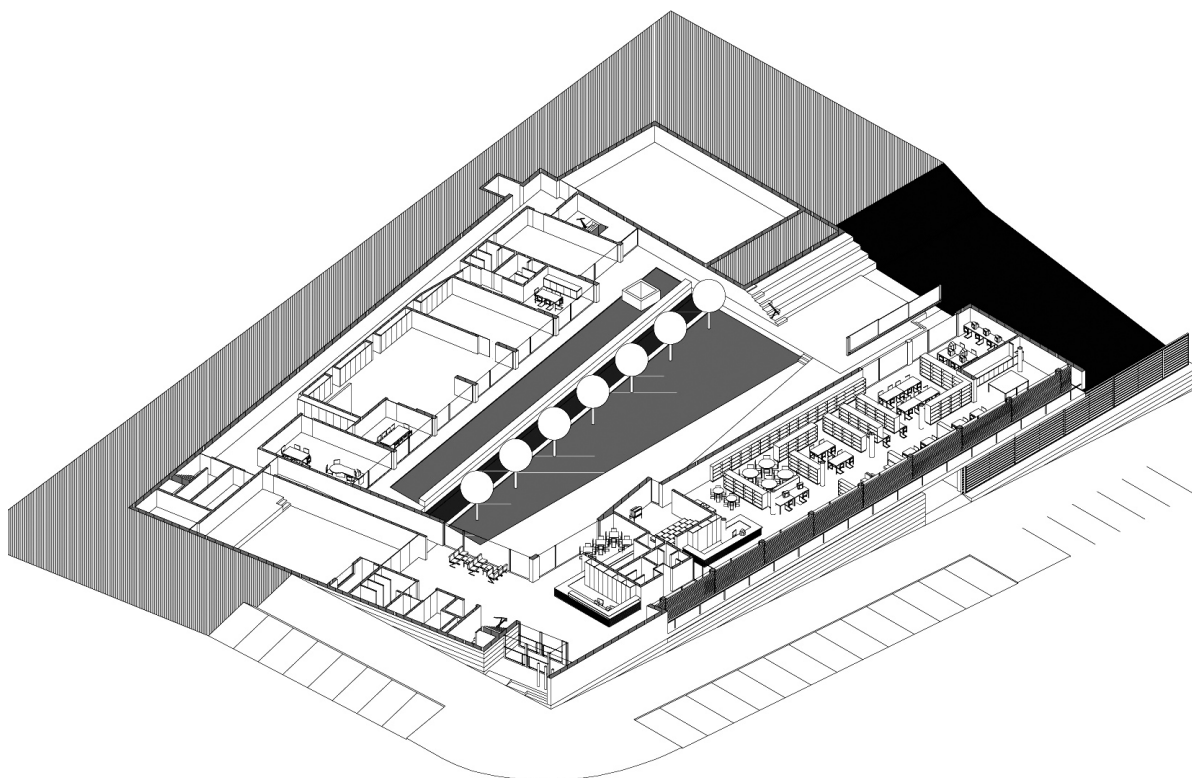


Fig. 162 - Axonometria do piso 0

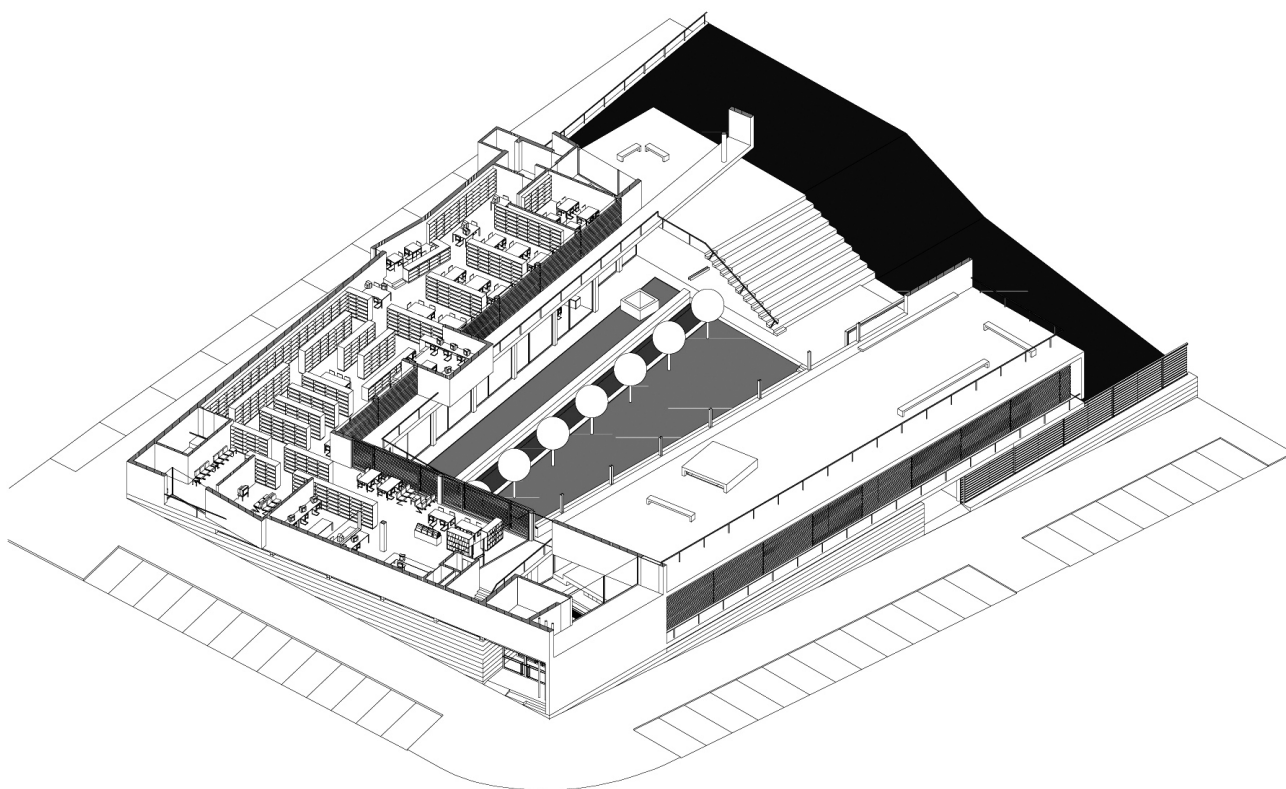


Fig. 163 - Axonometria do piso 1

criaram planos transparentes capazes de ler todo o espaço. A Poente, desenvolve-se a secção infanto-juvenil, que não perturba os serviços das restantes áreas. É um espaço amplo, com zonas diferenciadas para diferentes actividades: leitura informal, consulta, empréstimo, zona de conto, atelier de expressão, etc..

A Norte, do lado esquerdo de quem entra no edifício, acede-se à sala polivalente. É um espaço concebido de maneira distinta da dos espaços de leitura, que permite organizar múltiplas acções (palestras, conferências, exposições, etc.). Com uma iluminação mais tímida, as janelas apresentam uma configuração diferente, ajudando a suavizar a penetração da luz natural. A luz solar atravessa uns compridos e pequenos rasgos que acompanham horizontalmente a fachada do edifício. Já que as actividades neste espaço não exigiam a incidência da luz natural, os arquitectos aproveitaram para localizar esta sala num ponto parcialmente enterrado. Como aqui se organizam diferentes actividades, nem sempre ligadas aos serviços da biblioteca, a sala polivalente está ligada ao átrio, podendo o seu funcionamento ser autónomo. Lopes da Costa e Tiago Meireles pretenderam também que esta sala estivesse articulada com o átrio, aumentando a área, se necessário, para oferecer um espaço de maior escala. Assim se demonstra que o arquitecto pode localizar convenientemente as diferentes áreas, de acordo com as suas modalidades de uso.

No piso superior, desenvolve-se o restante programa aberto ao público: a secção de adultos, que se encontra afastada das secções com maior movimento, evitando o ruído e potenciando o bom ambiente na sala de leitura. Esta secção situa-se nos volumes que constituem o “L” onde a sala de leitura se abre (a Norte e a Nascente), juntamente com as subsecções exigidas pelo programa. O ponto de acolhimento desta secção situa-se no cimo da escadaria lançada a partir do átrio de entrada no edifício. Ao subir as escadas, o olhar debruça-se sobre o átrio (o pé direito é duplo) e a partir desta área acede-se também ao terraço criado na cobertura do bloco da secção infanto-juvenil¹⁵².

Toda a secção de adultos é um espaço contínuo, de planta livre, com vãos envidraçados virados para o pátio interior. As janelas abrem-se para uma varanda, que está protegida por uma pala de sombreamento. A pala protege não só a galeria

¹⁵² O terraço foi pensado como eventual ambiente para exposições temporárias ao ar livre, reforçando o carácter cultural do serviço público.



Fig. 164 - Secção infanto-juvenil



Fig. 165 - Secção infanto-juvenil



Fig. 166 - Sala polivalente



Fig. 167 - Escadas de acesso à secção de adultos e terraço



Fig. 168 - Sala de leitura, secção de adultos

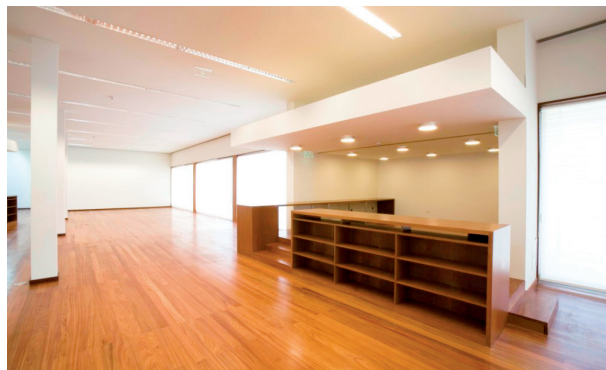


Fig. 169 - Sala de leitura, secção de adultos

exterior mas também os espaços de leitura no interior da sala. Os arquitectos procuraram, através das aberturas no edifício, controlar o excesso de luz. Para se conseguir melhor protecção dos ambientes de leitura, usaram um sistema de lâminas de alumínio que permite o controlo da luminosidade.

Aproveitando a estrutura do edifício, os pilares no espaço interior ajudam a definir os alinhamentos para criação dos corredores de circulação e a organizar o espaço, através da disposição do mobiliário. Criaram-se com estes elementos as diferentes áreas de trabalho, separadas neste espaço único. Também como intenção de José António Lopes da Costa e de Tiago Meireles, bem perceptíveis nas fachadas exteriores, vêem-se volumetrias que, no seu interior, possibilitam ambientes pontuais distintos. Estas proeminências surgem como resultado da criação de espaços convidativos, numa tentativa de aproximação ao ambiente familiar de nossas casas. Para reforçar esta ideia, estes pontos dispõem de confortáveis sofás e de candeeiros de pé, que criam um ambiente intimista. Exemplos destes recantos encontram-se na secção de audiovisuais, no ângulo da sala Norte-Nascente, bem como no corpo a Nascente, uma área de leitura e um espaço de trabalho com material informático disponível, assentes em estrados de madeira, elevados em relação à cota do piso.

Com este sistema de divisão dos sectores, conseguiu-se uma sequência lógica em áreas que se vão organizando ao longo do percurso na sala principal da biblioteca. O primeiro espaço é o de acolhimento, onde um balcão marca o ponto de trabalho do bibliotecário responsável por ajudar os leitores. Segue-se o ponto de consulta do catálogo e a secção de periódicos, onde o mobiliário tem um carácter mais informal, não só com a disposição de mesas e cadeiras, mas também de sofás, perpendiculares às janelas viradas a Sul. Em seguida, como já foi referido, no ponto de articulação dos dois volumes estão as secções de áudio e vídeo. Aproveitando a fachada Norte, mais fechada, existem espaços mais escuros, que dispensam a luz natural directa. Estendendo-se para o segundo braço do “L”, a sala de leitura é dividida essencialmente por estantes intercaladas com mesas de trabalho que vão surgindo, criando sucessivos espaços de consulta, leitura e trabalho. É importante que haja esta proximidade entre o leitor e os livros, que estão disponíveis para consulta rápida ou para pesquisa e trabalho mais prolongados. O arquitecto deve, então, pensar na concepção do espaço (ou sequências de espaços) tendo em atenção as necessidades do leitor. Para isso, é

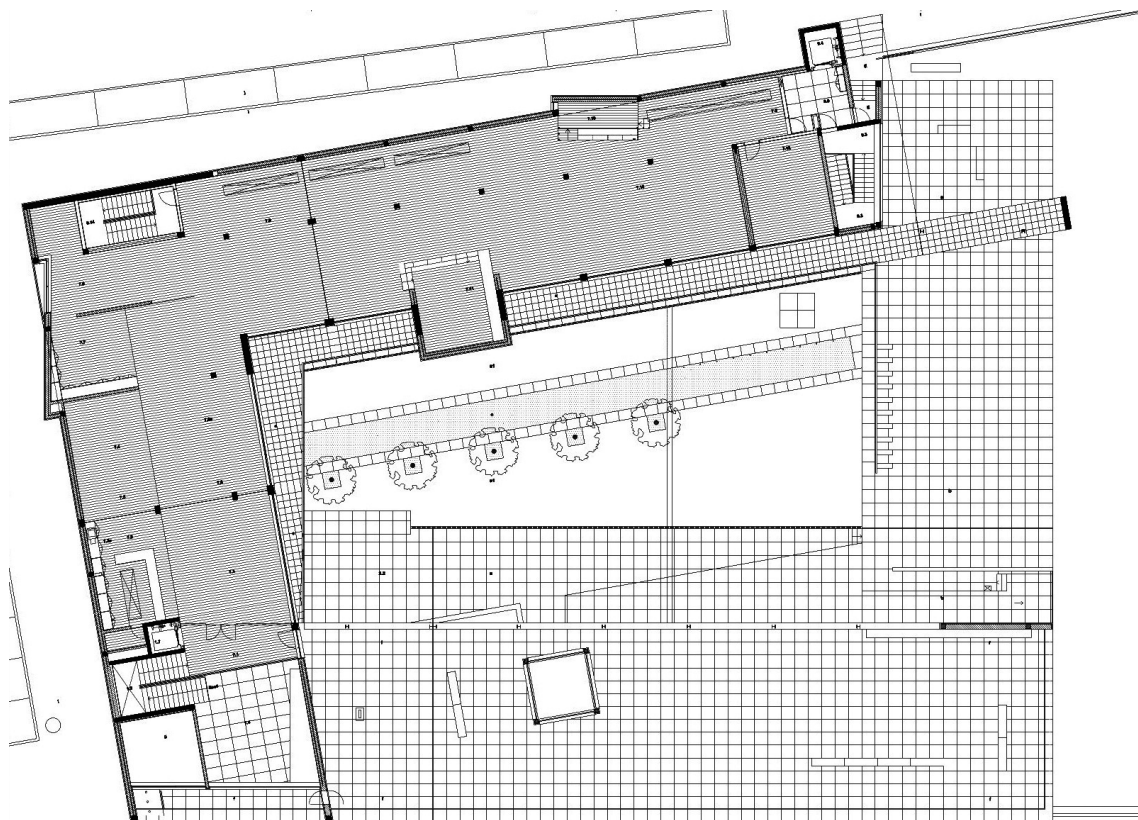


Fig. 170 - Planta do piso 1

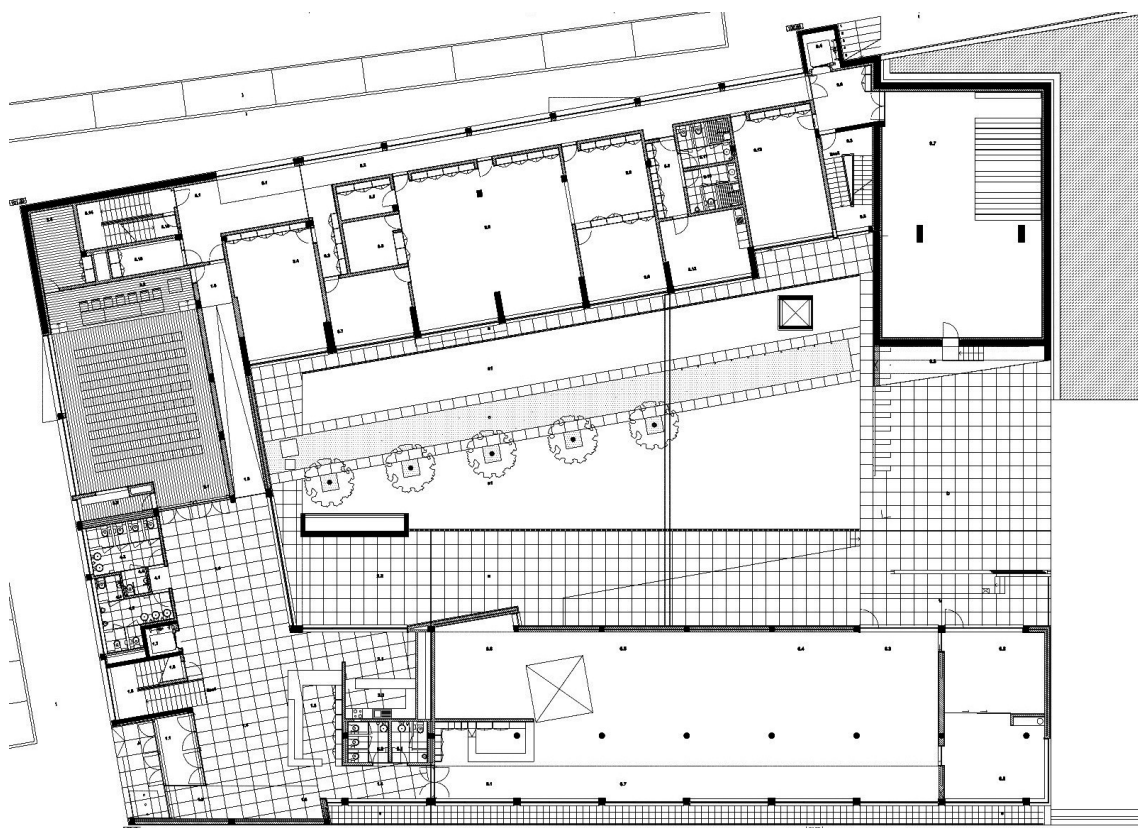


Fig. 171 - Planta do piso 0

necessário que tanto a estrutura como o mobiliário permitam a criação destas relações, de forma directa e simples.

Possibilitando uma relação funcional com os serviços internos e com o depósito, a secção de adultos tem nos topos duas escadarias que permitem o acesso vertical aos espaços privados, nos dois pisos abaixo deste. Estrategicamente, localizam-se no bloco Nascente os espaços da área administrativa e depósito, de modo a facilitar a entrada e saída de mercadoria e pessoal, sem perturbar o bom funcionamento da biblioteca. Resguardada do público, foi criada uma entrada independente, a Nascente, para este fim. Como podemos ver no corte, ela relaciona-se com um dos acessos verticais privados que faz a ligação com todos os pisos do edifício. É de notar o cuidado na concepção desta entrada, localizada num ponto escondido do olhar do utilizador mas também face à rua. Respeitando as regras aconselhadas pela IFLA, os arquitectos evitaram o cruzamento dos percursos internos e públicos da biblioteca. Dividido em duas zonas, pública e privada, o desenvolvimento e articulação do programa da Biblioteca Municipal Ferreira de Castro baseou-se num desenho simples, em que a própria estrutura auxiliou na definição dos diferentes espaços.

Embora em pisos diferentes e com relações distintas com o exterior, as secções infanto-juvenil e de adultos encontram-se orientadas a Poente. Enquanto a zona dos mais jovens tem relação directa com a rua, a outra, no segundo piso, relaciona-se visualmente com o pátio interno criado pela forma do edifício. O pátio assume um papel privilegiado neste projecto. Sendo central, torna-se o espaço em torno do qual o programa da biblioteca se desenvolve, uma vez que quase todos os espaços têm uma relação visual ou física com ele.

Uma vez que não se pretende, com este trabalho, fazer uma observação crítica dos espaços internos do serviço mas sim dos espaços de uso público, a descrição dos depósitos e sua organização, bem como das áreas técnicas de apoio ou o estacionamento, não são aqui consideradas. Em todo o caso, são áreas que fazem parte do projecto e que contribuem para a sua eficácia. Inserida na RNBP, a Biblioteca de Oliveira de Azeméis é um edifício bem conseguido, respondendo eficazmente ao respectivo programa. Traduz-se num projecto funcional, com uma linguagem arquitectónica clara, que visa abranger uma série de cuidados e necessidades do público. Para além da organização dos espaços interiores, distingue-se pela criação de

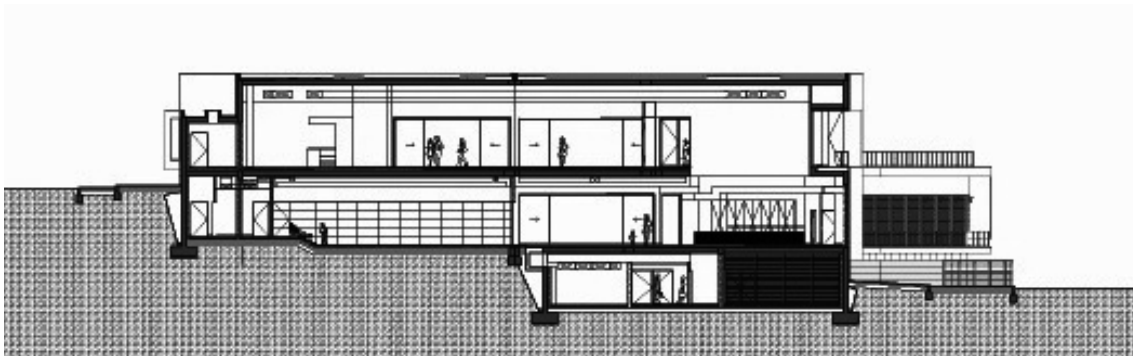


Fig. 172 - Corte pelo átrio, sala polivalente e sala de leitura

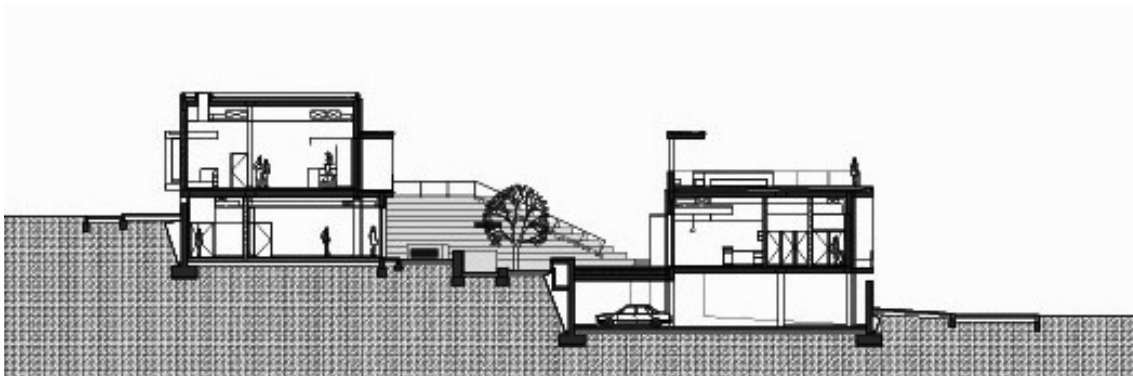


Fig. 173 - Corte pela secção infanto-juvenil, área administrativa e sala de leitura (relações com o pátio)

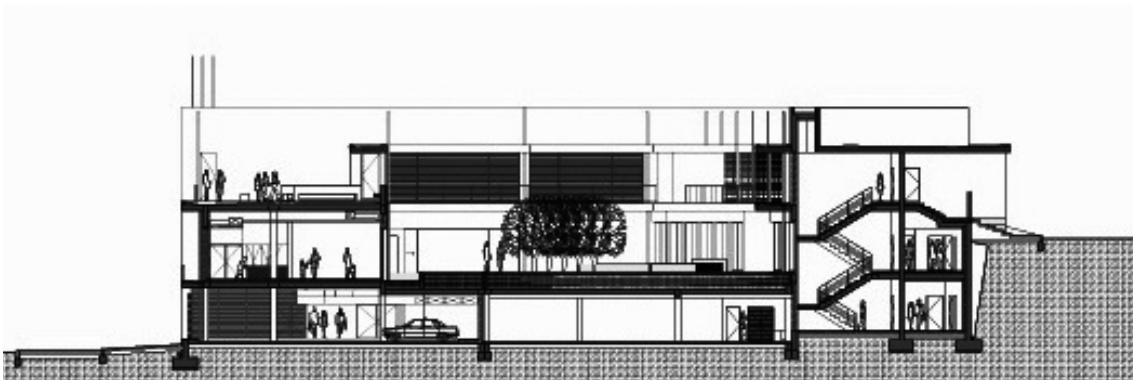


Fig. 174 - Corte pela secção infanto-juvenil, terraço, pátio e acessos verticais da área de acesso privado

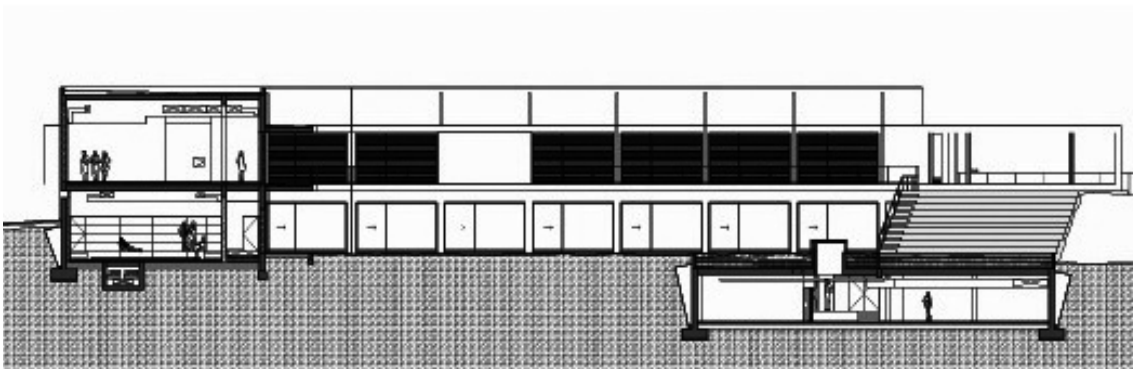


Fig. 175 - Corte pela sala polivalente, sala de leitura, pátio e anfiteatro ao ar livre (alçado Poente da área administrativa e sala de leitura)

espaços exteriores capazes de complementar os serviços e que podem ser utilizados de um modo autónomo.

CONCLUSÕES

Ao longo deste trabalho, foi fundamental a recolha de informação sobre a história e o desenvolvimento da arquitectura no mundo das bibliotecas, para se concluir que, em diferentes épocas, houve diferentes necessidades a que a arquitectura tentou dar resposta. As bibliotecas são equipamentos dotados de salas de leitura, estudo, formação, aprendizagem, lazer, etc., espaços que devem ter relações fortes com o meio, sobre o qual devem ter impacto. É inevitável, portanto, que a concepção de espaços e edifícios que servem uma comunidade de leitores seja um exercício permanente da arquitectura.

Graças a políticas institucionalizadas de desenvolvimento cultural, as bibliotecas foram-se tornando pólos de atracção, tanto para os estudiosos como para os simples amantes da leitura. Para ir ao encontro de grupos, por um lado cada vez maiores e por outro, cada vez mais específicos, sentiu-se a necessidade de criar diferentes tipologias de bibliotecas. Estas distinguem-se de acordo com o público a que se destinam, o que faz com que as exigências do programa arquitectónico aí desenvolvido sejam diferentes. A par destas mudanças, também a relação entre o leitor e o livro se foi alterando, influenciada por todos os factores que marcaram o percurso dos livros e das bibliotecas. Assim, a sala de leitura surge como o espaço de maior relevância para o estudo do arquitecto, por ser a sala central de uma biblioteca. De facto, o programa da biblioteca tem crescido, sobretudo, à volta da actividade da leitura e é essa a área que o arquitecto deve cuidar em primeiro lugar, atendendo a necessidades como a luz e o silêncio, como referido no primeiro capítulo.

Em Portugal, as tentativas de concretização de uma política que fomentasse a instrução e a cultura populares, fizeram surgir várias medidas que conduziram, em 1987, à criação da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas (RNBP). Vinte e cinco anos após o seu surgimento, os objectivos desta rede mantêm-se, sempre baseados no Manifesto da UNESCO sobre bibliotecas públicas¹⁵⁴. De facto, com o estudo das quatro bibliotecas aqui descritas, verifica-se que, ainda hoje, a RNBP responde às necessidades das comunidades abrangidas por essa rede. As bibliotecas de Tavira, Ílhavo, Viana de Castelo e Oliveira de Azeméis demonstram não só a capacidade de resposta que estes equipamentos dão aos utilizadores que as frequentam, mas também a possibilidade de valorizar os locais onde estão inseridas. Este último ponto importa especialmente ao âmbito da arquitectura, que confere ao edifício a capacidade de diálogo com a cidade.

Um dos pontos principais definidos pela RNBP refere-se à localização da biblioteca, que deve estar implantada no centro urbano ou próximo dele. Os casos estudados cumprem este requisito, exibindo clara proximidade com os centros. Definido o local, o arquitecto tem a liberdade de traçar um edifício, criando relações com a envolvente e moldando uma construção o mais aprazível possível, com acesso facilitado à população e que cumpra o objectivo do serviço. O acesso fácil a estes equipamentos culturais passa também pelo acesso a indivíduos com mobilidade reduzida, sendo imprescindível o cumprimento das actuais normas nesse âmbito. É, por isso, aconselhável que o programa da biblioteca se desenvolva no mínimo número de pisos possível, caso não seja possível fazê-lo num só piso. Analisando os quatro exemplos descritos, apenas em Tavira o programa público da biblioteca se desenvolve num piso, enquanto nas outras, para dar acesso às restantes áreas, existem elementos verticais (escadas e elevadores) que fazem as ligações entre os pisos.

O presente trabalho permitiu, em primeiro lugar, entender a relevância do desenho do espaço, bem como a sua capacidade de responder às exigências programáticas de uma biblioteca pública, sobretudo nos casos de bibliotecas municipais. O desenho é o elemento e ferramenta essencial do arquitecto no processo de comunicação com o seu cliente, expressando as suas intenções. Na definição do projecto de uma biblioteca, é fundamental o diálogo entre o arquitecto e os

¹⁵⁴ Ver Manifesto em anexo.

bibliotecários, de modo a assegurar um resultado equilibrado entre a forma e a função, objectivo essencial da arquitectura.

Uma vez que os exemplos escolhidos se inserem na RNBP, são exemplos contemporâneos com características inconfundíveis do seu tempo. Obras projectadas e construídas entre 1999 e 2007, revelam tendências do período em que foram concebidas, desde os notáveis sistemas estruturais adoptados às formas (mais ou menos orgânicas, dependendo das áreas disponíveis) e materiais utilizados, elementos expressivos que marcam a sua autenticidade. Relativamente à forma, merecem destaque as salas de leitura destas quatro bibliotecas. De planta livre, os únicos elementos físicos presentes no interior destes espaços são os pilares que, como é perceptível pelas imagens, ajudam a definir a disposição do mobiliário para subdivisão das diferentes zonas. Quase como um *open space*, a concepção das salas de leitura permite uma pluralidade de organizações interiores e possibilita alterações, sem que existam elementos (como planos de alvenaria) condicionantes de uma nova organização. Ainda relativamente às salas de leitura estudadas, é manifesta a preocupação da arquitectura com a luz, reconhecidamente um factor potenciador do uso destas salas. Da biblioteca de Carrilho da Graça à de Lopes da Costa, não surgiu nenhum exemplo em que a luminosidade não fosse elemento de destaque, criadora da maioria dos ambientes destas bibliotecas, graças ao controlo da intensidade e direcção da incidência da luz natural. Todos os arquitectos tiveram preocupações com as funções das salas de leitura, pondo todo o cuidado no modo como a luz natural atravessa os vãos para iluminar o interior. Nos casos em que as salas se expõem para o exterior, devassadas pelos raios que atravessam os vidros, foram instalados sistemas de protecção solar. Tal é o caso da Biblioteca Municipal Ferreira de Castro, onde as janelas rasgadas a Poente são protegidas pelas lâminas de alumínio que permitem o sombreamento dos pontos de trabalho e leitura.

Estes projectos de bibliotecas públicas organizam-se e articulam os diferentes serviços (externos ou internos) de um modo funcional e equilibrado, definido pelo desenho dos arquitectos. No que diz respeito às relações entre as áreas privadas e os serviços públicos da biblioteca, há que destacar a Biblioteca Municipal Álvaro de Campos, em Tavira. Enquanto os restantes casos demonstram uma relação de paralelismo entre o funcionamento externo e interno, em Tavira, João Carrilho da

Graça separou as áreas públicas e privadas, sem que se estabelecessem relações entre elas.

Uma área igualmente a destacar, em qualquer um dos projectos, é a sala polivalente. Propiciando actividades independentes das da biblioteca propriamente dita, ela é um espaço com características próprias, permitindo múltiplas actividades. Nos casos analisados, a maioria dos arquitectos optou por estabelecer relações claras com o átrio de entrada no edifício, podendo o espaço multifuncional abrir-se num gesto de continuidade para o sítio de acolhimento dos utilizadores. Deste modo, caso seja necessária uma actividade que exija maior área, a sala polivalente consegue estender-se para o *foyer*. Na Biblioteca Municipal Álvaro de Campos, é interessante a forma como os painéis que delimitam a área da sala deslizam e se alinham com a parede. Para além desta subtil divisão, Carrilho da Graça confrontou este espaço com o exterior, permitindo a realização de actividades tanto no interior como no exterior. Em Viana do Castelo, a biblioteca projectada por Siza Vieira é a única desta amostra em que a sala polivalente se encontra algo distanciada do átrio de distribuição para as diferentes secções.

As bibliotecas de Tavira e Ílhavo, tratando-se de casos de reabilitação e reprogramação de edifícios, apresentam características distintas das bibliotecas de Viana do Castelo e Oliveira de Azeméis. A concepção destas bibliotecas estava inevitavelmente condicionada, uma vez que as pré-existências teriam que ser acolhidas no novo edifício. Em Ílhavo, a solução de Nuno Mateus e José Mateus demonstrou ser mais fácil, uma vez que o Solar Visconde de Almeida fazia o alinhamento com a rua e tinha espaços divididos com áreas que permitiam albergar as salas e gabinetes privados. Pelo contrário, Carrilho da Graça foi confrontado com as ruínas de uma cadeia no centro de um lote, o que o fez optar pela destruição dos vestígios interiores, mantendo apenas a fachada como elemento escultórico e limitador de um espaço exterior. Enquanto em Ílhavo o novo corpo da biblioteca se estendeu para um lado da construção primária, em Tavira o programa da biblioteca desenvolveu-se em torno da pré-existência.

Numa tentativa de conciliação de linguagens díspares de períodos tão distintos, as bibliotecas erguidas em edifícios reabilitados mostram uma forma mais plástica e orgânica. As volumetrias apresentadas expressam-se com uma diversidade de formas

e alinhamentos exteriores que definem automaticamente espaços interiores. Classificadas como BM 2, servindo populações entre 20 000 e 50 000 habitantes, as áreas dos lotes não eram muito extensas. Por isso mesmo, a estabilização da forma da obra resultou também do máximo aproveitamento do espaço livre do terreno.

O projecto de Carrilho da Graça, para além de se distinguir das outras bibliotecas devido à separação das áreas de acesso público e privado, sem relação interna entre elas, e se destacar por ser o único exemplo estudado em que o programa se desenvolveu num piso único, evidencia-se também pelos acessos ao edifício. De facto, embora seja notável o esforço de criar acessos a partir dos dois arruamentos para a entrada principal, a entrada de serviço e acesso privado ao piso inferior (onde existem as áreas técnicas e de depósito) localiza-se no sítio onde o cidadão pode subir as escadas de acesso à plataforma da cota dos serviços da biblioteca. Comparando com os outros edifícios, estes têm as entradas de serviço separadas das públicas, em pontos opostos.

Em Ílhavo, destaca-se o facto de o espaço da secção de leitura de adultos ser iluminado maioritariamente pela luz que atravessa uma grande clarabóia criada. Enquanto nos outros projectos, a luz penetra pelas janelas, aqui, os jogos de pé-direito e tectos inclinados permitem a reflexão da luz nas paredes e tectos brancos, de modo a iluminar todo a área de trabalho, a partir do alto. Mesmo nos locais onde somos confrontados com um vão aberto numa parede, a luz que penetra no interior vem já reflectida do exterior. Os arquitectos desta obra conceberam a área principal tendo em conta os princípios de bem-estar do leitor e a preservação dos livros. Em Tavira e Viana do Castelo, os sistemas de iluminação são mistos, com janelas e rasgos nas coberturas, embora a iluminação a partir do tecto não se destine aos espaços de leitura.

A Biblioteca de Viana do Castelo distingue-se das restantes pela forma e estrutura únicas. É o único edifício com uma estrutura mista e com o acabamento tão próprio da linguagem de Siza Vieira. O arquitecto elevou a biblioteca até ao segundo piso, com as secções infanto-juvenil e de adultos juntas, inviabilizando a criação de espaços exteriores relacionados e acessíveis a partir dos serviços da biblioteca. Em contraste, em Tavira, Ílhavo e Oliveira de Azeméis os projectos contam com pátios ao ar livre que permitem relações a partir das diferentes áreas.

De entre as bibliotecas estudadas, a Biblioteca de Viana do Castelo distingue-se também por ser a única que não distancia a secção infanto-juvenil da secção de adultos. Enquanto os outros arquitectos recuaram a sala de leitura de adultos relativamente às áreas mais movimentadas, onde optaram por localizar o espaço dos mais novos, Siza entendeu que deveria organizar o programa de um modo distinto, juntando as áreas de biblioteca aos restantes serviços de acesso ao público.

A organização das salas de leitura foi feita de dois modos diferentes. Em Ílhavo e Tavira, uma vez que a área disponibilizada é mais pequena (e o número de habitantes também é inferior) a delimitação das zonas define uma zona exclusiva de leitura. Por sua vez, em Viana do Castelo e Oliveira de Azeméis as estantes que albergam os livros separam espaços destinados à leitura, estando intercaladas por mesas e cadeiras. Deste modo, elas criam sucessivos espaços de trabalho muito intimistas. No projecto de Siza a concepção destes espaços é sublinhada uma vez que o arquitecto, para além de zonas de trabalho de grupo, criou também zonas de trabalho individual.

No século XXI, a biblioteca pode ser vista como uma janela para o mundo, não só como fonte e centro de troca de informação, mas também como um local aprazível, com inúmeros serviços oferecidos a um leque de indivíduos completamente distintos. Os espaços de uma biblioteca são pensados com determinada função para determinado público-alvo, desde salas de leitura geral a espaços infantis, sem esquecer o cidadão comum que procura uma confortável cafetaria ou uma sala de espectáculos onde possa assistir a uma peça, a um filme ou uma conferência. Todas estas ofertas representam um forte contributo para a formação cultural do cidadão e, talvez por isso mesmo, têm surgido centros culturais com programas idênticos aos das bibliotecas públicas.

Tal como noutros projectos, o arquitecto tem que estudar os vários aspectos do programa a desenvolver. Assim, a sua tarefa vai muito além do projecto de um edifício: ele tem que pensar cuidadosamente no espaço, nas pessoas e nas relações entre os dois. O que, de início, pode surgir como uma ideia ou vontade, acaba por ser testado em projecto. É nesse trabalho que as soluções começam a tomar forma, que os espaços se tornam lugares com identidade e se começam a delinear estratégias para a formalização do edifício. É também nesta fase que os problemas se multiplicam com as

inúmeras exigências funcionais e legais, sendo essencial consultar técnicos do mundo bibliotecário: são eles que, no futuro, irão trabalhar neste espaço e que irão sentir as dificuldades de um mau projecto ou, pelo contrário, a funcionalidade aliada à boa organização do espaço demonstrando, assim, o sucesso do exercício de criação do arquitecto.

Os quatro casos que foram objecto de análise neste trabalho são exemplos de bibliotecas da actualidade, de equipamentos que demonstram ser mais do que simples espaços onde a informação nos é facultada: é ali que nos dirigimos para fazer uma pesquisa, para ficar a ler, a estudar ou a trabalhar ou, simplesmente para momentos de tranquila descontração. Quatro casos que demonstram como a arquitectura, aliando o seu poder de inovação e encantamento à capacidade de dar resposta às novas realidades emergentes, no cumprimento dos objectivos de um programa, concebe espaços com características cada vez mais adequadas à utilização desejada e idealiza ambientes de grande qualidade.

BIBLIOGRAFIA

- 21ST CENTURY LIBRARIES: CHANGING FORMS, CHANGING FUTURES. [Em linha]. London: Museum Libraries Archives, 2004. [Consult. 22.Fev.2012]. Disponível em: <http://cdigital.uv.mx/bitstream/123456789/6176/2/Doc.pdf>
- ACERCA DA BIBLIOTECA DE ARTE. *Fundação Calouste Gulbenkian: Biblioteca de Arte* [Em linha]. [Consult. 25.Mai.2012]. Disponível em: <http://www.biblarte.gulbenkian.pt/index.php?article=35&visual=1&langId=1>
- ANTUNES, Filipe - Cadeia dá lugar a Biblioteca em Tavira. *Barlavento Online*. 30 de Junho de 2005. [Em linha]. [Consult. 27.Mar.2012]. Disponível em: <http://www.barlavento.pt/index.php/noticia?id=317&tnid=5>
- ARQBIBLIOTECAS. [Em linha]. [Consult. 2.Fev.2012] Disponível em: <http://arqbibliotecas.blogspot.com/search/label/bibliotecas>
- ARQUITECTURA IBÉRICA: BIBLIOTECAS. 1 (2004). Caleidoscópio, 2004. ISSN 1645-9415
- ARQUITECTURA IBÉRICA: BIBLIOTECAS. 17 (2006). Caleidoscópio, 2006. ISSN 1645-9415
- ATELIER LOPES DA COSTA - Biblioteca Ferreira de Castro. *Arquitectarte*. [Em linha]. [Consult. 13.Jul.2012]. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=abttae0hcLA&feature=related>
- BEATO, Filipe (coord.) - *Revista Trimestral da Câmara Municipal de Tavira: Cuidar do nosso Património*. 24 (2007). [Em linha]. Tavira: Câmara Municipal de Tavira. [Consult. 8.Jun.2012]. Disponível em: http://www.cm-tavira.pt/cmt/parameters/cm-tavira/files/File/Revista_CMT/Revista_24.pdf
- BETTER PUBLIC LIBRARIES. [Em linha]. London. [Consult. 22.Fev.2012]. Disponível em: <http://webarchive.nationalarchives.gov.uk/20110118095356/http://www.cabe.org.uk/files/better-public-libraries.pdf>
- BIBLIOTECA DE SIZA É ATRACÇÃO. *O Primeiro de Janeiro*. 10 de Março de 2008. [Em linha]. [Consult. 8.Mar.2012]. Disponível em: http://www.biblioteca.cm-viana-castelo.pt/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=367&Itemid=24
- BIBLIOTECA FERREIRA DE CASTRO. *Habitar Portugal 2006-2008: Selecção Mapei / Ordem dos Arquitectos*. [Em linha]. [Consult. 6.Jan.2011]. Disponível em: <http://www.habitarportugal.org/ficha.htm?id=193>
- BIBLIOTECA MUNICIPAL DE ÍLHAVO. ARX. [Em linha]. [Consult. 25.Jun.2012]. Disponível em: <http://www.arx.pt/pt/construido/180-biblioteca-ilhavo>

- BIBLIOTECA MUNICIPAL DE VIANA DO CASTELO. *G.O.P.*. [Em linha]. [Consult. 21.Jun.2012]. Disponível em: <http://www.gop.pt/index.php#!/projecto-detalle/projecto=209&catProj=1/>
- [Biblioteca Municipal Ferreira de Castro]. [Em linha]. [Consult. 8.Jun.2012]. Disponível em: http://www.bm-ferreiradecastro.com/documentos/bmfc_areas.pdf
- BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL. [Em linha]. [Consult. 20.Mar.2012]. Disponível em: <http://www.bnportugal.pt>
- BIBLIOTECA TRA SPAZIO E PROGETTO: V CONFERENZA NAZIONALE PER I BENI LIBRARY. Milano: Editrice Bibliografica, 1998. ISBN 88-7075-489-8
- BIBLIOTECA UNIVERSITARIA DE AVEIRO. *El Croquis: Alvaro Siza 1995-1999*. Madrid: El Croquis Editorial, 1999. ISSN 0212-5683
- BIBLIOTECAS DE HOJE. [Em linha]. [Consult. 5.Jun.2012]. Disponível em: <http://bibliotecashoje.blogspot.pt/>
- BORGES, Jorge Luís - *Ficções*. [Em linha]. [Consult. 1.Mar.2012]. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/46984477/Jorge-Luis-Borges-Ficcoes-pdf-rev>
- BRAWNE, Michael - *Bibliotecas: Arquitectura – Instalaciones*. Barcelona: Editorial Blume, 1970
- BÜRKLE, J. Christoph - *Hans Scharoun*. Trad. Pamela Johnson. Germany: Studio Paperback, 1993. ISBN 1-874056-80-3. pp. 136-137
- CALIXTO, José António - *Bibliotecas para a Vida: Literatura, Conhecimento, Cidadania*. Lisboa: Edições Colibri, Maio de 2007. ISBN 978-972-772-699-8
- CALIXTO, José António - *Bibliotecas para a Vida II: Bibliotecas e Leitura*. Lisboa: Edições Colibri, 2010. ISBN 978-972-772-949-4
- CARVALHO, Ricardo - Da Biblioteca para a Cidade. ARX. [Em linha]. [Consult. 13.Jul.2012]. Disponível em: <http://www.arx.pt/pt/sobre-a-arx/324-ricardo-carvalho-da-biblioteca-para-a-cidade>
- CCDR; PROAlgarve - *Ficha Projecto: Eixo 1, Medida 2*. [Em linha]. 2007. [Consult. 5.Jul.2012]. Disponível em: http://www.ccdr-alg.pt/ccdr/parameters/ccdr-alg/files/File/documentos/proalgarve/FichaProj_Eixo1Medida2.pdf
- COLIN, Silvio - Racionalismo e Arquitetura. *Coisas da Arquitetura*. [Em linha]. [Consult. 23.Mar.2012]. Disponível em: <http://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2010/06/09/racionalismo-e-arquitetura>
- CONCURSO PARA A ELABORAÇÃO DO PROJECTO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE OLIVEIRA DE AZEMÉIS: MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA. Fevereiro de

2000. [Em linha]. [Consult. 14.Fev.2012]. Disponível em: http://www.bm-ferreiradecastro.com/documentos/projecto_bmfc_memoria_descritiva.pdf
- CORDEIRO, Cristina - Ler e conviver com prazer. *Cubo*. 8 (2008). [Em linha]. [Consult. 2.Fev.2012]. Disponível em: http://www.jalopesdacosta.com/images/PDF/n08_biblioteca_oliveira_de_azemeis.pdf
- CÍRCULOS DE SABER: BIBLIOTECA DE LA ACADEMIA PHILLIPS EXETER. *Monografias de Arquitectura e Vivienda: Louis I. Kahn*. [Em linha]. Madrid: Arquitectura Viva SL, Fevereiro de 2001. [Consult. 21.Mar.2012]. Disponível em: <http://www.sendspace.com/file/6rx3wd>. ISSN 0213-487X
- DERNTL, Maria Fernanda - A Arquitectura do Diálogo Criativo. *AU: Arquitectura e Urbanismo*. [Em linha]. Nº144, Março de 2006. [Consult. 5.Mar.2012]. Disponível em: <http://www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/144/imprime22118.asp>
- DIRECÇÃO-GERAL DO LIVRO E DAS BIBLIOTECAS. [Em linha]. [Consult. 21.Fev.2012]. Disponível em: <http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugues/Paginas/home.aspx>
- ECO, Umberto - *A Biblioteca*. Trad. Maria Luísa Rodrigues de Freitas. Viseu: Difel Editorial, 1987.
- ESPAÇOS DA ESCOLA: BIBLIOTECA GERAL. *Televisão Web - Universidade de Coimbra*. [Em linha]. [Consult. 28.Maio.2012]. Disponível em: <http://ucv.uc.pt/ucv/podcasts/os-espacos-da-escola/espacos-da-escola-biblioteca-geral>
- FAULKNER-BROWN, Harry - Some thoughts on the design of major library buildings. *Intelligent Library Buildings: proceedings of the tenth seminar of the IFLA section on library buildings and equipment*. [Em linha]. [Consult. 6.Jun.2012]. Disponível em: <http://archive.ifla.org/VII/s20/rep/intlib1.pdf>. pp. 11-26
- FERNANDES, José Manuel - *21 Projectos do Século 21: Reflexos da Arquitectura Portuguesa na década actual*. [Em linha]. [Consult. 2.Jul.2012]. Disponível em: <http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1482/1/Jose%20Manuel%20Fernandes.pdf>
- FERNÁNDEZ-GALIANO, Luis - Libro o Bibliotecas. *Arquitectura Viva*. 63 (1998). ISSN 0214-1256
- FERNÁNDEZ-GALIANO, Luis - Desórdenes de la Memoria – De la Biblioteca al archivo: inventario en tres movimientos. *Arquitectura Viva*. 63 (1998). ISSN 0214-1256
- FERRÃO, Pedro - A Construção da Casa da Livraria da Universidade de Coimbra. In DIAS, Pedro (coord.) - *Actas do Colóquio: A Universidade e a Arte. 1290-1990*. Coimbra: Instituto de História de Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993. pp. 85-127. ISBN 972-9309-07-8.

- FIGUEIREDO, Fernanda Eunice - Os Serviços da Biblioteca Pública: Diretrizes da IFLA/UNESCO. [Em linha]. *Cadernos de Biblioteconomia Arquivística e Documentação: Cadernos BAD*. Portugal. [Consult. 28.Mai.2012]. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/385/38500111.pdf>. ISSN: 0007-9421
- FIGUEIREDO, Fernanda Eunice - *Rede Nacional de Bibliotecas Públicas: actualizar para responder a novos desafios*. [Em linha]. Lisboa: 2004. [Consult. 24.Fev.2012]. Disponível em: <http://www.apbad.pt/CadernosBAD/Caderno12004/Figueiredo.pdf>
- Fundação Calouste Gulbenkian: Biblioteca de Arte*. [Em linha]. [Consult. 28.Mai.2012]. Disponível em: <http://www.biblarte.gulbenkian.pt/index.php?article=35&visual=1&langId=1>
- GABRIEL, Vítor - *Biblioteca Municipal de Ílhavo*. [Em linha]. [Consult. 13.Jul.2012]. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=FJQLckTUiT4&feature=related>
- GÓMEZ HERNÁNDEZ, J. A. - *Tema 7. El edificio de la biblioteca*. [Em linha]. [Consult. 6.Jun.2012]. Disponível em: <http://www.um.es/gtiweb/jgomez/bibgen/intranet/07edificio.PDF>
- Habitar Portugal 2003-2005*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2006. pp. 96-97, 168-169. ISBN 978-972-8897-20-8
- HARRISON, K. C. - *Public Libraries Today*. London: Crosty Lockwood & Ltd, 1963
- HAVEMOS DE IR A VIANA VER A ARQUITECTURA. [Em linha]. *Ordem dos Arquitectos*. [Consult. 18.Jun.2012]. Disponível em: <http://www.arquitectos.pt/?no=2020491612,156>
- HERRERA MORILLAS, José L.; PÉREZ PULIDO, Margarita - Tema 8. El edificio: espacio y equipamientos. In *Introducción a la Biblioteconomía: Manual del alumno universitario*. [Em linha]. [Consult. 24.Mai.2012]. Disponível em: http://eprints.rclis.org/bitstream/10760/15449/7/Edificio_Tema-8.pdf
- HÖFER, Candida - *Libraries*. Germany: Thames and Hudson, 2006. ISBN 13-978-0-500-54314-6
- ÍLHAVO. Câmara Municipal - Biblioteca - Regulamento da Biblioteca Municipal. [Em linha]. [Consult. 16.Jun.2012]. Disponível em: http://www.bibliotecamunicipal.cm-ilhavo.pt/PortalWeb/_Rainbow/Documents/regulamento_bmi.pdf
- INAUGURAÇÃO DA BIBLIOTECA DE VIANA. *MinhoActualTV*. [Em linha]. [Consult. 28.Mai.2012]. Disponível em: <http://videos.sapo.pt/HWNtgY9IQTuii9GEFz9I>
- ISASI, Justo - *Lecturas Canónicas - Tres bibliotecas de maestros: Estocolmo, Viipuri y Exeter. Arquitectura Viva*. 63 (1998). ISSN 0214-1256

- J. A. LOPES DA COSTA : *ATELIER DE ARQUITECTURA*. [Em linha]. [Consult. 22.Jun.2012]. Disponível em : <http://www.jalopesdacosta.com/>
- JEAN, Raymond - *Bibliothèques: une Nouvelle Génération dix ans de Constructions pour le Lecture Publique*. France: Ministère de LÉducatons et de la Culture, 1993
- KOHANE, Peter - La búsqueda de la 'forma' de Louis I. Kahn: ámbitos públicos y privados en las bibliotecas de la Washington University y la Phillips Exeter Academy. In GOLLER, Bea (Coord.) - *Bibliotecas*. Barcelona: Publicaciones del Col.legi d'Arquitectes de Catalunya, 1989. ISBN 84-600-7266-5
- LAHTI, Louna - *Alvar Aalto 1898-1976: Paraíso para gente comum*. Trad. Astrid Paiva Boléo. Germany: Tashen, 2006. ISBN 978-3-8228-3732-0
- LER PARA CRESCER: BIBLIOTECA MUNICIPAL DE ÍLHAVO. [Em linha]. [Consult. 26.Jun.2012]. Disponível em: http://195.23.38.178/casadaleitura/portalpha/bo/documentos/proj_crescer_a_2.pdf
- LEVINE, Neil - *Modern Architecture: Representation and Reality*. Yale University Press, 2009. ISBN 978-0-300-14567-0
- MANIFESTO DA UNESCO SOBRE BIBLIOTECAS PÚBLICAS. [Em linha]. Novembro de 1994. [Consult. 27.Fev.2012]. Disponível em: http://www.cm-moura.pt/concursos%20pessoal/6_assistente%20tecnico/legislacao/manifesto_unesco_sobre_bibliotecas_publicas.pdf
- MANGUEL, Alberto - *Uma História da Leitura*. Trad. Ana Saldanha. 2ª ed. Lisboa: Editorial Presença, Maio de 1999. ISBN 972-23-2339-3
- MALPIQUE, Cruz - *Introdução Sentimental às Bibliotecas*. Porto: Livraria Ofir, 1962
- MELVIN, Jeremy - *...ismos: Entender a Arquitectura*. Lisma Editora, 2006. ISBN 972-8819-72-2
- MILHEIRO, Ana Vaz; AFONSO, João; NUNES, Jorge - *Álvaro Siza, Candidatura ao Prémio UIA Gold Medal 2005*. Casal de Cambra: Ordem dos Arquitectos, 2007. ISBN 978-972-8897-09-3
- MIRALDO, Miguel Simões Ferreira - *Luz: o Espaço de uma Biblioteca*. Universidade de Coimbra, 2001. Prova final (Licenciatura em Arquitectura)
- MIRANDA, Antonio - *Arquitetura de Bibliotecas: Experiência Brasileira*. [Em linha]. [Consult. 17.Mai.2012]. Disponível em: http://antoniomiranda.com.br/ciencia_informacao/art_arquitetura.pdf
- MOURA, Maria José (coord.) - *Relatório sobre as Bibliotecas Públicas em Portugal*. [Em linha]. Lisboa: Ministério da Cultura, 1996. [Consult. 21.Fev.2012]. Disponível em: http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugues/bibliotecasPublicas/documentacaoBibliotecas/Documents/1996_RelatorioRNBP.pdf

- MUÑOZ COSME, Alfonso - Colecciones y Conexiones - El espacio de la biblioteca a través de la historia. *Arquitectura Viva*. 63 (1998). ISSN 0214-1256
- MUÑOZ COSME, Alfonso - De las bibliotecas híbridas a la biblioteca global. In *IV Jornada Profesional de la Red de Bibliotecas del Instituto Cervantes: bibliotecas para el lector digital: relación, espacio y tecnología*. [Em linha]. Madrid: 15 de Dezembro de 2011. [Consult. 24.Maio.2012]. Disponível em: http://eprints.rclis.org/bitstream/10760/16540/1/munoz_cosme_alfonso.pdf
- MUÑOZ COSME, Alfonso - *Los Espacios del Saber: Historia de la Arquitectura de las Bibliotecas*. Gijón: Ediciones Trea, 2004. ISBN 84-9704-102-X
- NUNES, Manuela Barreto - *Comunicação e Bibliotecas*. [Em linha]. 2005/2006. [Consult. 24.Fev.2012]. Disponível em: <http://www2.egi.ua.pt/cursos/files/RI/2%20-%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20e%20bibliotecas%20v2.pdf>
- OBRAS CONSTRÚIDAS, BIBIOTECA MUNICIPAL DE ÍLHAVO, PORTUGAL. *Concursos de Projecto*. [Em linha]. [Consult. 13.Jul.2012]. Disponível em: <http://concursosdeprojeto.org/2011/12/05/obras-construidas-biblioteca-municipal-de-ilhavo-portugal/>
- OLEIRO, Margarida; HEITOR, Célia - *20 Anos da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas: Um balanço (possível) do grau de cumprimento do programa*. [Em linha]. Lisboa. [Consult. 28.Fev.2012]. Disponível em: http://rcbp.dglb.pt/pt/ServProf/Documentacao/Documents/Comunicacao_MOLEIRO_CHeitor_10CongBAD.pdf
- OLIVEIRA, Bruno Miguel Machado de - *Mercados para a Cultura: Biblioteca Municipal de Viana do Castelo*. [Em linha]. Faculdade de Economia da Universidade do Porto. Porto, Novembro de 2009. [Consult. 8.Mar.2012]. Disponível em: http://issuu.com/brunodeoliveira/docs/biblioteca_municipal_de_viana_do_castelo__case_stu#download
- ORNELAS, João - *Biblioteca Municipal de Tavira*. [Em linha]. [Consult. 12.Jul.2012]. Disponível em: <http://www.flickr.com/photos/joaoornelas/sets/72157600836465175/>
- PANÃO, Luis Alberto Gomes - Organização e Funcionalidades das Bibliotecas, Tema 1.3: Evolução da Arquitectura das Bibliotecas. [Em linha]. [Consult. 13.Jul.2012]. Disponível em: http://spip.lponline.eu/IMG/pdf/Tema_1-3_-_Evolucao_da_Arquitectura_das_Bibliotecas.pdf
- PARDAL MONTEIRO ARQUITECTOS. [Em linha]. [Consult. 20.Mar.2012]. Disponível em: <http://www.pardalmonteiro.com>
- PIMENTA, Joana (coord.) - *Atelier d'Arquitectura J. A. Lopes da Costa*. Lisboa: Caleidoscópio, Junho de 2010. ISBN 978-989-658-068-1

- PRIETO GUTIÉRREZ, Juan José - El Espacio bibliotecario, de custodia a consulta. *Revista Interamericana de Bibliotecología*. [Em linha]. 31: 2. Colombia: Julho-Dezembro de 2008. ISSN 0120-0976. Pp. 143-159. [Consult. 24.Mai.2012]. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/bitstream/10760/12887/1/Art.6.pdf>
- REBELO, Carlos Alberto - *A Difusão da Leitura Pública: As Bibliotecas Populares (1870-1910)*. Porto: Caminho das Letras, Fevereiro de 2002. ISBN 972-610-495-5
- REDE DE CONHECIMENTO DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS. [Em linha]. [Consult. 21.Fev.2012]. Disponível em: <http://rcbp.dglb.pt/pt/Paginas/default.aspx>
- RESTAURO DA ANTIGA PRISÃO E RECONVERSÃO EM BIBLIOTECA DE TAVIRA: 2000-2001. *Arquitectura Ibérica: Reabilitação*. 12 (2005). Caleidoscópio, 2005. ISSN 1645-9415
- RIBEIRO, Alexander Borges - *Bibliotecas Públicas do Brasil: passado, presente e futuro*. [Em linha]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008. [Consult. 13.Mar.2012]. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17857/000718838.pdf?sequence=-1>
- ROMERO, Santi - *La Arquitectura de la Biblioteca: Recomendaciones para un Proyecto Integral*. 2ª ed. Barcelona: Colección Papers Sert, Dezembro de 2003. ISBN 84-96185-15-X
- ROSA, Joseph - *Louis I. Kahn 1901-1974: Espaço Iluminado*. Trad. Astrid Paiva Boléo. Germany: Tashen, 2007. ISBN 978-3-8365-0009-8
- ROTH, Diana Eibner - *A Luz como Elemento Compositivo na Arquitectura Contemporânea*. Universidade Técnica de Lisboa, 1997. Tese (Mestrado em Arquitectura). pp. 88-103
- SAINZ, Jorge; MATOS, Madalena Cunha; CHAVES, Mário - *Álvaro Siza, 1986-1995*. Lisboa: Editorial Blau, 1995. ISBN 972-8311-00-01
- SANTOS, José Paulo dos - *Alvaro Siza: Obras y Proyectos 1954-1992*. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli. ISBN 84-252-1513-7
- SEVILHA, Ana Rita - Cultura de Transparências. *Traço*. 6 (2008). [Em linha]. [Consult. 2.Fev.2012]. Disponível em: http://www.jalopesdacosta.com/images/PDF/n06_cultura_de_transparencias.pdf
- SIMÕES, João Carmo - *Biblioteca de Ílhavo*. [Em linha]. [Consult. 13.Jul.2012]. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=F_Ck7Vt8qUs
- SLESSOR, Catherine - Lendo História. *ARX*. [Em linha]. [Consult. 13.Jul.2012]. Disponível em: <http://www.arx.pt/pt/sobre-a-arx/322-catherine-slessor-lendo-historia>
- SMITH, Karen M., et al. - *Library Design*. Italy: TeNeues, 2007. ISBN 978-3-8327-9204-6

- SOLAGUREN-BEASCOA, Félix - *Arne Jacobsen: Aproximación a la Obra Completa 1950-1971*. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, 2001. pp. 7-27, 192-197. ISBN 84-931388-7-8
- STRUCTURES AND INFRASTRUCTURES: LIBRARY IN VIANA DO CASTELO*. [Em linha]. [Consult. 21.Jun.2012]. Disponível em: http://www.cmm.pt/htmls/files/eccs2007awards_CMM_VianaCasteloLibrary_vs_protected.pdf
- SWARTZBURG, Susan Garretson - *Libraries and Archives: Design with a Preservation Perspective*. London: The Scarecrow Press, 1998
- SYRING, Eberhard; KIRSCHENMANN, Jörg C. - *Hans Scharoun 1893-1972: Marginal do Modernismo*. Trad. Marta Theriaga Mendes. Germany: Tashen, 2006. ISBN 978-3-8228-3733-7
- TEORIA, CONCEPTO Y FUNCIÓN DE LA BIBLIOTECA*. [Em linha]. Outubro de 2000. [Consult. 13.Mar.2012] Disponível em: <http://sabus.usal.es/docu/pdf/Concepto.PDF>
- THE BUILDING: VIIPURI LIBRARY*. [Em linha]. [Consult. 2.Fev.2012]. Disponível em: <http://www.alvaraalto.fi/viipuri/building.htm>
- THE SCHOOL OF ARCHITECTURE AT MCGILL UNIVERSITY*. [Em linha]. [Consult. 5.Jun.2012]. Disponível em: <http://www.arch.mcgill.ca/prof/mellin/arch671/winter2000/mhall/change.htm>
- TRAÇA, Carina - GOP leva obra aos ECCS Awards 2007. *Construir*. [Em linha]. [Consult. 16.Jun.2012]. Disponível em: <http://www.construir.pt/2007/06/15/gop-leva-obra-aos-eccs-awards-2007/>
- USHERWOOD, Bob - *A Biblioteca Pública como Conhecimento Público*. Lisboa: Editorial Caminho, Setembro de 1999
- VIEIRA, Álvaro Siza; SOBREIRA, João Maria; FREITAS, Pedro - Projectos e Obras: Biblioteca Municipal de Viana do Castelo. *Engenharia e Vida*. 24 (2006). [Em linha]. [Consult. 2.Fev.2012]. Disponível em: http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&ved=0CD AQFjAC&url=http%3A%2F%2Fwww.biblioteca.cm-viana-castelo.pt%2Findex.php%3Foption%3Dcom_docman%26task%3Ddoc_dow
- VIIPURI LIBRARY, ALVAR AALTO, 1935*. [Em linha]. [Consult. 22.Mai.2012]. Disponível em: http://www-bcf.usc.edu/~kcoleman/Precedents/ALL%20PDFs/Aalto_ViipuriLibrary.pdf
- WREDE, Stuart - *La Arquitectura de Erik Gunnar Asplund*. Trad. Ramón Martínez Castellone. Barcelona: Ediciones Júcar, 1992. ISBN 84-334-7035-3

FONTES DAS IMAGENS

1. <http://reflow.scribd.com/7yxynfbi4gt8195/images/image-1.jpg>
2. <http://www.bible-researcher.com/papy66big.jpg>
3. <http://www.oztorah.com/wp-content/uploads/2012/02/megillah1.jpg>
4. <http://aordemdorpg.blogspot.com/2011/05/licao-educacao-na-idade-media.html>
5. MUÑOZ COSME, Alfonso - *Los Espacios del Saber: Historia de la Arquitectura de las Bibliotecas*. Gijón: Ediciones Trea, 2004. p.59
6. http://www.art-prints-on-demand.com/kunst/noartist/f/florencepalazzo_medici_bibliot.jpg
7. http://geometriefluide.files.wordpress.com/2010/02/biblioteca_malatestiana.jpg
8. MUÑOZ COSME, Alfonso - *Los Espacios del Saber: Historia de la Arquitectura de las Bibliotecas*. Gijón: Ediciones Trea, 2004. p. 79
9. http://rationalargumentator.com/johannes_gutenberg.jpg
10. http://www.pebblesandbuttons.com/wp-content/uploads/2012/02/Gutenberg_presse.jpg
- 11 e 12. MUÑOZ COSME, Alfonso - *Los Espacios del Saber: Historia de la Arquitectura de las Bibliotecas*. Gijón: Ediciones Trea, 2004. p. 89
13. <http://esunmomento.es/ImagenME/El%20Escorial%204.jpg>
14. MUÑOZ COSME, Alfonso - *Los Espacios del Saber: Historia de la Arquitectura de las Bibliotecas*. Gijón: Ediciones Trea, 2004. p. 113
15. http://1.bp.blogspot.com/-1xgCRw9P2j0/TICf99-L6II/AAAAAAAAACyk/4-tD5-Gm7P4/s1600/Escorial_3.jpg
16. <http://www.dublin.es/fotos/trinity-college-old-library.jpg>
17. <http://www.tafter.it/wp-content/uploads/2010/12/vallicelliana.jpg>
18. http://2.bp.blogspot.com/_Tc4oF1rX-cc/Swh2w7rYMrI/AAAAAAAAAq0/Nwse9cOudQI/s1600/IMG_1432.JPG
19. http://figaro.fis.uc.pt/joanina/fotos/slide_1/large-2.html
20. http://voutsadakis.com/GALLERY/ALMANAC/Year2010/Feb2010/02122010/Etienne-Louis_Boullée_Nationalbibliothek.jpg
21. MUÑOZ COSME, Alfonso - *Los Espacios del Saber: Historia de la Arquitectura de las Bibliotecas*. Gijón: Ediciones Trea, 2004. p. 170
22. [http://image.wetpaint.com/wiki/bibliotecas/image/1q7SI58HEWcUOB14WHDRq\\$Q==38846/GW401H291](http://image.wetpaint.com/wiki/bibliotecas/image/1q7SI58HEWcUOB14WHDRq$Q==38846/GW401H291)
23. http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4d/Biblioth%C3%A8que_Sainte-Genevi%C3%A8ve_floor_plan.jpg
24. <http://archsoc.westphal.drexel.edu/New/Gene1.jpg>
25. http://farm8.staticflickr.com/7008/6834580947_2b27b9c483.jpg
26. http://www.christinerefern.com/wp-content/uploads/2010/09/Desmazieres_3-585x428.jpg

27. http://www.kingsacademy.com/mhodges/11_Western-Art/22_Later-19th-Century-Realism/Architecture/Labroste_Interior_Ste_Genevieve-Library_1843-50_PLZ-153.jpg
28. <http://cfife29.uf.tistory.com/image/185C0B284B65943B73FAC4>
29. http://classconnection.s3.amazonaws.com/482/flashcards/1165482/jpg/ste._genev1328669986744.jpg
30. http://www.greatbuildings.com/cgi-bin/gbc-drawing.cgi/Boston_Public_Library.html/Boston_Library_Elev.jpg
31. http://www.erikgunnarasplund.com/galleri3/800x600_SSB_1.jpg
- 32 a 36. <http://arqbibliotecas.blogspot.pt/search/label/bibliotecas>
37. <http://cosmogeny.files.wordpress.com/2009/01/a.jpg>
38. <http://www.alvaraalto.fi/viipuri/img/building/lainaus2.jpg>
39. http://4.bp.blogspot.com/-tWJV64Uo1UM/TybmAiL5Xcl/AAAAAAAAAx4/mg5VfAdvUwE/s400/DSC_0019.jpg
40. http://2.bp.blogspot.com/-pWLkLRgPksY/TZuOH3sS_oI/AAAAAAAAABR0/loqGejWfEQE/s1600/lainaus.jpg
41. http://comunidad.muchoviaje.com/CS/photos/en_los_pases_nrdicos/images/5149/425x284.aspx
42. http://1.bp.blogspot.com/_KKByGBh0xRM/S_BIFdWRh6I/AAAAAAAAABBU/6AOLdBqgIFU/s1600/skylightwellc_000.jpg
43. SOLAGUREN-BEASCOA, Félix - *Arne Jacobsen: Aproximación a la Obra Completa 1950-1971*. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, 2001. p. 192
44. <http://4.bp.blogspot.com/-FTKp2fqXTXk/Tzlx2UK5BLI/AAAAAAAAAHA/9MIOMpPxepl/s1600/planos.1.gif>
45. <http://1.bp.blogspot.com/-y578lePmgLY/Tzlx3VdKzBI/AAAAAAAAAHM/ce9jrOjBkTY/s1600/planos.2.jpg>
46. SYRING, Eberhard; KIRSCHENMANN, Jörg C. - *Hans Scharoun 1893-1972: Marginal do Modernismo*. Trad. Marta Theriaga Mendes. Germany: Tashen, 2006. p. 85
- 47 e 48. http://es.wikiarquitectura.com/index.php/Biblioteca_nacional_de_Francia
- 49 e 50. <http://www.besthouse-designs.com/seattles-new-public-library-break-down-the-rigid-rules-of-architecture.html>
51. ROMERO, Santi - *La Arquitectura de la Biblioteca: Recomendaciones para un Proyecto Integral*. 2ª ed. Barcelona: Colección Papers Sert, Dezembro de 2003. p. 95
52. http://4.bp.blogspot.com/_6_up-NlpS44/Su0_DTD7Rol/AAAAAAAAAB-Q/yPGJ7mWKJFw/s640/French+National+Library.jpg
53. http://2.bp.blogspot.com/_yJBfBpkcFM0/TOOWognKGI/AAAAAAAAAHI/aM2Z7_yctME/s1600/5_analisis2_2.jpg
54. <http://en.vyborg-info.ru/envyborginfo/images/stories/aalto.jpg>
55. <http://www.wmf.org/sites/default/files/imagecache/project/images/project/RUS-Viipuri-LendHall-rf02.jpg>
- 56 e 57. SYRING, Eberhard; KIRSCHENMANN, Jörg C. - *Hans Scharoun 1893-1972: Marginal do Modernismo*. Trad. Marta Theriaga Mendes. Germany: Tashen, 2006. p. 84

58. <http://raquelportillo.pbworks.com/f/1300926230/ex3psef8.jpg>
59. http://farm4.static.flickr.com/3477/3768915000_85b1563c83.jpg
- 60 a 63. FG + SG Fotografia de Arquitectura. Disponível em: <http://ultimasreportagens.com/ultimas.php>
64. *A Propósito de um projecto – Biblioteca Municipal de Tavira*. Arquitectura Ibérica: Bibliotecas. 17 (2006). Caleidoscópio, 2006. p. 26
65. <https://maps.google.pt/>
66. <http://www.cm-tavira.pt/site/content/camara-biblioteca/biblioteca-municipal-%C3%A1lvaro-de-campos>
- 67 e 68. FG + SG Fotografia de Arquitectura. Disponível em: <http://ultimasreportagens.com/ultimas.php>
69. *A Propósito de um projecto – Biblioteca Municipal de Tavira*. Arquitectura Ibérica: Bibliotecas. 17 (2006). Caleidoscópio, 2006. p. 25
- 70 a 72. FG + SG Fotografia de Arquitectura. Disponível em: <http://ultimasreportagens.com/ultimas.php>
73. *A Propósito de um projecto - Biblioteca Municipal de Tavira*. Arquitectura Ibérica: Bibliotecas. 17 (2006). Caleidoscópio, 2006. p. 29
- 74 a 77. *A Propósito de um projecto - Biblioteca Municipal de Tavira*. Arquitectura Ibérica: Bibliotecas. 17 (2006). Caleidoscópio, 2006. p. 28
- 78 a 82. FG + SG Fotografia de Arquitectura. Disponível em: <http://ultimasreportagens.com/ultimas.php>
83. *A Propósito de um projecto - Biblioteca Municipal de Tavira*. Arquitectura Ibérica: Bibliotecas. 17 (2006). Caleidoscópio, 2006. p. 32
84. [http://www.cm-tavira.pt/site/sites/default/files/styles/galleryformatter_slide/public/BMAC%20\(1\).jpg](http://www.cm-tavira.pt/site/sites/default/files/styles/galleryformatter_slide/public/BMAC%20(1).jpg)
85. <http://olhares.sapo.pt/tavira-biblioteca-municipal-foto2989913.html>
86. *A Propósito de um projecto - Biblioteca Municipal de Tavira*. Arquitectura Ibérica: Bibliotecas. 17 (2006). Caleidoscópio, 2006. p. 30
87. *A Propósito de um projecto - Biblioteca Municipal de Tavira*. Arquitectura Ibérica: Bibliotecas. 17 (2006). Caleidoscópio, 2006. p. 31
- 88 e 89. FG + SG Fotografia de Arquitectura. Disponível em: <http://ultimasreportagens.com/ultimas.php>
90. FG + SG Fotografia de Arquitectura. Disponível em: <http://www.arx.pt/pt/construido/180-biblioteca-ilhavo>
91. FG + SG Fotografia de Arquitectura. Disponível em: <http://ultimasreportagens.com/ultimas.php>
- 92 e 93. FG + SG Fotografia de Arquitectura. Disponível em: <http://www.arx.pt/pt/construido/180-biblioteca-ilhavo>
- 94 e 95. <http://www.bing.com/maps/>
96. FG + SG Fotografia de Arquitectura. Disponível em: <http://ultimasreportagens.com/ultimas.php>
- 97 a 100. FG + SG Fotografia de Arquitectura. Disponível em: <http://www.arx.pt/pt/construido/180-biblioteca-ilhavo>
- 101 a 103 - FG + SG Fotografia de Arquitectura. Disponível em: <http://ultimasreportagens.com/ultimas.php>

104. <http://concursosdeprojeto.org/2011/12/05/obras-construidas-biblioteca-municipal-de-ilhavo-portugal/>
- 105 a 108. <http://concursosdeprojeto.org/2011/12/05/obras-construidas-biblioteca-municipal-de-ilhavo-portugal/>
- 109 e 110. FG + SG Fotografia de Arquitectura. Disponível em: <http://www.arx.pt/pt/construido/180-biblioteca-ilhavo>
- 111 a 114. FG + SG Fotografia de Arquitectura. Disponível em: <http://ultimasreportagens.com/ultimas.php>
115. FG + SG Fotografia de Arquitectura. Disponível em: <http://concursosdeprojeto.org/2011/12/05/obras-construidas-biblioteca-municipal-de-ilhavo-portugal/>
- 116 e 117. FG + SG Fotografia de Arquitectura. Disponível em: <http://www.arthitectural.com/arx-ilhavo-city-library/bibliotecailhavo>
- 118 a 120. <http://concursosdeprojeto.org/2011/12/05/obras-construidas-biblioteca-municipal-de-ilhavo-portugal/>
- 121 e 122. FG + SG Fotografia de Arquitectura. Disponível em: <http://www.arx.pt/pt/construido/180-biblioteca-ilhavo>
123. FG + SG Fotografia de Arquitectura. Disponível em: <http://www.arthitectural.com/arx-ilhavo-city-library/bibliotecailhavo>
- 124 a 127. FG + SG Fotografia de Arquitectura. Disponível em: <http://ultimasreportagens.com/siza.php>
- 128 - *Biblioteca Municipal de Viana do Castelo*. Arquitectura Ibérica: Bibliotecas. 17 (2006). Caleidoscópio, 2006. p. 64
- 129 a 131. FG + SG Fotografia de Arquitectura. Disponível em: <http://ultimasreportagens.com/siza.php>
- 132 e 133. <http://www.flickr.com/photos/m-tjon/6983328896/in/photostream/>
134. *Biblioteca Municipal de Viana do Castelo*. Arquitectura Ibérica: Bibliotecas. 17 (2006). Caleidoscópio, 2006. p. 78
135. *Biblioteca Municipal de Viana do Castelo*. Arquitectura Ibérica: Bibliotecas. 17 (2006). Caleidoscópio, 2006. p. 76
136. *Biblioteca Municipal de Viana do Castelo*. Arquitectura Ibérica: Bibliotecas. 17 (2006). Caleidoscópio, 2006. p. 77
137. *Biblioteca Municipal de Viana do Castelo*. Arquitectura Ibérica: Bibliotecas. 17 (2006). Caleidoscópio, 2006. p. 78
- 138 a 140. FG + SG Fotografia de Arquitectura. Disponível em: <http://ultimasreportagens.com/siza.php>
141. <http://www.flickr.com/photos/m-tjon/6983328896/in/photostream/>
142. FG + SG Fotografia de Arquitectura. Disponível em: <http://ultimasreportagens.com/siza.php>
143. <http://www.flickr.com/photos/m-tjon/6983328896/in/photostream/>
144. FG + SG Fotografia de Arquitectura. Disponível em: <http://ultimasreportagens.com/siza.php>
- 145 a 148. *Biblioteca Municipal de Viana do Castelo*. Arquitectura Ibérica: Bibliotecas. 17 (2006). Caleidoscópio, 2006. p. 77
149. *STRUCTURES AND INFRASTRUCTURES: LIBRARY IN VIANA DO CASTELO*. Disponível em: http://www.cmm.pt/htmls/files/eccs2007awards_CMM_VianaCasteloLibrary_vsprotected.pdf

150. <http://www.flickr.com/photos/m-tjon/7129342043/in/photostream/>
151. http://4.bp.blogspot.com/_J7ly8xchWP4/TNMJ5GrD_TI/AAAAAAAAAAM/K2onOp2Exlc/s1600/P9262524.JPG
152. AGUIAR, Manuel. Disponível em: <http://www.jalopesdacosta.com>
153. <http://goo.gl/fWN7u>
154. <http://paginas.fe.up.pt/~ei08004/images/stories/5.jpg>
155. AGUIAR, Manuel. Disponível em: <http://www.habitarportugal.org/ficha.htm?id=193>
156. <http://www.bing.com/maps/>
157. <http://www.habitarportugal.org/ficha.htm?id=193>
- 158 a 161. AGUIAR, Manuel. Disponível em: <http://www.jalopesdacosta.com>
- 162 e 163. <http://www.habitarportugal.org/ficha.htm?id=193>
164. AGUIAR, Manuel. Disponível em: <http://www.jalopesdacosta.com>
165. <http://www.iduna.pt/oliveiraazemeisPT.html>
- 166 e 167. AGUIAR, Manuel. Disponível em: <http://www.habitarportugal.org/ficha.htm?id=193>
168. AGUIAR, Manuel. Disponível em: <http://www.jalopesdacosta.com>
169. AGUIAR, Manuel. Disponível em: <http://www.habitarportugal.org/ficha.htm?id=193>
- 170 a 175. <http://www.habitarportugal.org/ficha.htm?id=193>

ANEXOS

Anexo 1: MANIFESTO DA UNESCO SOBRE BIBLIOTECAS PÚBLICAS

A liberdade, a prosperidade e o progresso da sociedade e dos indivíduos são valores humanos fundamentais. Só serão atingidos quando os cidadãos estiverem na posse das informações que lhes permitam exercer os seus direitos democráticos e ter um papel activo na sociedade. A participação construtiva e o desenvolvimento da democracia dependem tanto de uma educação satisfatória como de um acesso livre e sem limites ao conhecimento, ao pensamento, à cultura e à informação.

A biblioteca pública-porta de acesso local ao conhecimento fornece as condições básicas para a aprendizagem ao longo da vida, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural do indivíduo e dos grupos sociais.

Este Manifesto proclama a confiança que a UNESCO deposita na Biblioteca Pública, enquanto força viva para a educação, cultura e informação, e como agente essencial para a promoção da paz e do bem-estar espiritual através do pensamento dos homens e mulheres. Assim, a UNESCO encoraja as autoridades nacionais e locais a apoiar activamente e a comprometerem-se no desenvolvimento das bibliotecas públicas.

A BIBLIOTECA PÚBLICA

A biblioteca pública é o centro local de informação, tornando prontamente acessíveis aos seus utilizadores o conhecimento e a informação de todos os géneros.

Os serviços da biblioteca pública devem ser oferecidos com base na igualdade de acesso para todos, sem distinção de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua ou condição social. Serviços e materiais específicos devem ser postos à disposição dos utilizadores que, por qualquer razão, não possam usar os serviços e os materiais correntes, como por exemplo minorias linguísticas, pessoas com deficiências, hospitalizadas ou reclusas.

Todos os grupos etários devem encontrar documentos adequados às suas necessidades. As colecções e serviços devem incluir todos os tipos de suporte e tecnologias modernas apropriados assim como materiais tradicionais. É essencial que sejam de elevada qualidade e adequadas às necessidades e condições locais.

As colecções devem reflectir as tendências actuais e a evolução da sociedade, bem como a memória do esforço e da imaginação da humanidade. As colecções e os serviços devem ser isentos de qualquer forma de censura ideológica, política ou religiosa e de pressões comerciais.

MISSÕES DA BIBLIOTECA PÚBLICA

As seguintes missões-chave, relacionadas com a informação, a literacia, a educação e a cultura deverão ser a essência dos serviços da biblioteca pública:

- Criar e fortalecer hábitos de leitura nas crianças, desde a primeira infância;
- Apoiar a educação individual e a autoformação, assim como a educação formal a todos os níveis;
- Oferecer possibilidades de um criativo desenvolvimento pessoal;
- Estimular a imaginação e criatividade das crianças e jovens;
- Promover o conhecimento sobre a herança cultural, o apreço pelas artes e pelas realizações e inovações científicas;
- Facilitar o acesso às diferentes formas de expressão cultural das manifestações artísticas;
- Fomentar o diálogo intercultural e, em especial, a diversidade cultural;
- Apoiar a tradição oral; Assegurar o acesso dos cidadãos a todos os tipos de informação à comunidade;
- Proporcionar serviços de informação adequados às empresas locais, associações e grupos de interesse;
- Facilitar o desenvolvimento da capacidade de utilizar a informação e a informática;
- Apoiar, participar e, se necessário, criar programas e actividades de alfabetização para os diferentes grupos etários.

FINANCIAMENTO, LEGISLAÇÃO E REDES

Os serviços da biblioteca pública devem, por princípio, ser gratuitos. A biblioteca pública é da responsabilidade das autoridades locais e estatais. Deve ser objecto de uma legislação específica e financiada pelos governos nacionais e locais. Tem de ser uma componente essencial de qualquer estratégia a longo prazo para a

cultura, o acesso à informação, a literacia e a educação. Para assegurar a coordenação e cooperação das bibliotecas, a legislação e os planos estratégicos devem ainda definir e promover uma rede nacional de bibliotecas, baseada em padrões de serviço previamente acordados. A rede de bibliotecas públicas deve ser criada em relação com as bibliotecas nacionais, regionais, de investigação e especializadas, assim como com as bibliotecas escolares e universitárias.

FUNCIONAMENTO E GESTÃO

Deve ser formulada uma política clara, definindo objectivos, prioridades e serviços, relacionados com as necessidades da comunidade local. A biblioteca pública deve ser eficazmente organizada e mantidos padrões profissionais de funcionamento. Deve ser assegurada a cooperação com parceiros relevantes, por exemplo, grupos de utilizadores e outros profissionais a nível local, regional, nacional e internacional.

Os serviços têm de ser fisicamente acessíveis a todos os membros da comunidade. Isto pressupõe a existência de edifícios bem situados, boas condições para a leitura e o estudo, assim como o acesso a tecnologias adequadas e horários convenientes para os utilizadores. Implica igualmente serviços destinados àqueles a quem é impossível frequentar a biblioteca.

Os serviços da biblioteca devem ser adaptados às diferentes necessidades das comunidades das zonas urbanas e rurais. O bibliotecário é um intermediário activo entre os utilizadores e os recursos disponíveis. A formação profissional contínua do bibliotecário é indispensável para assegurar serviços adequados. Têm de ser levados a cabo programas de formação de utilizadores de forma a fazê-los beneficiar de todos os recursos.

APLICAÇÃO DO MANIFESTO

Aos que têm poder de decisão, a nível nacional e local, e à comunidade bibliotecária, em todo o mundo, pede-se que apliquem os princípios expressos no presente Manifesto.

Este Manifesto foi preparado em cooperação com a Federação Internacional das Associações de Bibliotecários e de Bibliotecas (IFLA) e aprovado pela UNESCO em Novembro de 1994.